

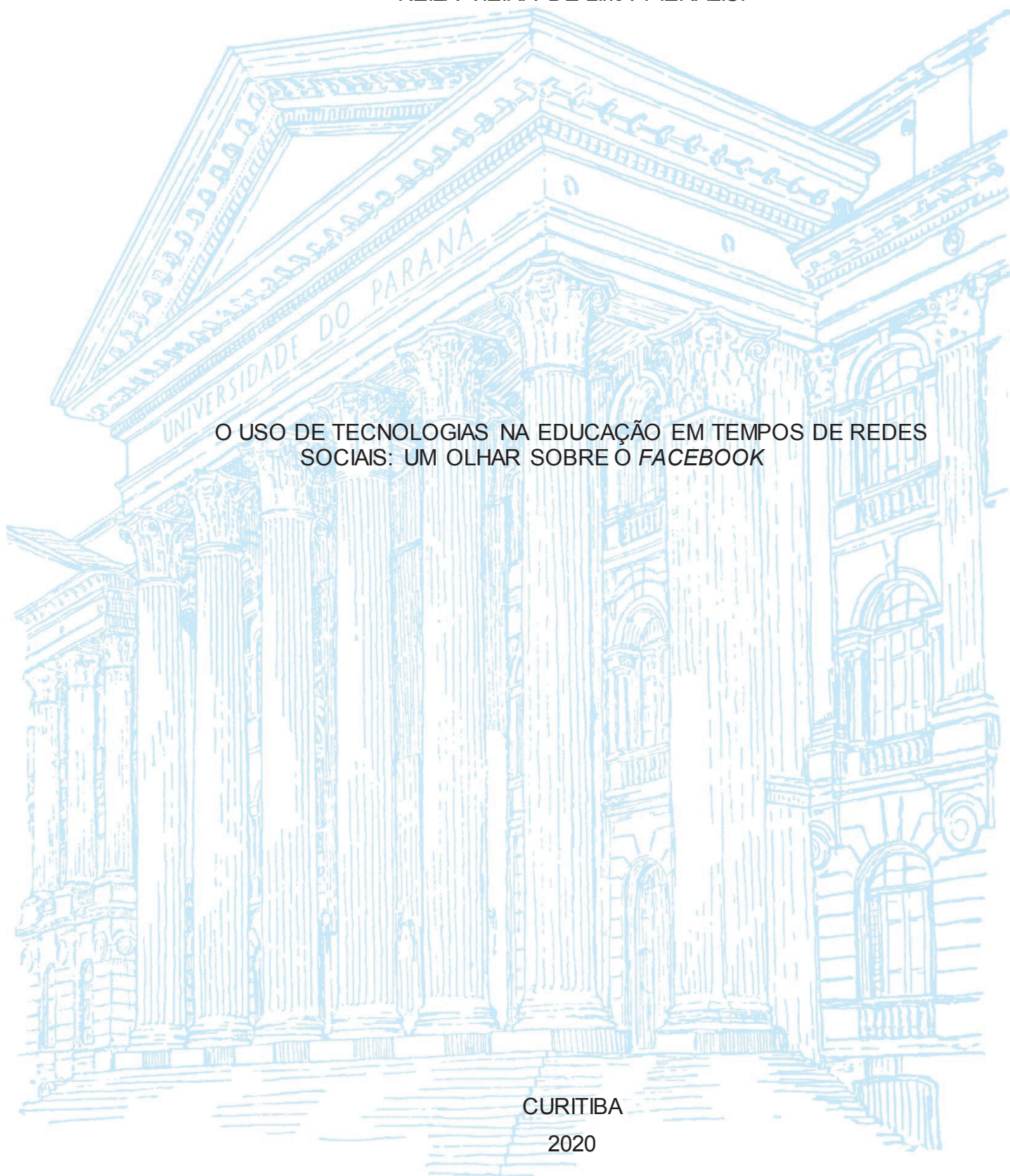
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KEILA VIEIRA DE LIMA PIERALISI

O USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE REDES
SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE O *FACEBOOK*

CURITIBA

2020



KEILA VIEIRA DE LIMA PIERALISI

O USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE REDES
SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE O *FACEBOOK*

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gláucia da Silva Brito

Coorientador: Prof. Dr. Gilberto de Castro

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Pieralisi, Keila Vieira de Lima.

O uso de tecnologias na educação em tempos de rede social : um olhar sobre o Facebook / Keila Vieira de Lima Pieralisi. – Curitiba, 2020.
158 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Glaucia da Silva Brito

Coorientador: Prof. Dr. Gilberto de Castro

1. Tecnologia educacional. 2. Cibercultura. 3. Redes sociais. 4.
Facebook (Rede social on-line). 5. Tecnologia da informação. 6. Língua
portuguesa – Ensino auxiliado por computador. I. Título. II. Universidade
Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **KEILA VIEIRA DE LIMA PIERALISI** intitulada: **O USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE REDE SOCIAL: UM OLHAR SOBRE O FACEBOOK**, sob orientação da Profa. Dra. GLAUCIA DA SILVA BRITO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Dezembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

15/01/2021 11:24:45.0

GLAUCIA DA SILVA BRITO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

15/01/2021 23:24:26.0

JACQUES DE LIMA FERREIRA

Avaliador Interno (CENTRO UNIVERSITÁRIO SOCIESC)

Assinatura Eletrônica

18/01/2021 10:00:24.0

NURIA PONS VILARDELL CAMAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Ao Bento e Joaquim, sobrinho e afilhado, que nasceram no mesmo momento em que iniciei a escrita dessa dissertação e por isso dividiram minha dedicação com ela.

AGRADECIMENTO

Difícil agradecer porque esse momento vem se constituindo há 43 anos e muitos contribuíram de diferentes formas. Mas vamos lá, primeiro agradeço às minhas raízes, aos que vieram antes. E me refiro aos que não estão mais presentes em sua forma física, mas desbravaram os caminhos para que eu pudesse trilhar com maior facilidade. E as raízes mais próximas que me deram a vida, meus pais Ivanete e Wentworth, obrigada pela incansável tarefa de me humanizar, ensinar o amor e incentivar os meus estudos. Ao meu companheiro, Nelson Pieralisi Júnior, que ao seu modo e com muito bom senso acolheu e participou de todo o processo, contribuindo muito para que fosse possível.

Ao meu irmão, Allison (que nos olha lá de cima), e minha irmã Karina e irmão caçula Ivan (Tiko), que em todo tempo não desistiram de ouvir sobre a pesquisa e perguntar como ela andava. Às minhas cunhadas e cunhados: Juliana Ribas, Maria Luiza e Catarina, Moisés, Ricardo e Rodrigo tão presentes e não perderam uma comemoração e aflição do processo. Também aos sogros Nelson e Denise, pelo carinho, orações e consolo.

À toda minha família gigantesca representada por tios, tias, primos, primas, que tem uma presença forte na minha vida.

À banca avaliadora, professora Núria Pons e ao professor Jacques Ferreira, que demonstram carinho, comprometimento e uma capacidade intelectual afetiva gigantesca, orientando caminhos para o meu processo de pesquisa.

Agradeço a professora e orientadora Glauca Brito, porque sem você eu não teria essa história para contar. Jamais esquecerei os teóricos que conheci na sua disciplina, a inauguração de novas emoções na minha vida: a primeira publicação, a primeira apresentação em um evento internacional e claro, o ingresso num programa de mestrado acadêmico na Universidade Federal do Paraná. Obrigada, professora.

Agradeço ao professor Gilberto de Castro, meu coorientador, um intelectual com características de sonhador, que se colocou ao meu lado como "um bicho igual a mim, simples e humano. Sabendo se mover e comover". Gilberto, obrigada por acolher e dividir de forma tão gentil seu tempo, cafés e conhecimento. Sem dúvidas, de várias maneiras contribuiu para esvaír o sentimento do intangível que tantas vezes me consumiu. Obrigada por incentivar tanto, pelas orientações tão sérias e comprometidas sobre o Círculo de Bakhtin.

Agradeço todo o amor recebido dos amigos de longa data e aos que me aproximei no mestrado, obrigada pelas memórias que construímos. Obrigada Egui, Marlon, Gilian, Marcelo Cabarrão, Maria Ravazzani e João Acuio, Nilo Netto, Jair Gabardo, Fabiano Moreno e Sayuri, Greiton Toledo, Sabrina Cadori, Dani Nery, Diele, Caro e Fagner, Sergio Henrique, Gabriela, Naia, Renato, Gisele, Márcia.

Ao meu revisor de língua, professor Cleverson Carneiro, que reencontrei pelo *Facebook* e com um extremo bom senso e tranquilidade ajudou nos últimos ajustes e revisou o texto com todo cuidado. E ao amigo Rafael Proença que tão carinhosamente traduziu o resumo desta dissertação.

Agradeço também aos meus anjos da saúde que me ensinam cuidar melhor do meu corpo físico e espiritual: Maria Teresa Bertollini, Ademir Fagundes e Miguel Luiz de Oliveira.

EPÍGRAFE

Comunicar não é de modo algum transmitir uma mensagem ou receber uma mensagem. Isso é a condição física da comunicação. É certo que para comunicar, é preciso enviar mensagens, mas enviar mensagens não é comunicar. Comunicar é partilhar sentido. [...] E pode-se dizer que comunicar é tentar ter alguma coisa em comum. Portanto, é, necessariamente, um verdadeiro encontro.

Pierre Lévy.

RESUMO

Quando utilizamos um site de rede social nos inserimos num ambiente de formação e aprendizagem e por isso essas redes podem se constituir como ferramentas pedagógicas aliadas ao trabalho em sala de aula. Nesta pesquisa, investigamos o uso pedagógico do *Facebook* no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na Educação Básica. Para isso, partimos do problema de pesquisa: quais as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica. E na busca de possíveis soluções elencamos como objetivo geral: compreender as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa. A fundamentação teórica da pesquisa ancorada em Levy (1999), Lemos (2010), Bakhtin (2011) e Recuero (2009), possibilitou discutirmos sobre cibercultura, interação social, redes sociais na internet e o uso pedagógico do *Facebook*. Orientados pela abordagem qualitativa do tipo exploratória, aplicamos questionário *online* para 69 professores de Língua Portuguesa e entrevistamos 2 professoras de Língua Portuguesa da educação básica da cidade de Curitiba - PR. O resultado dessa pesquisa está fundamentado nos relatos coletados durante as entrevistas e foram analisados e interpretados à luz de pressupostos teóricos e com base na interpretação e reflexão do ponto de vista da pesquisadora. Assim, nos relatos percebemos que o uso pedagógico do *Facebook* contribuiu para o ensino e aprendizagem em sala de aula tornando-os mais interativos, dinâmicos, dialógicos e assíncronos, rompendo e ampliando o espaço da sala de aula presencial. Influenciou na interação entre estudantes e professores, tornando os estudantes mais partícipes do processo, gerando engajamento, produções coletivas, possibilitando um diálogo de assíncrono e ininterrupto. Além disso, nas práticas pedagógicas relatadas pelas professoras percebemos que o *Facebook* é um espaço de leitura e fonte de notícias, com a circulação de Fake News e com isso possibilita um debate sobre a produção de sentidos, a propagação de discursos de caráter simbólico, ideológico e social numa dimensão macro.

Palavras-chave: Cibercultura; *Facebook*; Redes Sociais; Tecnologias na educação; Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT

When we use a social networking site, we are part of a training and learning environment and that is why these networks can constitute pedagogical tools combined with classroom activities. In this research, we investigated the pedagogical use of Facebook in the teaching and learning of the Portuguese Language in Basic Education. In order to do so, we started from the research problem: what are the possibilities of using the Facebook social network in the process of teaching and learning the Portuguese language in the context of Basic Education. And in the search for possible solutions, we list as a general objective: to understand the possibilities of using the Facebook social network in the process of teaching and learning in the discipline of Portuguese Language. The theoretical foundation of the research anchored in Levy (1999), Lemos (2010), Bakhtin (2011) and Recuero (2009), allowed us to discuss cyberculture, social interaction, social networks on the internet and the pedagogical use of Facebook. With a qualitative exploratory approach, we applied an online questionnaire to 69 Portuguese language teachers and interviewed 2 Portuguese language teachers from basic education in the city of Curitiba - PR. The result of this research is based on the reports collected during the interviews and were analysed and interpreted in the light of theoretical assumptions and based on the interpretation and reflection from the researcher's point of view. Thus, in the reports we realized that the pedagogical use of Facebook contributed to teaching and learning in the classroom, making them more interactive, dynamic, dialogical and asynchronous, breaking and expanding the space of the classroom. It influenced the interaction between students and teachers, making students more participants in the process, generating engagement, collective productions, enabling an asynchronous and uninterrupted dialogue. In addition, in the pedagogical practices reported by the teachers, we realized that Facebook is a space for reading and a source of news, with the circulation of Fake News and thereby enabling a debate on the production of meanings, the propagation of discourse of a symbolic, ideological character and social in a macro dimension.

Keywords: Cyberculture; Facebook; Social Networks; Technology in Education; The Bakhtin Circle.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. QR CODE DA ENTREVISTA - O QUE É CIBERCULTURA: EDUCAR NA CULTURA DIGITAL.....	32
FIGURA 2. ASCENSÃO DAS REDES SOCIAIS NO MUNDO.....	69
FIGURA 3. QR CODE: TUDO QUE O <i>FACEBOOK</i> SABE SOBRE VOCÊ.....	77
FIGURA 4. <i>REACTION EMOJI</i> NO <i>FACEBOOK</i>	78

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: PERFIL DOS SUJEITOS.....	103
TABELA 2: PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

BREXIT - Junção de “Britain” e “exit”

CNS - Conselho Nacional de Saúde

DCE - Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná de Língua Portuguesa

GEPPETE - Grupo de Estudos e Pesquisa Professor, Escola e Tecnologias Educacionais

IES - Instituição de Ensino Superior

MEC - Ministério da Educação

MIT - *Massachusetts Institute of Technology*

OMS - Organização Mundial da Saúde

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PRD - Paraná Digital

SECOM - Secretaria Especial de Comunicação Social

SEED - Secretaria de Estado da Educação do Paraná

SNS - *Social Network Sites*

SRS - Sites de Redes Sociais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WEB - *World Wide Web*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1.ORIGEM DA PESQUISA E TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA	14
1.2.JUSTIFICATIVA	17
1.3.PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS.....	23
2.CIBERCULTURA, INTERAÇÃO SOCIAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS	25
2.1.AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E A CIBERCULTURA.....	25
2.2.A INTERAÇÃO SOCIAL NA CIBERCULTURA	43
3. REDE SOCIAL NA INTERNET E EDUCAÇÃO	62
3.1.REDES SOCIAIS NA INTERNET	62
3.2.FACEBOOK.....	70
3.3.USO PEDAGÓGICO DO FACEBOOK: UMA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO POSSÍVEL	84
4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	101
4.1.ABORDAGEM DA PESQUISA	101
4.2.ETAPA 1 - QUESTIONÁRIO - ESCOLHAS DOS SUJEITOS DE PESQUISA.....	102
4.3.ETAPA 2 DA PESQUISA: ENTREVISTA	105
4.4.O PROCESSO ÉTICO DAS PESQUISAS	109
4.5.ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS DA PESQUISA: RESULTADO E DISCUSSÃO	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	128
APÊNDICE 2 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS	131
APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA	132
APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	149
REFERÊNCIAS	150

1. INTRODUÇÃO

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade (FREIRE, 1996, p. 85).

1.1.ORIGEM DA PESQUISA E TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA¹

O presente estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, da Universidade Federal do Paraná - UFPR, integra a linha de pesquisa: Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação, do núcleo temático: Tecnologias na Educação, Educação a Distância e Formação de professores/as.

A origem dessa pesquisa está relacionada à inquietação ao longo da minha trajetória profissional. Desde pequena estive próxima a aparelhos como máquina fotográfica, gravador, microfone, caixa de som e isso me proporcionou uma facilidade com as ferramentas tecnológicas. Quando comecei a docência, no final da década de 1990, recorria ao retroprojeto, vídeo cassete e aparelho de som, e hoje em dia, é natural para mim o uso do giz/caneta, mas principalmente do projetor, do meu notebook e de uma caixa de som conectados o tempo todo em sala de aula.

Essa relação com as ferramentas me levou a uma experiência de trabalho, no início dos anos 2000, num laboratório de informática em uma escola pública estadual no estado do Mato Grosso do Sul. Devido ao receio de muitos em utilizar computadores, a direção da instituição não conseguia que os professores mais antigos assumissem a montagem de um laboratório de informática e fui eu quem acabou realizando. Na época, sem recursos para fazer um projeto, utilizei o jogo *The Sims* para organizar a localização da instalação de tomadas, computadores e mesas. Depois de pronto, tornei-me a professora responsável por aquele laboratório.

Nessa experiência a dificuldade era grande porque, diferentemente de mim, os professores não pareciam tão empolgados com a novidade. Eu emprestava da escola particular em que trabalhava no outro turno alguns CD-ROMs com softwares para incentivar diferentes disciplinas a utilizar os computadores, vivia nos corredores

¹ A parte introdutória do texto está escrita em primeira pessoa por trazer questões pessoais da pesquisadora e os demais capítulos estão na primeira pessoa do plural.

chamando os professores para irem ao laboratório, pedia para os mais próximos trazer seus estudantes, mas as desculpas eram sempre as mesmas: “não posso porque estou com conteúdo atrasado” ou “são muitos alunos para controlar” e com isso a procura era muito pequena. Parece-me que nessa época a maior preocupação e talvez o que mais afastasse os professores de utilizar o laboratório era a dificuldade em lidar com a própria ferramenta. Além disso, havia a questão do espaço no currículo para uma atividade extraclasse, pois no contra turno os estudantes daquela escola sempre estavam buscando utilizar os computadores para pesquisar, acessar aqueles *CD-ROMs* e o que mais pudessem realizar.

Eu chegava todos os dias, ligava todos os computadores, organizava a sala, vestia o jaleco e a demanda era muito pequena. Todo o esforço em manter aquele espaço cheio de grades por todo lado sendo utilizado era complexo, passei um tempo tentando fazer com que os alunos pudessem ir sozinhos, sem os professores, mas tudo era muito difícil quando envolvia tecnologia e com o tempo até eu mesma perdi a empolgação e desisti.

Em 2006, o uso da tecnologia em sala de aula surgiu novamente na minha vida, comecei a atuar em cursos de formação para professores da disciplina de Língua Portuguesa². Nessa época estavam sendo implantadas duas tecnologias nas escolas estaduais no Paraná: os laboratórios do Paraná Digital - PRD e a Televisão Multimídia³. Os televisores, adaptados com entrada USB, foram instalados em todas as salas de aula das escolas públicas estaduais e chamavam bastante atenção durante os cursos em que eu atuava, pois possibilitavam que levássemos em apenas um *pendrive* qualquer imagem, vídeo e áudio para a sala de aula.

Nesse período, estávamos no processo de construção coletiva de uma proposta curricular disciplinar para o estado do Paraná (Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná de Língua Portuguesa - DCE) e nas formações os professores

² Professora de Língua Portuguesa concursada na rede estadual do Paraná. Atuei como professora na educação básica, na equipe pedagógica de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado da Educação no Paraná-SEED/PR e como docente em cursos de Formação Continuada para professores de Língua Portuguesa dos diferentes municípios do estado e fora dele. Posteriormente, estive próxima de equipes pedagógicas dessa secretaria responsáveis por implantar políticas públicas para o uso de tecnologias educacionais do estado. Hoje sou coordenadora pedagógica e docente em cursos de curta e longa duração para professores e estudantes no Centro Estadual de Capacitação em Artes Guido Viaro, localizado em Curitiba.

³ Potencialidades Educativas dos objetos virtuais de aprendizagem para a TV Multimídia. Dolores Folador, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1418-6.pdf>. Acesso em 12 jan. 2020

pediram que incluíssemos na pauta a formação para o uso da TV Multimídia. Foi só nessa época que percebi o hiato na minha formação e na daqueles professores sobre como usar tecnologias na educação, e novamente esse debate não teve profundidade na minha vida. Porém, em 2012, ao ingressar no GEPETINHO⁴ - Grupo de Estudos coordenado pela professora Dr^a Gláucia Brito, tive condições de iniciar uma reflexão sobre o uso das tecnologias na educação. A partir desse período, eu percebi que gostaria de compreender o uso da tecnologia em sala de aula nas minhas aulas de Língua Portuguesa.

Ainda em 2006, quando debatíamos quais teóricos embasariam as Diretrizes Curriculares do Paraná, a teoria da linguagem do Círculo de Bakhtin foi a escolhida para fundamentar tal documento. Naquele período, minha equipe e eu realizamos um curso com o professor Dr. Gilberto de Castro a partir de textos base dos teóricos russos. Foi o primeiro contato com uma teoria que contribuiu diretamente para a minha prática pedagógica e vida pessoal. Assim, a escolha teórica pelo Círculo de Bakhtin nessa pesquisa foi, antes, uma escolha teórica pessoal, pois eu buscava a partir de uma teoria melhorar minha atitude enquanto leitora de mundo, enquanto professora de Língua Portuguesa que sou. Mesmo de forma incipiente diante da complexidade do debate que o Círculo desenvolveu resolvi trazer essa teoria para o mestrado na tentativa de articular os teóricos da tecnologia a essa teoria da linguagem.

Ao mesmo tempo, a vontade de explorar o universo que faz parte do cotidiano dos estudantes levou-me às redes sociais, haja vista que, diversas vezes, percebia a presença argumentativa deles nas diversas redes sociais, principalmente no *Twitter* e no *Instagram*. No meu cotidiano comecei a observar que o que circulava nas redes sociais se tornava tema das conversas, inspirava atitudes, jargões, estilos, moda e impactava na forma de ler o mundo e se posicionar. No momento de construir o projeto de mestrado recorri às inquietações e experiências mencionadas e por isso escolhi elencar uma Rede Social na internet para ser estudada.

⁴ Grupo de estudos inicial em pesquisa para acesso ao GEPETE, que é o Grupo de Estudos e Pesquisa Professor, Escola e Tecnologias Educacionais, coordenado pela professora Dr^a. Gláucia da Silva Brito.

1.2. JUSTIFICATIVA

Para (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 32) é fundamental entender que “[...] a tecnologia vai muito além do que meros equipamentos. Ela permeia por toda a nossa vida, inclusive as questões não tangíveis”. Assim, de forma intrínseca, sempre esteve presente em nossa relação com o mundo. As autoras, quando abordam o termo tecnologia, ultrapassam o caráter de aparato tecnológico e explicam que apenas o fato de aprender a manipular uma ferramenta não melhora nossas ações pedagógicas. Kenski (2007) aponta que as tecnologias não são apenas ferramentas digitais que se fazem muito presentes hoje, mas estão nas ações mais comuns como dormir, comer, trabalhar, ler e conversar, e são representadas por vários instrumentos como “[...] lápis, cadernos, canetas, lousas, giz e muitos outros produtos, equipamento e processos que foram planejados e construídos para que possamos ler, escrever, ensinar e aprender” (KENSKI, 2007, p. 24).

Para Brito e Purificação (2008) convivemos diariamente com as tecnologias, cada vez mais dominamos as habilidades técnicas necessárias para operar cada uma delas e, nos dias atuais, a grande mudança é que estamos diante das tecnologias digitais. Essas são aquelas que “têm o computador e a internet como instrumentos principais e se diferenciam das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pela presença do digital” (BRITO; SIMONIAN, 2016, p. 189).

Um debate sobre a sociedade contemporânea, assim, inclui considerar a grande mudança que advém do fato dos sujeitos utilizarem as tecnologias, além de todo o caráter sociocultural envolvido. Isso inclui também a reflexão sobre a “que tipo de educação estamos nos referindo e para que tipo de sociedade”, uma vez que o uso da tecnologia influencia no comportamento de uma sociedade (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 32). As autoras, amparadas em Bueno (1999), conceituam tecnologia como:

[...] um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 32).

As autoras refletem sobre a sociedade diante de uma tecnologia, explicando que seu uso incide diretamente na cultura que se constitui. Dentro desse debate importa trazer a conceituação de tecnologia apresentada por Sancho (1998) e muito utilizada nos contextos de formação de professores por Brito e Purificação (2008), pois remete a 3 grandes categorias em que nos amparamos: tecnologias físicas, organizadoras e simbólicas (SANCHO, 1998, p. 23-25). Assim, vejamos suas definições:

As tecnologias físicas: são as inovações de instrumentais físicos, tais como: caneta esferográfica, livro, telefone, aparelho celular, satélites, computadores. Tecnologias organizadoras: são formas de como nos relacionamos com o mundo; como os diversos sistemas produtivos estão organizados. Tecnologias simbólicas: estão relacionadas com a forma de comunicação entre as pessoas, desde a iniciação dos idiomas escritos e falados até como as pessoas se comunicam (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 33).

Nesta classificação elencamos as tecnologias simbólicas, relacionadas diretamente à comunicação entre as pessoas. Segundo Brito e Purificação (2008, p. 33), ao estudar um determinado grupo de tecnologias, optamos por considerar uma certa cultura, num “[...] momento social, político e econômico no qual estamos inseridos”, e, no nosso caso, a cultura do nosso tempo é a Cibercultura.

O processo de evolução tecnológica, que é nato dos seres humanos, vai além de ferramentas, equipamentos e softwares, por isso surgem as tecnologias simbólicas que estão relacionadas ao uso da linguagem. Na sociedade digital⁵, Brito e Purificação (2008) explicam que essas tecnologias perpassam os símbolos de comunicação ou interfaces de comunicação, expressos nos diferentes meios de comunicação como rádio, televisão e que na atualidade recai nas plataformas digitais, nas diversas redes sociais tão propagadas em nossa cultura.

Ao refletir sobre as tecnologias simbólicas, somos tentados a enxergar o impacto da apropriação tecnológica numa sociedade. Para Sancho (1998), a visão da tecnologia para além das ferramentas tecnológicas pressupõe inserir um mundo simbólico o impacto dos signos numa sociedade. Assim, colocamos a linguagem oral

⁵ Valente (2016) explica que a sociedade tecnológica é construída a partir da constatação da relação entre as tecnologias digitais e sociedade, considerando seus movimentos contemporâneos e reconhecendo um novo modo de vida baseado nas mídias digitais.

ou escrita e as relações humanas como elementos essenciais para reflexão e compreensão dos processos de uso e absorção de certas ferramentas ou signos num momento histórico.

Podemos dizer que na sociedade contemporânea estamos vivendo um momento em que a maneira de adquirir e produzir informação se modificou. A informação é digital e está atrelada ao uso de plataformas digitais de comunicação, como as redes sociais na internet, *blogs*, *Youtube*, *sites* e outras tecnologias que são grandes responsáveis por essa mudança. Isso, além de gerar uma imersão num “universo oceânico de informações” interligando mundialmente as pessoas pela conexão em rede, proporciona um espaço digital onde todos produzem e compartilham informação (LEVY, 1999, p. 17). Inseridos nesse contexto de sociedade estão os estudantes enquanto sujeitos da contemporaneidade, que ao se apropriar das tecnologias digitais influenciam e são influenciados por seu uso.

Pérez-Gómez (2015, p. 14) defende a necessidade de a escola incorporar as transformações culturais e sociais da sociedade, pois ao final da aula, quando nossos estudantes deixam o ambiente escolar e acessam a internet, eles se “[...] introduzem em um cenário de aprendizagem organizado de maneira radicalmente diferente”. Esse cenário é de ambientes não formais de aprendizagem, são lugares como as redes sociais na internet, aplicativos de mensagens instantâneas, plataforma de compartilhamento de vídeos e jogos, cuja informação é digitalizada, facilmente acessível, disponível, onipresente, em rede, e não há o controle do professor. Nesses cenários, o acesso à informação, os diálogos e a produção de conteúdo não têm filtros ou restrições geográficas.

Notadamente, nos últimos anos as pessoas tiveram um acesso muito maior ao uso da internet. Em 2019, a 14ª edição da TIC Domicílios⁶ publicou a pesquisa com 23.508 domicílios em 350 municípios do Brasil e mediu o uso e a apropriação das pessoas em relação às tecnologias. Constataram que 70% dos brasileiros utilizaram a Internet nos três meses que antecederam o estudo, o que corresponde a 126,9 milhões de pessoas. No recorte por classe socioeconômica, houve avanço no percentual de usuários das classes D e E, que passou de 30% em 2015 para quase metade dessa população em 2018, ou seja 48%. Esses dados comprovam o quanto o brasileiro está cada vez mais imerso na internet.

⁶ Pesquisa brasileira sobre as atividades *online* da população entre outubro 2018 a março 2019.

A pesquisa TIC *Kids Online* Brasil, realizada em 2018, investigou o uso por faixa etária e demonstrou que nossos estudantes, principalmente dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, estão conectados. A pesquisa apontou que 83% das crianças e adolescentes com idade entre 9 e 17 anos acessam a internet e 82% assumiram ter perfil em redes sociais. Embora saibamos que as redes sociais exigem a idade mínima de 13 anos⁷, 58% das crianças entre 9 e 10 anos apontaram ter perfis em redes sociais, sendo 23% no *Facebook* e 14% no *Instagram*.

Os adolescentes entre 15 e 17 anos são os mais presentes nas plataformas digitais, totalizando 97%, sendo o *WhatsApp* o mais mencionado com 72% e em segundo lugar o *Facebook* com 66% de usuários. Embora nesse relatório não haja um resultado sobre qual rede social esses estudantes utilizam efetivamente para produzir conteúdo e interagir, a quantidade de perfis no *Instagram* tem aumentado bastante e nos últimos anos percebeu-se a presença de 45% de usuários dessa faixa etária (CETIC, 2019).

Nesses relatórios encontramos também dados destacando que os estudantes se informam pela internet, pois 74% citaram desenvolver atividades de pesquisa e trabalhos escolares na internet, 63% mencionaram pesquisar por curiosidade ou conta própria e 53% dizem ler e assistir notícias na web. Desse modo, um número expressivo de adolescentes e jovens tem o universo digital em seu cotidiano e utiliza redes sociais para se entreter, proporcionar diálogo, acessar notícias ou informações.

A escola, enquanto espaço social com papel transformador na sociedade, precisa incorporar esse processo de transformação. Kenski (2012, p. 64) chama a atenção para o fato de que as tecnologias incorporadas no uso social dos estudantes, e que os inseriu em práticas de leitura e escrita fora da dinâmica escolar, são ainda utilizadas de maneira tímida em sala de aula, mas a escola tem o papel fundamental de “[...] preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informação e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas” e para isso pode utilizar-se da tecnologia como forte aliada. Entendemos como indesejável para a escola a apropriação de processos educativos que já acontecem fora da instituição, pois como apontam Knoll e Brito:

⁷ A lei americana de proteção à vida privada das crianças na internet, intitulada *Children's Online Privacy Protection Act* - COPPA (Ato de Proteção Online à Criança), impõe a idade mínima para que crianças tenham um perfil nas redes sociais.

Se nossos alunos agora “lêem”, “escrevem” e “pesquisam” em suportes digitais, conectados à internet, em um ambiente denominado Ciberespaço, que representa a materialização virtual do território no qual habita a Cibercultura, é lá que, como professores, também devemos estar (KNOLL, BRITO, 2011, p. 30).

Para as autoras, a análise das informações é essencial para a formação da cidadania e para a construção do conhecimento. Assim, é “[...] necessário que o professor entenda a tecnologia como um instrumento de intervenção na construção da sociedade democrática” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 16). Na sociedade contemporânea observamos que com o desenvolvimento da internet e o intenso uso de redes sociais na vida cotidiana nossos alunos estão “[...] lendo, escrevendo, pesquisando [...]” quando utilizam as ferramentas digitais e, principalmente, as redes sociais na internet.

Para contextualizar, o uso da terminologia “Redes Sociais na Internet” nesta pesquisa está ancorado em Recuero (2009a), que utiliza o termo para se referir às plataformas digitais de comunicação como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *LinkedIn* e outras que proporcionem conexão em rede, publicização das redes sociais de atores sociais (pessoas e empresas) e possibilitem a interação planetária. Assim, a autora utiliza esse termo para se referir ao lugar, ao cenário de dinâmicas sociais que permite a expressão dos diferentes sujeitos da sociedade. Nessa perspectiva, faremos um debate sobre uma tecnologia que proporciona a interação com a informação e entre os sujeitos, uma ferramenta que faz parte do cotidiano de mais da metade da população brasileira, incluindo nossos alunos. Por isso, problematizamos processos educativos atreladas ao uso dessa tecnologia na educação.

Quando falamos em tecnologias na educação partimos do entendimento das autoras Brito e Purificação (2008, p. 32), que afirmam que as ferramentas tecnológicas se tornam tecnologia educacional quando acontece a “[...] interação com o ambiente escolar no processo ensino-aprendizagem”. Tais ferramentas são “[...] toda e qualquer tecnologia que possam fazer parte da realidade escolar e contribuam para o ensino aprendizagem, podendo ser facilitadoras, mediadoras ou construtoras neste processo” (DREVEZ; BRITO, 2019, p. 04).

O uso dessas ferramentas na educação se justifica porque a escola é a instituição promotora da “[...] formação de um ser no/para o mundo em transformação e que possa desencadear uma mudança de atitude em relação ao problema do

conhecimento, superando a visão fragmentária e restrita do mundo” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 10). Assim, as redes sociais na internet, por exemplo, podem ser entendidas como tecnologia na educação na medida em que são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem de modo a proporcionar aprendizagens.

O documento curricular orientador da educação básica oficial do MEC, a Base Nacional Comum Curricular - (BNCC, 2018), instituída e orientada pela resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017, aponta em sua competência geral 5 para a necessidade de se desenvolver competências e habilidades relacionadas ao uso das tecnologias e informações que circulam no ambiente digital, assumindo a urgência de uma inclusão digital com o objetivo de promover uma alfabetização e o letramento digital em nossos estudantes. Nesse documento orientador encontramos também, em objetos de aprendizagem, indicações específicas sobre o uso das tecnologias na educação, a exploração da linguagem digital e produção de recursos digitais. Assim, de acordo com a BNCC (2018), a escola precisa incorporar o uso das tecnologias no intuito de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

Nesse contexto, a tecnologia não é vista apenas como um recurso ou meio para chegar ao conteúdo, ela exige ainda uma certa criticidade para sua escolha, pois precisa mobilizar conhecimentos e significados. Nesta pesquisa, inspirados pela tentativa de buscar um uso criativo e integrado das tecnologias na educação, buscamos explorar uma ferramenta tecnológica incorporada ao cotidiano de estudantes e professores, uma tecnologia educacional propiciadora da interação (comunicação) entre sujeitos e informação e os sujeitos entre si.

Desse modo, em um processo sucessivo de amadurecimento da pesquisa, vislumbramos o *Facebook* como um elemento de análise, mas as reflexões aqui deixadas poderão servir a qualquer outra rede social na internet que propicie a interação entre os sujeitos e com a informação, a publicização de redes sociais e a expressão das pessoas. No desenvolvimento dessa pesquisa, trouxemos também o resultado de um olhar que transitou em fatos da sociedade por meio de reportagens produzidas pela imprensa e de muita busca na internet em rede sociais, *YouTube* e

publicações em *blogs* de universidades. Assim, longe de esgotar o assunto ou descrever uma ferramenta tecnológica, apontamos, utilizando uma visão qualitativa, o uso pedagógico do *Facebook* em sala de aula a partir da análise de excertos de duas entrevistas realizadas com professoras de Língua Portuguesa da cidade de Curitiba - Paraná.

1.3. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A partir do contexto apresentado, essa investigação qualitativa tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: **Quais as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica?**

Na especificidade dessa pesquisa, preocupamo-nos com os dizeres e fazeres dos professores de Língua Portuguesa que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, áreas de atuação da pesquisadora. Por outro lado, a pesquisa busca, a partir de pressupostos teóricos e metodológicos que a sustentam, desvelar os sentidos do conjunto de aspectos que a norteiam. Para responder nosso problema de pesquisa elegemos como objetivo geral: **compreender as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa.**

Para responder a esse objetivo geral, evidenciamos três objetivos específicos e metodológicos que são:

- a) Descrever e refletir sobre o uso pedagógico da rede social *Facebook* no ensino de Língua Portuguesa.
- b) Investigar a partir dos professores de LP a utilização pedagógica da rede social *Facebook*.
- c) Identificar as principais contribuições e implicações do uso pedagógico da rede social *Facebook* no ensino de Língua Portuguesa.

A organização do texto está dividida em quatro seções. Na primeira seção trazemos a Introdução da pesquisa, com justificativa e as definições de tecnologia na educação que adotamos. A segunda seção, intitulada Cibercultura, interação social e tecnologias digitais, é destinada à fundamentação teórica sobre a cibercultura e seus fenômenos, descrevendo as transformações da sociedade e a convergência entre o social e o tecnológico que impactam nossa subjetividade.

Na terceira seção, nomeada Rede Social na Internet e Educação, desenvolvemos o conceito de redes sociais na internet utilizando o *Facebook* como *locus* de pesquisa para descrever propostas pedagógicas a partir do uso dessa rede social no processo de ensino e aprendizagem. A quarta seção está voltada à descrição do percurso metodológico, quando descrevemos as bases metodológicas e a abordagem qualitativa do tipo exploratória dessa pesquisa. Também nessa seção, desenvolvemos a descrição dos dados coletados e a interpretação e reflexão do ponto de vista da pesquisadora sobre o uso do *Facebook* a partir de relatos coletados por meio de entrevistas com dois docentes da Língua Portuguesa.

Para finalizar, retomamos o problema de pesquisa, os objetivos e os resultados finais da análise dos excertos dos professores, além dos próprios resultados desta pesquisa de mestrado. Esperamos que este estudo contribua para as pesquisas acadêmicas na área da educação, para o Grupo de Pesquisa GEPPETE e, principalmente, aos professores propensos à incansável tarefa de repensar sobre o ensino e a aprendizagem quando se utiliza ferramentas tecnológicas como recurso pedagógico.

2. CIBERCULTURA, INTERAÇÃO SOCIAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Uma manchete de jornal me informa que o Facebook sabe o tempo todo onde você está. Mesmo com a “função de geolocalização” desativada, ele analisa os aplicativos com que os seus dedinhos passam o dia brincando e isso basta para determinar o que está fazendo, onde, quando, como, por que e com quem. (Ruy Castro, Bem-vindo ao clube, Folha de São Paulo, 2020)⁸.

Em sua crônica, o escritor e colunista da *Folha de São Paulo*, Ruy Castro chama a atenção para o cotidiano na cibercultura, para as nossas experiências nas plataformas digitais e interações diárias, desde as mais simples são passíveis de produzir informações sobre as subjetividades e servir para manipular os usuários dentro e fora desse espaço. E assim, a reconfiguração e o gerenciamento de informação para fins sociais, econômicos, comerciais, estratégicos, políticos, até eleitorais, tem nos alcançado de maneira superdimensionada, pois essa é a dinâmica dos nossos comportamentos dialógicos dentro de uma sociedade digital.

Nessa seção, refletimos teoricamente sobre os avanços tecnológicos e seus impactos no cotidiano dos sujeitos. Na sociedade digital utilizamos tecnologias que viabilizam uma interação onipresente com a informação, proporcionando um cenário comunicacional ampliado, que tem proporcionado aos nossos estudantes cenários de aprendizagem e de expressão de visões de mundo, crenças, valores, opiniões, independentes do que vivenciam na escola. Como resultado, temos sujeitos imersos e interagindo com um volume de informação nunca visto e se constituindo neste espaço aberto e global de comunicação.

2.1. AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E A CIBERCULTURA

O desenvolvimento tecnológico, com as pessoas conectadas na internet e nas redes sociais, avançou e se modificou a ponto de produzir a cibercultura, uma nova cultura proveniente do ciberespaço⁹, que emerge da constituição de uma rede na

⁸ Bem-vindo ao Clube. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/01/bem-vindo-ao-clube.shtml> Acesso em 18 nov. 2020.

⁹ *Esse termo foi criado e mencionado pela primeira vez em 1984 por William Gibson. em seu romance de ficção científica chamado Neuromancer. Na época foi um marco, pois trouxe um cenário de redes*

internet ou na web¹⁰. A cibercultura é a cultura contemporânea, em que as tecnologias digitais estão presentes e permeiam toda a vida social. Essa cultura é um fenômeno emergente, que se manifesta a partir da interação entre os sujeitos utilizando tecnologias digitais no ciberespaço. Ela se dá a partir dos meios de comunicação que surgem da “[...] interconexão mundial de computadores [...]”, num espaço aberto e global de comunicação (LEVY, 1999, p. 17). O neologismo cibercultura, cunhado pelo autor, é explicado como o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LEVY, 1999, p. 17).

O ciberespaço é entendido como “[...] não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p. 17). Com o aparecimento da internet, que está em todo lugar (acessamos pelo telefone, televisão, computadores), surgiram também novas práticas culturais que, na medida que se transformaram, implicaram em mudanças no ciberespaço. Desse modo, são os sujeitos interagindo entre si e com os elementos do ciberespaço que produzem a cibercultura. Recorremos também a Lemos (2003) para explicar que as relações no ciberespaço perpassam as questões tecnológicas, culturais e sociais, para o autor:

O termo está recheado de sentidos, mas podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (LEMOS, 2003, p. 01).

A década de 70 é mencionada por Pérez-Gomez (2015, p. 15) como um período de grande influência para a cibercultura, porque foi cenário do surgimento da era da informação, quando a atividade principal dos seres humanos passou a relacionar-se à “[...] aquisição, o processamento, a análise, a recriação e a comunicação da informação [...]”, transferindo a maior atenção econômica, política e social para o gerenciamento de informações. Para o autor, é preciso entender que essas mudanças, comparadas ao passado, são diferentes das outras transformações

digitais no universo cibernético com inteligência artificial, hackers, biotecnologia, carteiras digitais, realidade virtual e governo explorando outros planetas (LÉVY, 1999, p. 92).

¹⁰ Web ou World Wide Web - www é uma interface gráfica que permite acesso a informação por meio de *browsers*, navegadores que levam aos *links* e *hiperlinks* (LEVY, 1999).

pelas quais o mundo passou, porque elas são potencialmente muito mais aceleradas e impactam a vida social no âmbito da produção e consumo (economia), do poder (político) e das experiências cotidianas (sociedade e cultural).

A cibercultura, a cultura contemporânea marcada pelo uso das tecnologias digitais, segundo Lemos (2003), é resultado direto da evolução da cultura técnica moderna e das relações sociais que realizamos com ela. O autor, quando analisa as mudanças tecnológicas pelas quais passamos e a nossa inserção nessa cultura, revela que a implementação das tecnologias digitais em todas as áreas da vida cotidiana aconteceu quase de maneira imperceptível. Assim, quando nos damos conta, tínhamos incorporado o voto eletrônico, a declaração de imposto de renda pela internet, o acesso a conta bancária por aplicativos, a utilização de cartões inteligentes, uso de GPS entre tantas outras tecnologias. Isso se deu em tão alto grau que nossas manifestações socioculturais e ações passaram a ser expressas em nosso vocabulário, como, por exemplo, quando dizemos que vamos “clicar”, “criar um perfil”, “assistir uma *live*”, “curtir um comentário”, “procurar no Google”, “fazer uma chamada de vídeo” e outras expressões que fazem parte dessa nova cultura na qual estamos inseridos.

Os avanços tecnológicos, principalmente os voltados à informação e à comunicação, proporcionaram interações intensas entre as pessoas e com a informação na cibercultura. A utilização das tecnologias de conexão (internet, computadores) e tecnologias digitais (*tablet*, *smartphone* etc.) tornaram o ciberespaço um lugar de dinâmica social que intensificou características humanas, sociais e culturais. A grande expansão da internet foi apontada por Lemos (2003) como um dos grandes fatores para o desenvolvimento da cibercultura, pois permitiu que a conexão chegasse a grande número de pessoas e que a rede de computadores conectasse esses sujeitos. Essa expansão também constituiu um espaço em que todos os sujeitos puderam expressar suas opiniões, denunciar fatos, publicar conteúdo, um espaço de formação de opinião, de interação social.

A internet, de acordo com o autor, ancorada no ciberespaço, ocupou o papel de suporte físico e de infraestrutura de comunicação, possibilitando que diversas plataformas de comunicação, como *e-mail*, *blogs*, *websites*, revistas e jornais eletrônicos, fossem montadas e concedesse às pessoas o acesso à informação num ambiente digital. Assim, as relações que desenvolvemos com as ferramentas de comunicação disponíveis no ciberespaço influenciaram as nossas ações nesse

espaço e fora dele, num diálogo entre o universo digital e o mundo ordinário. Dessa forma, a internet, que não tem a força de determinar uma ação, pode influenciar intensamente as mudanças na cultura (LEVY, 1999).

Importa compreender que no cotidiano da cibercultura, o sujeito contemporâneo se relaciona com a informação de uma maneira intensa, pois vive uma ampliação da interação social, um superdimensionamento de acesso a conteúdo e, conseqüentemente, uma ampla relação com os signos linguísticos. Assim, estamos em uma constante reconfiguração impulsionada pela liberação da emissão, pois todas as pessoas, inclusive nossos estudantes, com um dispositivo móvel conectado à internet pode produzir e emitir conteúdo para todos acessarem. Essa reconfiguração no processo de comunicação entre pessoas, na produção e infiltração da informação, como consequência, impacta na formação da nossa opinião e nas ações que realizamos na sociedade.

Essas mudanças na cultura estiveram atreladas ao desenvolvimento da internet. Tivemos a criação da *Web 2.0*, termo cunhado por Tim O'Really em 2005, para se referir a uma *web* com alto poder de interatividade, colaboração e produção. Ela permitiu ampliar o uso, o consumo e a produção de conteúdo pelos próprios usuários, sem grandes dificuldades técnicas ou conhecimento específico em programação, linguagem HTML etc. (MARTINO, 2015, p. 12).

A partir dessa evolução, desde 2004 começaram a surgir plataformas digitais como *Orkut*, *MySpace*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *LinkedIn*, *Snapchat*, entre muitas outras. Essas plataformas disponibilizaram ferramentas que possibilitaram que todos facilmente pudessem publicar, editar e replicar conteúdo, construindo um cenário social, um lugar onde pessoas, empresas, instituições começaram a interagir entre em si. Essas plataformas digitais de comunicação possibilitaram publicitar as redes sociais das pessoas e a conexão em rede global, também impulsionaram o acesso e a criação de conteúdo pessoal. Essa evolução ampliou numa dimensão macro o processo de construção da formação de opinião na web, devido à alta produtividade de conteúdo publicado por qualquer pessoa “[...] para além do espaço e do tempo” (LEMOS, 2003, p. 13).

O processo comunicacional que se moldou em seguida, a partir da *Web 2.0*, culminou na *Web 3.0* ou a *web* semântica, que potencializou, para além da interação homem-homem e homem-máquina, a interação máquina-máquina, criando a ferramenta algorítmica. Essa *web* se montou em um espaço recheado de material

produzido de forma independente por qualquer pessoa e empresa, um lugar repleto de comportamentos pessoais e representações culturais, sociais, políticas e econômicas.

Isso influenciou o mapeamento de nossas preferências na *web* e o micro direcionamento de informações de acordo com elas, pois à medida que pesquisamos na *web* ou rolamos o *feed* de notícias de nossas redes sociais, temos um material moldado ao nosso gosto individual, como se a nossa *web* fosse uma grande assistente pessoal atendendo nossas vontades, só que essa tem fins lucrativos e é atualizada a cada novo gesto que realizamos na tela.

Devido à evolução dos *cookies*¹¹, atrelados aos nossos rastros digitais deixados durante as navegações e interações nas redes sociais, os algoritmos puderam identificar de maneira automatizada os comportamentos *online* e gerar como se fosse uma identidade pessoal de seus usuários. Com o desenvolvimento da Inteligência Artificial, não só os rastros deixados pelas interações verbais ou não verbais são interpretados, mas também por meio de reconhecimento das imagens que publicamos é possível mapear nossos sentimentos¹².

Quando usamos as redes sociais ou navegamos no *Google* nossas preferências e vulnerabilidades são mapeadas o tempo todo a partir do que fazemos. A consequência disso é que quando acessamos os *sites* de busca e pesquisamos na *web*, rolamos o *feed* de notícias, vemos os *stories* de nossas diversas redes sociais, temos sempre um material moldado ao nosso gosto individual, que delimita quais conteúdos serão mostrados a partir de gostos, hábitos e desejos que foram mapeados anteriormente (RECUERO, 2009a).

As redes sociais, enquanto espaço digital, são onde nossas ações involuntárias podem se tornar recursos para mensurar quais conteúdos podem ter maior aceitação e nos manipular dentro e fora desse espaço. Os mapeamentos dos comportamentos online são um produto produzido e vendido na sociedade

¹¹ Pequeno arquivo colocado em nossos dispositivos capaz de coletar informações. Os cookies ajudam a analisar o tráfego da rede e permitem que aplicativos da rede respondam a você individualmente. Política de *Cookies*: Disponível em: <https://automattic.com/cookies/>. Acesso em 09 out. 2019.

¹² O aplicativo de reconhecimento facial *Clearview*, usado por milhares de órgãos, pode fazer o monitoramento de sentimentos. Para saber mais ver o documentário *A Era dos Dados*, produzido pelo jornalista científico Latif Nasser, disponível no *Netflix*. Para saber mais sobre monitoramento facial ver a matéria disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/analise-app-clearview-recursos-desconhecidos/> . Acesso em 28 fev. 2020.

contemporânea. Numa pesquisa na internet encontramos facilmente empresas como a AP Exata¹³ que é prestadora de serviços de recolha, análise e interpretação de dados que circulam no *Youtube*, *Google*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*.

O site da empresa explica que eles utilizam inteligência artificial para entender o ser humano e seus desejos, ou seja, interpretar conversações nas redes sociais e “[...] antecipar em dias, semanas e até meses, temas que vão impactar a sociedade” (trecho retirado do site da empresa). A empresa promete cruzar e interpretar reações, assuntos de interesse dos usuários, e entregar como produto uma identidade virtual de usuário. Isso possibilita que a empresa crie e venda estratégias de marketing e micro direcionamento de anúncios, informações, produtos, bem como estratégias certas para gerar engajamento sobre determinados temas numa sociedade.

Os rastros que mencionamos não são apenas coletados pelas nossas redes sociais, mas pela nossa navegação no *Google*, quando usamos o cartão de crédito, o GPS no celular, os diversos aplicativos ou sites de músicas, filmes e outros serviços que envolvam a internet. Assim, na sociedade digital praticamente tudo é rastreável, é passível de coleta de informação para gerar dados a serem analisados e então produzir informação sobre preferências e sentimentos de seus usuários. A análise preditiva, por exemplo, consegue ler muita informação sobre nós, prever maior probabilidade de temas e produtos e diante desse resultado, micro direcionar conteúdos específicos com grande precisão. Isso só é possível devido à mineração de nossos dados, à inteligência artificial e ao *machine learning*, que analisa todo o imenso volume de conteúdos que geramos diuturnamente.

A mineração dos dados não é feita apenas por meio das redes sociais, mas desde 2016, várias reportagens denunciam o micro direcionamento de informação¹⁴, principalmente envolvendo o *Facebook*. Essa rede social foi denunciada por permitir, em 2018, que quase 150 empresas, entre elas as gigantes *Netflix*, *Spotify*, *Bing*, *Amazon* e *Yahoo*, acessassem sem autorização os dados de seus usuários e micro direcionassem recomendações de vídeos no *Youtube* e *Netflix* e indicações de produtos na *Amazon*, por exemplo.

¹³ Disponível em: <https://www.agenciaexata.com/>. Acesso em 08 fevereiro 2020.

¹⁴ Notícia sobre compartilhamento de dados. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/19/facebook-compartilhou-mais-dados-com-gigantes-tecnologicos-do-que-o-revelado-diz-jornal.ghtml> Acesso em: 07 maio 2020.

No Brasil, embora tenhamos o Marco Civil da Internet como legislação reguladora, não há uma regulamentação específica para o uso de inteligência artificial – IA. Isso torna-se uma fragilidade, pois empresas e até mesmo políticos podem sobrecarregar intencionalmente os usuários com conteúdo manipulado ou falso. O mais grave, no nosso entendimento, é que, como a análise da IA consegue mapear a vulnerabilidade do usuário, o reconhecimento facial pode da mesma forma se aproveitar de suas fraquezas para o manipular¹⁵.

Uma matéria no jornal *Folha de São Paulo*¹⁶ revelou informações sobre como somos manipulados com informações falsas ou conteúdos específicos por meio de micro direcionamento *online* por parte das grandes empresas de tecnologia, como as redes sociais *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *TikTok*, o site de busca *Google*, a plataforma de compartilhamento de vídeo *YouTube* e a provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming Netflix*. Essa matéria revelou que a partir da coleta de dados privados dos usuários de redes sociais é possível agrupar categorias, definir público-alvo e indicar quais resultados irão aparecer primeiro no momento de uma pesquisa na internet.

Esses dados gerados e sua exploração comercial são resultado de um processo cultural comunicacional que na cibercultura se moldou a partir das grandes mudanças tecnológicas propiciadas pelo desenvolvimento e popularização da internet. Paralelamente a isso tivemos, segundo Lemos (2009), três leis da cibercultura que influenciaram diretamente na constituição do ciberespaço e na mudança do fluxo da informação que redesenhou a interação social. O autor explica que para compreendermos como se deu o processo comunicacional no âmbito tecno-social, precisamos conhecer os princípios que o nortearam. Segundo o autor:

Podemos dizer, a título de hipótese, que há três leis que estão na base do processo cultural atual da cibercultura, a saber: a **liberação do pólo da emissão**, o princípio de **conexão em rede** e a conseqüente **reconfiguração sociocultural** a partir de novas práticas produtivas e recombinações. [...] a cultura contemporânea é um território recombinate. A novidade não é tanto a recombinação em si, mas o seu alcance. A recombinação, que tem dominado a cultura ocidental pelo menos desde a segunda metade do século

¹⁵ A invenção da IA Ética: Como a Big Tech manipula a academia para evitar regulamentação. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/12/20/mit-ethical-ai-artificial-intelligence/> Acesso em: 20 dez. 2019.

¹⁶ Reportagem sobre o microdirecionamento de anúncios e conteúdos nas redes sociais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2020/02/abrindo-a-caixa-preta-das-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 08 fevereiro 2020.

XX, adquire aspectos planetários nesse começo de século XXI (LEMOS, 2009, p. 01 - grifo da autora).

Para Lemos (2003, p. 22), a liberação do polo de emissão criou um novo espaço de comunicação e foi o responsável por possibilitar que qualquer um produzisse e publicasse informação no ciberespaço, consentindo o poder de produção de conteúdo a todos, por meio de *chats*, fóruns, *e-mail*, listas, *blogs*, páginas pessoais, redes sociais. Isso teria gerado o excesso de informação: “[...] diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo com o excesso de informação nada mais é do que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*”.

Segundo Santos e Santos (2012, p. 06), recebemos todo tipo de informação porque temos “[...] testemunhas que podem produzir e emitir de forma planetária os diversos tipos de informação. Esses exemplos são comprovações da potência da liberação do polo da emissão na cibercultura, graças ao segundo princípio: a conexão”.

Para Lemos (2003), essa inédita liberação para emitir informação atrelada à conexão em rede generalizada trouxe à tona uma ampliação de relacionamentos sociais, interação com a informação e entre as pessoas, produzindo uma movimentação social. Assim, passamos a ter algo que jamais teria existido sem essas evoluções, um cenário comum global, em que todos podem conversar com todos, m que as muitas vozes sociais puderam ganhar o poder de alcance mundial e se misturar (devido à desterritorialização/apagamento de fronteiras) e interagir com um grande volume de informação instantaneamente.

Pérez-Gómez (2015) exemplifica que num período de dois anos foi produzida mais informação do que em toda a história humana anterior. E, em 2018 pudemos diagnosticar¹⁷ que foram realizadas mais de 31 bilhões de buscas por mês no Google, em 2006 esse número era de apenas 2,7 bilhões. Segundo o autor, “O volume de informações que começou a ser calculado em kb, em poucos anos teve de ser contabilizado em dimensões vertiginosas: mega, giga, tera, peta, exabyte, zettabyte e yottabyte” (PÉREZ-GÓMEZ, 2015, p. 17).

Os conteúdos produzidos e disseminados nas redes sociais aumentaram de forma exponencial, a pesquisa *Data Never Sleeps*, tradução livre *Dados Nunca*

¹⁷ *Data Never Sleep* 2018. Disponível em: <https://www.domo.com/learn#/>. Acesso em 22 mai. 2020.

Dormem, mostra o quanto a informação digital consumida e gerada pelas 4,5 bilhões de pessoas com acesso à internet no mundo aumentou e fez proliferar uma quantidade de dados inimagináveis, seja postagens em redes sociais, via cliques em anúncios, reações em redes sociais, conteúdo via *streaming*, interações, etc.

Comparando no *Data Never Sleeps* as pesquisas de 2013 e 2020 verificamos grandes mudanças no comportamento dos usuários e no tráfego de dados na internet. Os usuários do *Youtube*, em 2013, realizaram o *upload* de 48 horas de vídeos novos por minuto, enquanto em 2020 (até julho) foram 500 horas de novos vídeos a cada minuto nessa plataforma. No *Instagram* não foi diferente, em 2013, por minuto, foram publicadas 3,600 fotos, enquanto em 2019 foram 55,140 fotos. Hoje o *Facebook* carrega por minuto mais de 147,000 de fotos e são enviadas 150,000 de mensagens¹⁸.

Lemos (2010b), em entrevista cedida durante a Bienal de São Paulo em 2010, explicou que a liberação da emissão foi a grande responsável por essa ampliação de circulação e infiltração de conteúdo e deve ser vista também como um contributo no impulso da coletividade e da conexão em rede. O autor ressaltou que esse fenômeno impulsionou a leitura, mas também propiciou, em grande medida, a escrita no espaço. Lemos ainda se referiu ao que denominou segundo princípio, a conexão generalizada e aberta como um potencializador da liberação de emissão, pois tem o poder de permitir que todos possam falar e se unir àqueles que pensam da mesma maneira, de forma global.

O autor explica ainda na entrevista que, na sociedade digital, nossa informação é mediada por dois sistemas “[...] o sistema de massa, que representa um polo que ainda controla a emissão para uma massa de leitores, e o sistema pós-massivo, que é a possibilidade de todos poderem conversar com todos” (LEMOS, 2010b). Foi essa junção que possibilitou a produção e o consumo de informação num mesmo espaço e para todos, ou seja, transformou o ciberespaço num lugar onde encontramos imensas vantagens como “[...] informação livre, aberta, conexão global, coletiva, que precisam ser vistas no processo educativo para além da ferramenta, problematizando-os de forma a desenvolver conhecimento nesse espaço” (as

¹⁸ Nos relatórios presentes nos infográficos anuais *Data Never Sleep*, a Domo mensurou o consumo e a produção de dados no mundo digital desde 2014 até os dias atuais. Disponível em: <https://www.domo.com/learn/>. Acesso em 22 mai. 2020.

citações acima são transcrições da entrevista cedida durante a Bienal de São Paulo, LEMOS, 2010b).

Com o intuito de facilitar e impulsionar o acesso à mencionada entrevista do professor André Lemos, inserimos a figura 1 como imagem de um código QR ou QR Code¹⁹. Esse código é uma linguagem própria do ambiente digital por meio de um recurso visual que, ao aproximarmos a câmera do celular, realiza-se a leitura e gera-se um link da informação²⁰. Observamos ainda que esse é um recurso vastamente difundida e atualmente presente em diversos programas de televisão, cartazes impressos, produtos etc. Desse modo, agora aproxime a câmera do seu celular para escanear esse código de barras bidimensional, detectar o link e abrir o vídeo da entrevista.

FIGURA 1. QR CODE DA ENTREVISTA - O QUE É CIBERCULTURA: EDUCAR NA CULTURA DIGITAL



FONTE: Educar na Cultura Digital publicado em <https://www.youtube.com/watch?v=hCFXsKels0w>

Levy (1999, p. 63), ao discutir as relações com a informação na cibercultura, explica que elas se dão por intermédio de três grandes categorias dos dispositivos comunicacionais “um-todos, um-um e todos-todos”. Tais categorias são responsáveis pela forma de interação entre os sujeitos e como esses participam das experiências comunicacionais. Segundo o autor, distinguimos:

(...) três grandes categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos. A imprensa, o rádio e a televisão são estruturados de acordo com o princípio um-todos: um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos. O correio ou o

¹⁹ É uma sigla para o código QR (em inglês *quick response*/resposta rápida). Esse código de barras bidimensional pode ser escaneado utilizando a maioria das câmeras fotográficas dos smartphones ou baixando um aplicativo para detectá-lo. Uma vez escaneado o código remete a um texto, URL, número de telefone, localização, contato ou mensagem por SMS. É utilizado para facilitar e ampliar o acesso à informação, impulsionando determinados assuntos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_QR Acesso em 10 abr. 2020.

²⁰ Caso prefira, acesse a entrevista pelo link: Educar na Cultura Digital, publicado em <https://www.youtube.com/watch?v=hCFXsKels0w> Acesso em 10 dez. 2019.

telefone organizam relações recíprocas entre interlocutores, mas apenas para contatos de indivíduo a indivíduo ou ponto a ponto. O ciberespaço toma disponível um dispositivo comunicacional original, já que ele permite que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum (dispositivo todos-todos. (LÉVY, 1999, p. 63)

A categoria todos-todos foi a que trouxe a mudança radical, pois difundiu “[...] mundos virtuais para diversos participantes, os sistemas para ensino ou trabalho cooperativo, ou até mesmo, em uma escala gigante, a *World Wide Web* (www)” (LEVY, 1999, p. 63). Essa reconfiguração atrelada à liberação de emissão superdimensionou a informação num sentido macro, pois possibilitou uma das maiores potências desse espaço, todo mundo podendo emitir conteúdo para todo mundo. Assim, tal categoria nos inseriu nessa dinâmica que ampliou, transformou e reconfigurou nossas experiências comunicacionais e conversações.

Segundo o autor, na cibercultura, todos os temas/assuntos atravessam o mundo de forma instantânea e ganham uma dimensão informacional nunca vista porque podemos ler todos os jornais do mundo, *blogs*, redes sociais. Porém, a principal limitação para o acesso à informação não é mais técnica ou econômica, mas sim de uma alfabetização midiática. A informação que circula no ciberespaço é ao mesmo tempo reunida e dispersa, como a biblioteca de Babel, mas agora impossível de ser queimada.

A liberação do polo de emissão e a conexão planetária reconfigurou as experiências comunicacionais e, cooperativamente, foram as responsáveis por nos tornar potenciais narradores num contexto comum. Então, hoje vivemos em constante reconfiguração sociocultural, não aniquilamento, mas reconfiguração de “[...] práticas, modalidades midiáticas, espaços [...]” que existiam antes da cibercultura em menor potência (LEMOS, 2003, p. 18). A título de exemplo, citaremos dois cenários para mostrar a dimensão informacional que vivemos durante o isolamento social na pandemia do covid-19, um sobre a infiltração da informação e o outro sobre a comunicação entre as pessoas.

Durante a pandemia, o mundo inteiro produziu e disseminou informações sobre o novo coronavírus e pudemos acessar todo tipo de informação na *web*, televisão e rádio. Pesquisas científicas, avanços em busca de uma vacina, posicionamentos políticos dos governantes do mundo todo, medidas adotadas para conter a disseminação do vírus nas diferentes nações, notícias sobre o impacto econômico em cada país etc.

Em toda parte, só se falou sobre isso e nas redes sociais, inclusive no WhatsApp, deparamo-nos o tempo todo com a opinião das pessoas e posicionamentos pessoais mostrando que a polarização política infiltrou também em temas como a ciência e gerou uma guerra sobre quem tinha razão. Nesse período, praticamente todos os lugares que acessávamos na *web* e mesmo nas conversas corriqueiras falávamos desse assunto, numa dimensão global ficamos imersos dentro desse tema.

Essa avalanche de informação foi tão grande que Sylvie Briand, representante da Organização Mundial da Saúde (OMS), em entrevista, usou o termo infodemia²¹ para explicar que estaríamos vivendo no meio de um tsunami de informações (corretas, falsas ou manipuladas), o que teria deixado a população confusa e dificultava o combate ao vírus no mundo. Isso porque, segundo Briand, causava dificuldade de compreensão sobre o problema e influenciava na decisão das pessoas em relação a prevenções.

A superabundância de informação e principalmente a sobrecarga de desinformação, ou infodemia, impactaram negativamente o mundo de modo tão rápido quanto o próprio vírus, matando pessoas devido a teorias conspiratórias, boatos e estigmas²². Um impacto como esse, antes da cibercultura, não seria tão grande, embora fosse possível um mesmo tema tomar conta dos diálogos entre as pessoas, a disseminação era bastante limitada e não tínhamos um espaço global onde todos podiam ler, produzir e disseminar informação sobre um mesmo assunto de maneira tão ampla.

Um outro exemplo diz respeito à ampliação e constância nos diálogos entre as pessoas que se experimentou durante o isolamento social. Nesse período, houve ampliação no uso das ferramentas digitais de comunicação, como *WhatsApp* (áudio/vídeo), *Zoom*, *Meet*, entre outras, nas dinâmicas do cotidiano²³. Essas ferramentas foram incorporadas ao cotidiano e tornaram-se as responsáveis por manter e aproximar os relacionamentos com familiares, amigos e colegas de trabalho

²¹ Sylvie Briand é uma coordenadora de estratégias para combater o risco infodêmico na OMS e em entrevista explicou o impacto das infodemias durante a pandemia do covid-19 no mundo. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/06/5612170-o-que-e-infodemia-e-como-voce-pode-sobreviver-a-ela.html> Acesso em 13 ago. 2020.

²² Coronavírus: como informações falsas sobre a pandemia mataram mais de 800 pessoas. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53762751> Acesso em 13 ago. 2020.

²³ Videoconferência vira rotina em home office. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2020/04/17/ferramentas-de-videoconferencia-viram-rotina-em-home-office.html> Acesso em 13 ago. 2020.

sem limite de tempo e distanciamento geográfico, tornando até menos solitário esse isolamento.

Esses dois exemplos demonstram a importância do intenso fluxo de comunicação em nosso cotidiano. Tal fluxo de informação tem relação com outra transformação tecnológica proporcionada pelo todos-todos nos meios tradicionais de comunicação, que modificou também os rumos da indústria cultural, dos grandes jornais e da mídia de massa ou, segundo Lemos (2010a, p. 69), influenciou para quebrar as barreiras da informação no mundo. De acordo o autor, a passagem do *mass media* para o *cross media* e a fusão das telecomunicações analógicas com a informática tornou possível a veiculação de conteúdo sob um mesmo suporte, o *smartphone*, embutindo também as “noções de interatividade e de descentralização da informação”.

O *mass media* está relacionado ao controle de emissão das notícias e durante muito tempo foi representado pela TV, rádio e imprensa, ou seja, pelas “[...] formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação”. Essa lógica disseminava muito menos informação e exigia um outro tipo de dinâmica, pois para se saber das notícias era preciso buscá-la comprando jornal, revista, ligando a televisão ou rádio em horários específicos dos programas. Mesmo nos primeiros tempos da internet era preciso acessar um site específico na *web* (LEMOS, 2010a, p. 69).

No ciberespaço é muito diferente, pois com apenas um aparelho (*smartphone*, computador, *tablet* ou *smart TV*) é possível acessar a informação no formato digital praticamente em tempo real e em vários formatos (imagem, texto, vídeo, áudio). E acessando espaços como as plataformas gratuitas de redes sociais temos informação global de todos os veículos de comunicação, empresas e sujeitos publicando num mesmo espaço. Essas mudanças tornaram os meios de comunicação mais interativos e flexíveis, ampliaram numa dimensão macro as limitações de produção de informação. Elas também tornaram a informação quase dissolúvel, porque a notícia publicada de manhã, antes do almoço já se tornou obsoleta (LEMOS, 2010a).

Esse estatuto que a informação adquiriu também deve-se à criação de uma narrativa midiática chamada *cross media*, definida por Antikainen, Kangas e Vainikainen (2014, p. 07) como “[...] qualquer conteúdo (notícia, música, texto e imagem) produzido para ser publicado em várias mídias, sendo mais frequente em

mobile, impresso, *web* e TV”²⁴. Segundo os autores, houve uma grande difusão da informação, pois um mesmo conteúdo, sendo produzido uma vez só, pode ser publicado inúmeras vezes em diferentes plataformas digitais e veículos de comunicação. Para imaginarmos essa realidade basta lembrar em quantas vezes nos deparamos com uma mesma informação, porém, em formatos e lugares diferentes, como redes sociais, *WhatsApp*, televisão, rádio, *sites* etc.

Essa dinâmica de informação na imprensa foi vislumbrada por Levy (1999, p. 127) quando disse que “[...] os veículos de informação não estariam mais no espaço, mas, por meio de uma espécie de reviravolta topológica, todo o espaço se tornaria um canal interativo”. A circulação instantânea da informação se entrelaçaria, segundo o autor, às práticas dos atores sociais (indivíduos, grupos, instituições ou empresas), tornando a cibercultura uma “[...] civilização de telepresença generalizada”.

Portanto, quando olhamos para os veículos de informação no jornalismo contemporâneo, vemos que as emissoras tradicionais modificaram a linguagem, adaptaram-se e ocuparam o ciberespaço. Elas passaram a interagir de maneira mais intensa com o público, utilizando aplicativos de mensagens como *WhatsApp*, redes sociais e uma alta produtividade e disseminação de conteúdos em diferentes formatos para além do verbal. Nessa profunda intimidade com as ferramentas digitais dificilmente vemos um jornal televisivo que não tenha um *QR Code* no canto da tela, que não fale em *WhatsApp*, postagens no *Facebook* ou *Twitter*.

Como exemplo, podemos citar o programa televisivo de entrevistas e debate *Roda Viva*, da TV Cultura, que é transmitido ao vivo nas segundas-feiras à noite em canal de televisão, *Youtube*, *Facebook* e no portal UOL. Esse programa utiliza de forma intensa a rede social *Twitter* para engajar o público, interagir e receber perguntas direcionadas aos entrevistados. Por meio de linguagens próprias do ciberespaço e de ferramentas disponíveis de interação, os produtores anunciam quem será o entrevistado, espalham o conteúdo durante e depois, gerando uma infiltração e interação muito maior dos temas abordados.

Buscar interação com o público não é a novidade aqui, uma vez que a televisão buscava interagir incentivando o envio de cartas aos programas e ligações telefônicas. O que se apresenta como novidade é o volume do conteúdo e a infiltração, o fato desses programas estarem muito mais na vida das pessoas e tendo uma intensa

²⁴ [...] as any content (news, music, text, and images) published in multiple media, be it most often *mobile*, *print*, *web* and *TV*. Antikainen, Kangas, & Vainikainen (2004, p. 07).

interação utilizando as redes sociais. Porque hoje, durante uma transmissão ao vivo, as pessoas instantaneamente processam as notícias e reagem publicamente, num ambiente na web onde circulam os meios de comunicação e as pessoas ao mesmo tempo.

O princípio todos-todos e a liberação do polo de emissão mexeu também com o jornalismo independente²⁵, que é sustentado por financiamentos coletivos de leitores (*crowdfunding*), doações de empresas privadas e editais. No Brasil existem várias redes de jornalismo coletivo²⁶ que ganharam repercussão por se reconhecerem como tendo independência editorial, por explorarem todo tipo de assunto sem vínculo direto com as grandes mídias tradicionais e disseminar informação utilizando plataformas gratuitas como redes sociais, *fanpages*, *blogs* e *Youtube*. Assim, essas redes acabaram sendo vistas pelo público como canais onde circulam ideologias não dominantes, de denúncias da discriminação das minorias, multifacetadas em relação a posicionamentos políticos partidários, que deram voz e oxigenaram os diferentes movimentos sociais (LORENZOTTI, 2014).

Contextualizando ainda sobre a cibercultura temos a popularização da internet no Brasil que a tornou acessível a 82,9% das pessoas²⁷. Isso impulsionou 49% da população a buscar informação de maneira independente e em quase todos os domicílios o acesso é por meio dos *smartphones*. Segundo Lemos (2003), a mudança no comportamento social devido a essa popularização potencializou o fluxo de informação com a onipresença dos *smartphones* e a evolução da conexão sem fio por meio dos padrões técnicos 3G, 4G, Wi-Fi e redes caseiras com a tecnologia *bluetooth*. Dessa forma, se produziu a computação ubíqua, pervasiva e senciente,

²⁵ Programa Roda Viva sobre jornalismo independente com Bruno Torturra e Pablo Capilé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmygDn-lpNQ> Acesso em: 04 mai. 2020.

²⁶ Mapa do jornalismo independente, que nasceu da rede e de projetos coletivos não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/> Acesso em: 04 out. 2019.

²⁷ Cruzamos os dados de 3 pesquisas para mencionar os dados relativos à popularização da internet no Brasil. Popularização da internet pelo site do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso aos hábitos dos brasileiros pelo site da Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa> e a apropriação e uso de tecnologias na 14ª publicação da TIC Domicílios Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf Acesso em 04 out. 2019.

ampliando a mobilidade, o acesso e a produção nômade de informação (LEMOS, 2013)

O fato de estarmos conectados em sites como os de rede sociais, segundo (RECUERO, 2014, p. 117) “[...] mostra claramente que estamos diante de outro fenômeno, gerado e mantido pelos sites de rede social: o fenômeno da hiperconexão das redes sociais online”. O que trouxe a hiperconectividade²⁸, termo que Recuero (2014) apropriou de Quan-Haase e Wellman (2001) para explicar que a conexão entre pessoas e computadores por meio das redes telemáticas sem limitador geográfico e de tempo conduziu os sujeitos a ficarem conectados o tempo todo, ou seja, hiperconectados. Lemos (2003, p. 20) explica que com a abolição do espaço físico-geográfico o “[...] tempo reduz-se ao tempo real e o espaço transforma-se em não-espaço, mesmo que por isso a importância do espaço real e do tempo cronológico, que passa, tenham suas importâncias renovadas”. Assim, a percepção temporal, quando estamos com nossos *smartphones*, é de uma sensação de *live*, de tempo real e imediato (LEMOS, 2003, p. 20). O autor explica que estamos vivendo a ubiquidade e a instantaneidade na cibercultura, pois quando

[...] falo que estou lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estou fazendo. Mas quando digo que estou na internet, posso estar fazendo todas essas coisas ao mesmo tempo, além de enviar e-mail, escrever em *blogs* ou conversar em um *chat*. Aqui não há vínculo entre o instrumento e a prática (LEMOS, 2003, p. 05).

Por isso, para o autor, esse ambiente que integramos é tão envolvente que pode nos persuadir, inibir reflexões suficientes para interpretarmos o mundo a nossa volta e pode nos impedir de elaborar discursos bem construídos. Mas esse espaço é inevitável, a presença irrefutável da tela na vida das pessoas é reconhecida por vários autores.

Pérez-Gómez (2015, p. 19) garante que “[...] em particular, a tela multipresente constitui o esqueleto da nova sociedade”. Ele acrescenta que a sociedade hiperconectada, transita pelas diversas telas (computador, *smartphone*,

²⁸ O termo Hiperconectividade vem dos estudos da comunicação e foi cunhado em 2001 pelos canadenses Anabel Quan-Haase e Barry Wellman. Resulta da utilização dos múltiplos meios de comunicação como email, telefone, etc que possibilitam o contato presencial e virtual. Para eles é a disponibilidade de pessoas para a comunicação em qualquer lugar e hora e o uso excessivo dos meios de conectividade e informação que gerou os sujeitos hiperconectados (Quan-Haase e Wellman, 2001).

TV, *tablet*) para se comunicar, pesquisar e navegar em lugares e culturas inacessíveis anteriormente, promovendo intercâmbios poderosos enquanto elemento para constituição de identidades sociais.

Na sociedade atual, em que existe até mais de um *smartphone* ativo por habitante²⁹, a representatividade gigantesca dessa ferramenta a colocou como corresponsável por influenciar radicalmente a interação com a informação e potencializar os diálogos. Defendemos com Lemos (2018) que a justificativa está no fato dessa ferramenta reunir multifunções e convergir diversas ações do cotidiano. O *smartphone* é, segundo o autor, é uma espécie de:

[...] “teletudo”, um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS, WAP8, atualizador de sites (moblogs), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica... Podemos agora falar, ver TV, pagar contas, interagir com outras pessoas por SMS, tirar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar tickets para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das smart e flash mobs) (LEMOS, 2018, p. 114).

Além de convergir todas as telas em apenas uma, para o autor, o *smartphone* expressa também a radicalização da convergência digital e uma potente ferramenta que agrega todas as funções necessárias para a gestão informacional no cotidiano. Mas, mesmo sendo uma ferramenta tão completa, ainda não garante qualidade ou enriquecimento no processo comunicativo e por isso precisamos dar uma atenção maior a essa comunicação sem fio possibilitada por uma ferramenta tecnológica que está nas mãos das pessoas.

O contraste que existe entre os clássicos dispositivos de comunicação e os atuais dispositivos digitais interativos, a representação da tela no mundo atual e a maneira como as pessoas interagem entre si e com a informação, podem ser ilustrados por um exemplo de Kenski (2012, p. 24), que compara a janela de casa à tela, remetendo à época em que as pessoas, para se informar, “[...] saíam às ruas ou ficavam à janela de suas casas”. A troca e renovação da informação se dava por meio da conversa entre vizinhos que buscavam nos viajantes saber o que acontecia nas proximidades, na região e no mundo. A partir do século XX, a informação vinha por meio do rádio e da televisão, editada por poucos olhares.

²⁹ Publicada em 2020, a 31ª Pesquisa Anual do Uso de TI no Brasil mostrou que existem 234 milhões de smartphones sendo utilizados, resultando em quase 2 por pessoa. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/ensinoeconhecimento/centros/cia/pesquisa>. Acesso em 22 jul. 2020.

Nessa época, a TV teve uma infiltração tão grande a ponto de ser tornar a maior responsável por mostrar tudo que acontecia em todo lugar e aos poucos se tornou uma espécie de orientadora na vida das pessoas. Ela influenciava de tal forma que algumas pessoas assumiram “para suas vidas valores, hábitos e comportamentos copiados dos personagens da televisão”, e replicavam comportamentos, posicionamentos até escolhas lexicais de forma assíncrona, pelo modelo de comunicação um-todos (KENSKI, 2012, p. 24).

Analisando o cenário, hoje é diferente, porque podemos ver televisão, ouvir rádio, ler jornais, pagar conta, ver filme, fazer compras e conversar com as pessoas pelo “teletudo”, que possibilitou interagir com a informação de diferentes formas. Sabemos das notícias de várias formas, conversamos com qualquer pessoa por mensagem de texto, áudio, vídeo e produzimos informação e a disseminamos no momento que quisermos.

A infiltração da informação expandiu-se de tal forma que é praticamente impossível vivermos alheios a ela. Mesmo quando decidimos fugir de determinados assuntos alguém pode virar para nós e perguntar: “Você viu sobre tal assunto no *Facebook*?” ou “Assistiu sobre tal assunto naquele vídeo que te enviei pelo *WhatsApp*?” Então, inescapavelmente o assunto vira a pauta da conversa. Assim, como afirma Kenski (2012, p. 24-25), as tecnologias propiciadoras da comunicação e da informação “[...] invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus frequentes usuários, não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de seu espaço de vida”.

Antes dos dispositivos digitais interativos, devido ao fluxo e controle de emissão de informação, éramos muito menos impactados, pois uma notícia às vezes demorava dias para chegar até determinados lugares e tínhamos, em algumas regiões, apenas uma fonte de informação. Na sociedade digital, e principalmente devido ao uso de redes sociais como o *Facebook*, somos bombardeados por informação sem praticamente nenhum esforço, basta estarmos acordados. Essa é uma relação que travamos não apenas com ferramentas tecnológicas, mas com o mundo dos signos, com um universo simbólico no qual estamos em diálogo o tempo todo. Esse universo que se expande diuturnamente nos impacta pelas leituras que fazemos ou não e pela troca de sentidos sociais. Inevitavelmente, mediados pela linguagem, interagimos com o conteúdo do outro, com suas vozes, com seus

discursos ideológicos, suas questões sociais, históricas, culturais, ou seja, com as subjetividades das pessoas (CASTRO; NASCIMENTO, 2020).

2.2. A INTERAÇÃO SOCIAL NA CIBERCULTURA

Nesta subseção, discorreremos, a partir das ideias do Círculo de Bakhtin³⁰, sobre a realidade dos sujeitos contemporâneos imersos numa interação sócio-verbal em que o uso expressivo de tecnologias digitais trouxe forte influência na reconfiguração das práticas comunicacionais e ações da nossa sociedade.

O Círculo refere-se a um grupo de intelectuais que se encontrava entre os anos de 1919 e 1929 na antiga União Soviética e discutia questões voltadas à linguagem e à semiótica. A entrada desses teóricos nas pesquisas acadêmicas brasileiras aconteceu em diferentes áreas no final dos anos 70. Nas Ciências Humanas predominaram nos estudos literários e linguísticos, sendo a teoria bakhtiniana responsável por levar o conceito de interação para dentro das aulas de Língua Portuguesa.

Faremos referência, em especial, a dois teóricos do Círculo nesta pesquisa, Bakhtin e Voloshinov. Há pelo menos trinta anos esses autores são referenciados em documentos curriculares produzidos pelo Ministério da Educação - MEC e Secretarias de Educação Estaduais e Municipais no Brasil, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná, Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná de Língua Portuguesa e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) e outros.

Ainda que o Círculo de Bakhtin tenha começado a escrever nos anos 20, uma época em que não havia as tecnologias digitais, ele desenvolveu uma teoria sociológica da linguagem pelas lentes da interação, mexeu nos “[...] fios da criação

³⁰ Esse conjunto de intelectuais era formado por estudiosos de diferentes formações e profissões (professor universitário, filósofo, geógrafo, pianista, jornalista literário, poeta, biólogo, historiador, escultor e crítico de arte) que se reuniam na antiga União Soviética. O nome faz referência a Bakhtin por ele ter se tomado o autor com textos de maior envergadura para a teoria do Círculo. Na pesquisa dialogamos com dois desses teóricos: Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) – filósofo e linguista – e V. N. Voloshinov (1895-1936) – filósofo, músico, linguista e crítico literário. Porém, o grupo era composto por P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937); Tubianski (? - 1943). Esse grupo se dissolveu no final dos anos 20 devido à perseguição política do regime stalinista (BRAIT; CAMPOS, 2009, p.16-19); (FARACO, 2009, p.13).

dos sujeitos, das ideologias³¹, das instituições, da sociedade e da cultura” (CASTRO, 2014, p. 30). Por isso, as ideias do Círculo conseguem iluminar um debate sobre sociedade contemporânea e seus sujeitos, que atualmente estão imersos em práticas comunicacionais num mundo altamente tecnológico.

Segundo Castro (2014), esses autores, para compreender a natureza da linguagem, desenvolveram uma percepção muito particular da “língua e das outras formas simbólicas existentes e utilizáveis pelo ser humano” para interagir. Conceberam a linguagem como completamente influenciada pelo contexto social, histórico e cultural, ou seja, pelas situações concretas e reais de uso (CASTRO, 2014, p. 30). Para isso, o Círculo produziu uma visão de semiótica bem particular, abrangendo a produção de sentidos sociais e, principalmente, o caráter ideológico que carregamos em nossas enunciações. Essa abordagem fez com que o Círculo colocasse o enunciado como objeto empírico das relações comunicacionais humanas, uma vez que é por meio dele que interagimos, que nos constituímos e nos expressamos enquanto sujeitos no mundo.

Voloshinov (2017, p. 97) explica que na interação socioverbal estamos numa dinâmica em que a linguagem não representa um sistema abstrato, mas se forma e se realiza no material simbólico ideológico criado “[...] no processo da comunicação social de uma coletividade organizada”. Assim, os signos que se materializam na palavra, no som, na imagem, na cor, nos gestos e movimentos são o ingrediente que utilizamos para “[...] interagir, observar, estudar e refletir sobre o comportamento e as ações humanas, uma vez que praticamente tudo o que o homem produz no campo objetual de suas ações, potencialmente pode ter uma representação em signo” (CASTRO; NASCIMENTO, 2020, p. 04-05). Voloshinov (2017), analisando a natureza das nossas interações explica que:

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico [ideologia formalizada] ou vivencial [ideologia do cotidiano]. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (VOLOSHINOV, 2017, p. 95).

³¹ Optamos por utilizar a noção bakhtiniana de ideologia entre os muitos sentidos atribuídos ao termo ao longo da história. Terry Eagleton, em *Ideologia: uma introdução*, apresenta 16 conceitos comumente utilizados no mundo, entre eles, o bakhtiniano.

Assim, a palavra real, para o Círculo, só existe na vida, na interação real, portanto, em enunciados concretos. Embora toda palavra tenha sua categoria gramatical e componente sintático quando entramos em contato com o outro, quase sem nos darmos conta interagimos com o conteúdo vivencial das subjetividades das pessoas, não somente com a forma, com a gramática, mas com o conteúdo dos sujeitos, com vozes sociais presentes neles, discursos ideológicos, ou seja, com as enunciações do outro. Essa subjetividade está ligada ao processo pelo qual os sujeitos passam quando se constituem, vem carregada de questões históricas, sociais, contextuais.

No diálogo com as subjetividades contemporâneas, o ser humano, quando dialoga ou interage, não troca frases, orações ou períodos, não troca sentidos abstratos, mas troca sentidos sociais. Portanto, quando estamos falando ou escrevendo utilizamos os enunciados que no sentido real e concreto da linguagem são carregados de signos. Aqui é possível enxergar a crítica que o Círculo faz ao ensino da língua centralizado na gramática, privilegiando a sintaxe sobre a semântica, focando em sentidos abstratos que nada contribuem para o entendimento da comunicação humana, quando o foco deveria estar nos eventos enunciativos e nos ininterruptos diálogos que travamos quando estamos nos relacionando mediados pela palavra. E atuamos na sociedade mediados por ela.

Aqui podemos recorrer às interações e conversações em redes citadas por Recuero (2014) como os *flames* ou discussões acaloradas, os *feedbacks* que se dão nos ambientes de redes sociais na internet. Essas são interações que se dão por meio de enunciados carregados de opiniões, posicionamentos ideológicos, discursos de ódio, juízo de valor e dentro de um determinado contexto. Pérez-Gómez (2015) complementa ao analisar o ambiente digital como um cenário de pensamento, aprendizagem e comunicação humana, e afirma que a “[...] era digital requer aprendizagens de ordem superior que ajudem a viver na incerteza e na complexidade”. Ele ressalta ainda que na sociedade digital a tarefa de “[...] memorização já não é apreciada tanto quanto a capacidade de organizar as ideias em favor de um pensamento independente, fundamentado e contextualizado” (PÉREZ-GÓMEZ, 2015, p. 24).

Para que possamos problematizar o ambiente digital no qual estamos inseridos na cibercultura por meio de uma teoria sociológica da linguagem desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, precisamos entender que atuamos nesse

ambiente por meio dos enunciados ou enunciações³², dos atos de fala, que no conjunto de sua obra Bakhtin chama de “gêneros do discurso”. Esse é o elemento da comunicação responsável por dar forma e regular toda a comunicação humana ou “[...] todas as nossas ações de comunicar, informar, discutir e argumentar”, seja no ciberespaço ou não. Os enunciados são capazes de materializar os conteúdos dos sujeitos, seus sentidos, pontos de vista, juízos de valor, ideologias, identidades, culturas, interpretações e ideias sobre o mundo e sobre o homem (CASTRO; NASCIMENTO, 2020, p. 10). Desse modo, para o Círculo:

[...] os enunciados desde os diminutos que produzimos rapidamente no cotidiano pela fala até os mais complexos elaborados pela nossa cultura escrita, utilizam as unidades da língua (palavras, frases e orações) em contextos sociais reais e específicos, nos quais o sentido é sempre resultado da combinação inseparável entre os signos expressados pelos sujeitos envolvidos e o contexto histórico - micro ou macro - em que estes sujeitos estão inseridos socialmente (CASTRO; NASCIMENTO, 2020, p. 09).

Assim, o tempo todo, segundo os autores, estamos inseridos num processo que nunca é isolado, individual, pois é resultado do exercício de alteridade, do encontro dialógico, da “alteridade mediada pela linguagem”. Por isso o Círculo diz que somos interlocutores e representamos no diálogo o papel de leitores e escritores ao mesmo tempo, sendo respondentes do ponto de vista socioverbal e avaliadores da fala alheia do ponto de vista sócio ideológico. É devido aos signos ideológicos que absorvemos os discursos que ressoam a nós ideologicamente ou que tem uma relação com as nossas subjetividades. Voloshinov (2017, p. 97) explica que os enunciados adquirem e expressam sentidos ideológicos por meio dos signos, de acordo com a “situação histórica concreta (histórica, numa escala microscópica) em que é pronunciada”.

Para esclarecer melhor esse ponto, podemos explicar, de maneira breve, que o Círculo retomou o termo ideologia pelas lentes da linguagem e incorporou uma visão mais ampla do que a difundida pela teoria marxista. Ideologia é primeiro entendida enquanto ideia formalizada no “sentido de grandes segmentos de produção, sistematização e manutenção das ideias no quadro social geral” (VOLOSHINOV, 2017, p. 97). Assim, esses segmentos são núcleos institucionalizados e

³² Bakhtin não faz distinção entre os termos enunciados e enunciações e quando desenvolve suas observações explica que cada esfera na qual a linguagem é usada desenvolve seus tipos relativamente estáveis de enunciados. A isso nós podemos chamar de gêneros de discurso. (Bakhtin, 2011, p. 60)

sistematizados de ideias, grandes visões de mundo, um grande recorte valorativo-social que representa, para o Círculo, campos de atividade humana. Para o marxismo essas são instâncias macro de ideias ou superestruturas ideológicas que existem na sociedade, como esfera religiosa, jurídica, científica, jornalística, artística etc., alimentadas e retroalimentadas pelo movimento da economia (CASTRO, 2010a, p. 193).

Para Castro (2010a), o Círculo entende que esses blocos de ideias e os sentidos ideológicos que carregam se embarçam quando chegam no nosso cotidiano, pois acontece uma mistura dessas instâncias de ideias quando interagimos, constituindo uma esfera ideológica específica, a ideologia vivencial ou a ideologia do cotidiano. No cotidiano, essas visões de mundo nos encontramos de forma desordenada, mostrando-se importantíssima enquanto vasto campo de comunicação.

Para nós, um exemplo que ajudaria a compreensão de como se constituiu a ideologia do cotidiano seria olhar para o jornal impresso, observando que os temas que são explorados estão mais ou menos organizados e comparar ao *feed*³³ de notícias ou o *story*³⁴ do *Facebook*. Quando examinamos a organização de um jornal impresso facilmente enxergamos uma divisão por esferas ideológicas ou campos de comunicação humana, como política, esportes, policial, cultural, fofoca, classificados etc. Porém, num *feed* de notícias de rede social essas esferas passam pela tela misturadas, embarçadas, de forma desordenada, porque ao mesmo tempo em que temos o discurso político, temos também o religioso, o científico, o jornalístico, nossas relações familiares, de amizade, anúncio de produtos etc.

Assim, no cotidiano, na desordem da diversidade de ideias e na intensidade de signos, as significações ressoam nos sujeitos contemporâneos também dessa forma, e na sociedade digital isso ganhou uma maior intensidade. Por isso, a dinâmica do cotidiano, por si só, não é uma coisa nova, a novidade aqui é causada pelas tecnologias ou pelo uso das redes sociais que disseminam em larga escala o embarçar de ideias. Castro (2010, p. 193) explica que o Círculo vê a esfera cotidiana

³³ *Feed* de Notícias é uma lista de histórias da página inicial do usuário, em constante atualização, inclui atualizações de *status*, fotos, vídeos, *links*, atividade do aplicativo e curtidas de pessoas, páginas e grupos que você segue no *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/1155510281178725> Acesso em 14 jul. 2020.

³⁴ *Story* é um recurso que está presente em quase todas as redes sociais, ele permite que o usuário compartilhe fotos, vídeos, links com a duração de 24 horas. O *story* da página do usuário é uma forma de compartilhar com os seguidores algo que permanecerá disponível por 24 horas. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/379770289121494> Acesso em 14 jul. 2020.

como um espaço sócio simbólico geral e uma grande promotora de nossa construção subjetiva. Essa esfera cotidiana impacta as superestruturas pelas dinâmicas das transformações econômicas e também do mundo social em que os sujeitos circulam, interagem, constroem e modificam sentidos.

No cotidiano contemporâneo, lugar de produção e imensa disseminação de conteúdo dos sujeitos, estamos incessante e dinamicamente imersos em enunciados produzidos no meio social, que se responsabilizam “[...] em desenhar nosso viés ideológico e valorativo, impactando os indivíduos segundo as diretrizes sociais e ideológicas dos grupos em dado espaço cultural e temporal” (CASTRO; NASCIMENTO, 2020, p. 16), pois:

[...] possui uma forma mais desordenada e livre de distribuição simbólica e valorativa sendo, contudo, a base em que vai se fundamentar a nossa subjetividade. É sob um certo caos sócio verbal, expressado no amálgama incessante do encontro com a enorme diversidade de vozes sociais e seus respectivos valores ideológicos alheios, da família, da escola, da região, do país em que vivemos, etc., que nos formamos como sujeitos (CASTRO; NASCIMENTO, 2020, p. 14).

No ciberespaço, essas interações acontecem num espaço digital que é social, simbólico e ideologicamente global. Nele nos constituímos em interações amplas, abrangentes, rápidas, vividas. “[...] É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação” (LÉVY, 1999, p. 12). Para Lemos (2010a) essa é “[...] a vida contemporânea, enfim, que deve ser observada, não na perspectiva de conceitos congelados, mas pela ótica do movimento caótico e sempre inacabado entre as formas técnicas e os conteúdos da vida social” (LEMOS, 2010a, p. 17).

Vivemos, portanto, sob enunciados nos atravessando numa dinâmica incessante ideologicamente caótica, com informações atualizadas em tempo real. As vozes do outro ressoam em nós dessa forma. Além disso, elas são desterritorializadas, pois na cibercultura são provenientes de todos os cantos possíveis, por meio dos veículos de comunicação tradicionais ou livres, empresas, *youtubers*, nossos amigos, ou seja, pela multidão.

Todo enunciado possui uma dialogicidade interna porque tem a presença do outro em sua constituição, resultado da alteridade verbal que exercemos quando interagimos. Nossas enunciações são carregadas da palavra alheia, do discurso do outro, das vozes do outro, ou seja, do discurso citado, e o discurso citado é o elemento

dessa dinâmica de reações-respostas avaliativas ao enunciado do outro. É esse movimento que constitui a construção e materialização dos nossos discursos, como por exemplo a “[...] concordância, discordância parcial ou total, acréscimo, exclusão, ironia, exaltação, ódio, alegria, medo, etc.” referindo-se a palavra, vídeo, som, gestos do outro ou dos outros (CASTRO, 2014, p. 40). Nessa dinâmica da interação social, da apreensão do conteúdo do outro quando interagimos ou dialogamos, construímos nossos enunciados que ressoam, ecoam a voz do outro, as vozes diferentes das nossas, que estão misturadas às nossas.

Para Bakhtin (2008, p. 293), “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo [...]”, porque “[...] uma só voz nada realiza e nada resolve. Duas são o mínimo da vida, o mínimo para a existência”. Para o autor, sobrevivemos com o outro e por isso o diálogo ou a interação ocupa uma posição central na vida humana, e essa relação com o outro se dá não apenas numa alternância entre “eus”, mas entremeando e preservando a presença do “eu no um”, e do “um no eu”, e é por isso que o discurso do outro incide sobre nós sempre.

Voloshinov (2017, p. 255) explica que o discurso citado³⁵ ou discurso alheio ou ainda, a “arte de nos reportarmos à palavra alheia” é o norteador do processo de construção social de nossas subjetividades e o grande responsável pela variedade imensa de formas que usamos para acomodar o discurso do outro quando falamos e escrevemos. Não é apenas forma de citação, mas “[...] o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado [...]”, o discurso transmitido (alheio) e o discurso transmissor (autoral) se misturando numa inter-relação mútua. Portanto, o discurso citado pode ser entendido como um encontro entre a minha e a palavra do outro, um evento interativo, um encontro socioverbal, sonoro, visual, que acontece nos enunciados por meio de nossas interações.

Para o autor, todo o aspecto social da constituição de nossos enunciados, e não apenas a mera justaposição de vozes e ideias, pode ser visto numa dimensão ideológica e valorativa por meio do discurso citado. Nas mais variadas formas de citação e apropriação da voz alheia, nossos enunciados carregam variantes, seja no conteúdo ou na forma de expressão. Existem grandes variantes, umas mantêm a integridade do discurso do outro, outras se apropriam da voz alheia de forma a apagar

³⁵ Em 2017 foi publicada uma versão do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* traduzida direto do russo, e o discurso citado, expressão utilizada nas traduções anteriores, foi traduzido nesta versão como discurso alheio.

as fronteiras. Essa última torna o discurso repleto de réplicas, comentários, interferências e impressões.

Em outros termos, é como se ao compartilharmos uma postagem nas redes sociais escolhêssemos manter a integridade da postagem do outro sem alterá-la, apenas compartilhando pelo fato de concordar com ela. Ou ainda, ao concordar com uma postagem feita se apropriar daquela voz, misturar o seu conteúdo e compartilhá-la complementando-a com comentários de desprezo, ódio, humor, ironia, encantamento, usando uma variedade infinita de reações.

Nessa dinâmica discursiva existem inúmeras variedades de superposições vocais que imprimem ao discurso citado grande gama de matizes e nuances. Ao manter a voz do outro, distante ou próxima da palavra citada, produzimos nossas enunciações, tematizando a fala alheia ao disseminar visões de mundo, pensamentos, ideias, absorvemos e produzimos palavras ou maneiras de dizer do outro misturadas às nossas o tempo todo. Para Voloshinov (2017), à medida que olhamos para os enunciados por esse viés estamos utilizando uma metodologia que abre espaço para compreendermos de onde vem o discurso do autor, quais as visões de mundo que trazem e os arcabouços mobilizados para produzir seu texto.

Nos debates desenvolvidos pelo Círculo existem inúmeras variantes metodológicas da linguística para identificar as formas de citação da palavra alheia, ou seja, os processos de citação e referência às palavras do outro que utilizamos para estruturar os nossos enunciados³⁶, porém ainda são pouco explorados. Nesta pesquisa não iremos aprofundar essas variações, mas para nós é fundamental compreender que o discurso citado é um fenômeno em que, mesmo que não percebamos, todos participamos quando interagimos nas mais diversas situações. Isso acontece porque em nossas interações estamos, na verdade, apreendendo o discurso do outro, sua posição ideológica e respondemos a isso nos expressando, exercendo a atitude responsiva, produzindo nossos enunciados.

No contexto atual, imersos nas mais variadas plataformas, como as redes sociais, vivemos diálogos infinitos com os veículos de comunicação, instituições e sujeitos. Numa interação ampliada com a produção de enunciados do outro podemos ficar confusos em meio a tantas representações sógnicas e ideológicas, a ponto de perdemos a conta de quantas vezes um mesmo discurso chega a nós em variações,

³⁶ Esse debate está vastamente explorado no livro *Discurso Citado e Memória: ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo*, de Gilberto de Castro, 2014.

formatos e plataformas diferentes. Para vermos o quanto o discurso citado é replicado milhares de vezes na cibercultura, por meio das redes sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas, impacta em nossas ações, opiniões e diálogos do cotidiano, e inclusive no discurso exibido pela mídia (TV, rádio, internet), vamos recorrer a um fato que aconteceu em 2020.

Um exemplo ao qual podemos recorrer para explicar melhor o discurso citado e o impacto da replicação em grande proporção do discurso é o assassinato de um homem negro americano, George Floyd³⁷. Durante uma abordagem abusiva feita pela polícia em Minneapolis, nos Estados Unidos, esse homem teve o joelho de um policial branco americano estrangulando seu pescoço por mais de 8 minutos. A cena do policial pressionando o pescoço de Floyd, enquanto ele gritava várias frases, entre elas “Não consigo respirar”, foi filmada e publicada no *Facebook* por uma adolescente de 17 anos que passava pelo local. Depois, não menos importante, mas menos repercutida, vieram à mídia a gravação da câmera corporal do próprio policial, que eram ainda mais chocantes. Durante um período esse crime foi reconstruído inúmeras vezes por meio da produção de enunciados que replicavam citações sobre o discurso original.

O fato de a adolescente ter em mãos um celular, conectado à internet e publicar em seu *feed* de notícias no *Facebook*, rompeu rapidamente o alcance geográfico numa dimensão gigantesca e fez com que pessoas do mundo todo assistissem as imagens gravadas quase no momento do acontecimento. Além disso houve uma avalanche de notícias trazidas pelas mídias tradicionais e independentes na cobertura da morte do Floyd e dos protestos que haviam surgido no mundo todo decorrentes dessa morte. De maneira rápida ressurgiu um movimento chamado *Black Lives Matter (Vidas Negras Importam)*³⁸, que ganhou dimensão mundial culminando em protestos contra o racismo e campanhas populares exigindo justiça e o fim da perpetuação da desigualdade racial no mundo³⁹. E a morte de Floyd deixou de ser considerada um caso isolado trazendo à tona debates no mundo todo sobre como os

³⁷ Policial acusado da morte de George Floyd é libertado após pagar fiança de US\$ 1 milhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/07/policial-acusado-da-morte-de-george-floyd-e-libertado-apos-pagar-fianca-de-us-1-milhao.ghtm> Acesso em 07 out. 2020.

³⁸ Alicia Garza, a ativista cuja mensagem nas redes deu origem ao *Black Lives Matter*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-11/alicia-garza-uma-ativista-para-o-seculo-digital.html>

³⁹ A onda de protestos pelo mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52893434>

negros são submetidos à excessiva vigilância, desconfiança e violência por parte dos policiais.

E num ambiente digital, onde existe uma multiplicidade de linguagens e modos de circulação de enunciados, a infiltração da disseminação do discurso por meio da imagem e da súplica de Floyd antes de morrer foi gigantesca e por meio de estratégias discursivas de citação, vários discursos referenciando esse assassinato foram replicados milhares de vezes e nas mais variadas formas de citação via imagens, vídeos, sons, gestos, símbolos, reproduzidas pelas rádios, TVs, internet, protestos nas ruas e nas redes sociais. Assim, esse discurso e seus signos ideológicos encontraram os sujeitos e se materializaram em notícias, grafites, *charges*, HQs, poemas, músicas, intervenções artísticas, *ciber-performance*, cartazes em vitrines de lojas, anúncios de grandes empresas, postagens nas redes sociais, comentários em postagens em redes sociais, nas conversas do cotidiano etc.

Essas materializações por meio da linguagem refletem e refratam a ideologia desses sujeitos. A ideologia se apresenta como comportamento verbal, demonstrando a realidade em transformação por meio da nossa relação com os signos, com a natureza social da linguagem. Diversos artistas, figuras públicas, políticos, pessoas comuns substituíram sua foto no perfil de sua rede social pelo símbolo do movimento *Black Lives Matter*, referenciando a morte de Floyd.

A *hashtag* #blacklivesmatter, que circulou expressivamente nas redes sociais e nas notícias, não era apenas um código, mas um movimento digital do mundo todo que foi para as ruas. Durante esse período, praticamente em todo canto vimos enunciações que respondiam, que ressoavam, que citavam e referenciavam o fato. O movimento migrou para diferentes esferas da sociedade, foi também para o mundo dos esportes e tivemos jogadores de NBA, de futebol, de tênis⁴⁰, o piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton (1º piloto negro de F1), entre muitos outros esportistas, que se engajaram na luta pelos direitos dos negros respondendo ao assassinato de Floyd.

Lewis Hamilton, por exemplo, após o assassinato protestou de várias formas, entre elas mudando a cor do seu uniforme e do seu carro de corrida para as cores preto e roxo. Ele ainda imprimiu em seu capacete, macacão e carro a expressão *Black*

⁴⁰ Holograma, apoio ao Black Lives Matter e mais: as curiosidades do US Open. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/tenis,holograma-apoio-ao-black-lives-matter-e-mais-as-curiosidades-do-us-open.70003427240> Acesso em: 5 set. 2020.

*Lives Matter*⁴¹ e passou a se ajoelhar durante a execução do hino em corridas em 2020⁴². Tudo isso são citações, replicações, variações referenciando o discurso que o antecedeu.

A replicação da imagem e da súplica de Floyd foram disseminadas de diversas formas, por exemplo, a frase “Não consigo respirar”, dita por Floyd antes de morrer e o tempo que ele ficou sendo asfixiado pelo policial, “8 minutos e 46 segundos” são dois discursos que foram altamente difundidos e, nesse contexto, tornaram-se símbolos antirracistas⁴³. Diversos artistas replicaram símbolos e frases que faziam referência aos protestos e desdobramentos de outras denúncias contra o racismo. Tivemos nas manifestações, por exemplo, a frase “Não consigo respirar” escrita em máscaras, nos cartazes, em camisetas, agasalhos e pichações. O tempo que ele levou sendo asfixiado se tornou narrativa de diversas citações em canais de televisão que interromperam a programação por esse tempo, em intervenções artísticas⁴⁴, em manifestos nas ruas com pessoas ajoelhadas carregando esse número etc. Essas e outras formas de citar ou referenciar o discurso principal, o assassinato de Floyd, foram intensamente vistas nas redes sociais e nas manifestações das ruas.

Cada vez que nos deparávamos com esse fato (seja nas redes sociais, *WhatsApp*, fala das pessoas, televisão, cartazes nas ruas etc.), estávamos na verdade dialogando com as inúmeras vozes sociais relacionadas a ele, estávamos em contato com enunciados de caráter socioverbal, com a resposta das pessoas a esse fato, a atitude responsiva. Esse exemplo demonstra os meandros do discurso citado, fazendo-nos perceber que a multiplicidade de signos com que nos deparamos na sociedade digital, carregada de visões de mundo, ideologias e de “[...] particularidades dialógicas intrínsecas a todo e qualquer enunciado [...]” ressoam em nós involuntariamente (CASTRO, 2014, p. 40).

Isso se dá a ponto de nos posicionarmos, refletirmos, julgarmos e imprimir em nossas enunciações uma avaliação sobre o assunto. É nesse elo discursivo, nessa

⁴¹ Para apoiar igualdade, Hamilton muda e traz “Black Lives Matter” em capacete. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/para-apoiar-igualdade-hamilton-muda-e-traz-black-lives-matter-em-capacete/>

⁴² *End Racism. One cause. One commitment.* Disponível em: <https://twitter.com/E1/status/1279761243851677698> Acesso em:

⁴³ 8 minutos e 46 segundos: um símbolo de protesto contra o racismo nos Estados Unidos. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/verne/2020-06-03/8-minutos-e-46-segundos-um-simbolo-de-protesto-contra-o-racismo-nos-estados-unidos.html?rel=mas>

⁴⁴ Ciber-performance. Site criado com o intuito de propor que as pessoas parem durante o tempo em que Floyd foi asfixiado para refletir sobre o fato. Disponível em: <https://8m46s.com/>

imersão num mundo simbólico, que vivemos e nos constituímos, e quando estamos no ciberespaço, nas redes sociais, quando dialogamos com a informação nessa dimensão macro, estamos vivendo a “[...] sutileza que o encontro e o diálogo entre enunciados [...]” proporcionam a nossa subjetividade (CASTRO, 2014, p. 41).

O movimento de reação à morte de George Floyd também se desdobrou em protestos violentos e manifestações populares, movimentos sociais *online* e *offline* em resposta às imagens violentas de um homem negro desarmado e em estado de choque sendo asfixiado até sua morte. Em meio ao imenso engajamento nas redes sociais, o tema tomou conta das conversas do cotidiano de todas as idades, desdobrando-se em passeatas, protestos violentos ou não, confrontos entre polícia e manifestantes, mais mortes, incêndios em instituições, destruição de veículos nas ruas etc.

Nos EUA, as manifestações chegaram às portas da Casa Branca e fizeram com que o presidente Trump se refugiassem em um bunker em pelo menos uma ocasião⁴⁵. Das 75 cidades em que ocorreram protestos violentos, em mais de 40 as autoridades decretaram toque de recolher, incluindo Washington. Foi derrubada uma estátua que homenageava um escravagista no Alabama, houve saques em lojas e muitas outras formas de protesto que se espalharam por todo o país ao mesmo tempo.

O impacto desse fato nos EUA incidiu nos sujeitos de tal forma que os jornais compararam a reação que a população teve à época do assassinato de Martin Luther King em 1968. Mas devido a liberação do polo de emissão e a conexão em rede, ou seja, ao fato das pessoas poderem produzir suas narrativas nas redes sociais, encontrarem-se e se organizarem num ambiente digital como as redes sociais, os protestos se organizaram e se difundiram pelo mundo todo.

Esses exemplos permitem-nos perceber o quanto os fenômenos discursivos que acompanharam o movimento impactaram fortemente nas ações dos sujeitos e nas reações imediatas a ele. A partir do discurso inicial, o abuso policial e o assassinato de Floyd, explodiram ondas de protestos antirracistas mundialmente, carregando narrativas, sentidos e significados ideológicos que se reconfiguravam no contexto dos diferentes países. Nas manifestações vimos esse discurso amalgamado numa onda de indignação ampliada, que tinha como referência a morte de Floyd, mas

⁴⁵ Estados Unidos são tomados por protestos antirracismo e até a Casa Branca é cercada. Disponível em: <https://brasil.eipais.com/brasil/2020-06-01/eua-e-tomado-por-protestos-antirracismo-e-ate-a-casa-branca-e-cercada.html?rel=lom> Acesso em 01 set. 2020.

surgiram outros discursos citados que traziam indiretamente o discurso inicial. Essas novas enunciações “[...] imprimiam ao discurso citado toda uma série de matizes e nuances [...]” que resultou em movimentos de denúncia de outras mortes de negros, índios e outras minorias ocorridas por abuso policial, tanto em suas abordagens como com balas perdidas etc. (CASTRO, 2014, p. 41).

Os novos protestos trouxeram mais discursos indiretamente ligados ao assassinato de Floyd, dentro de contextos diferentes de discriminação, injustiça e brutalidade policial. Assim, durante um grande período em 2020, tivemos uma avalanche de protestos nas redes sociais e nas ruas, mesmo durante o isolamento social. As publicações com que nos deparamos nas redes sociais e em outros lugares sobre esses acontecimentos criaram um universo simbólico. Podemos dizer que esse universo simbólico surgiu pela variação e pelas diversas ramificações de discursos que surgiram a partir do assassinato de Floyd.

Mais tarde, após a diminuição das ondas de protesto, durante as eleições presidenciais nos Estados Unidos surgiu a campanha #WhatMatters2020, para mobilizar pessoas negras a votar nas eleições e responsabilizar os candidatos pelas suas ações e políticas diretamente relacionadas à injustiça racial, violência policial, reforma do sistema penal, imigração negra, injustiça econômica, direitos LGBTQIA+ e humanos, injustiça ambiental, acesso aos cuidados de saúde, acesso a ensino de qualidade e acesso e direito ao voto⁴⁶.

Essa dinâmica é, portanto, o processo comunicacional no qual os sujeitos estão imersos em interações verbais, visuais e sonoras, que na sociedade digital se dão principalmente por meio das redes sociais. Bakhtin afirma que se formos prestar atenção nas palavras que ouvimos nos discursos do cotidiano iremos perceber que “[...] no discurso do dia a dia de qualquer pessoa que tem vida social, ao menos metade de todas as palavras que ela pronunciou são palavras alheias (apreendidas como alheias), transmitidas com todos os diversos graus de precisão e imparcialidade” (BAKHTIN, 2015, p. 132). Isso também demonstra que na Cibercultura nos constituímos enquanto sujeitos ativos numa rede planetária, que nossas ações responsivas, a voz do outro incidindo em nossos “eus” ganharam tamanha dimensão.

⁴⁶ #BlackLivesMatter, um movimento da internet para as ruas. Disponível em: <https://www.esquerda.net/dossier/blacklivesmatter-um-movimento-da-internet-para-ruas/68372>
Acesso em:

A partir dessas observações do autor, podemos analisar as interações feitas no ambiente das redes sociais. As amplas conversações sem limites geográficos nas redes sociais reverberam e influenciam a opinião pública e o posicionamento dos sujeitos. Imersas na enxurrada de publicações nas redes sociais, na cobertura da mídia e nas conversas do cotidiano, as pessoas reagem aos enunciados, produzindo novos enunciado, que, por sua vez reverberam mais além e assim sucessivamente.

As tecnologias não criaram o discurso citado, mas sem dúvida o difundiram numa dimensão macro inédita, tornando seu uso muito mais intenso e dinâmico, com enunciados se tocando, trombando, referenciando, refletindo e refratando entre si. Incidindo e impactando a subjetividade dos sujeitos que vivem nesse cotidiano de informação com uma força muito maior. As citações potencializadas dessa forma, produzem um dia a dia em que ninguém escapa da avalanche de signos (CASTRO, 2014; LEMOS, 2018).

Podemos utilizar um outro exemplo polêmico do fenômeno discursivo amplamente difundido pelas redes sociais se utilizando do discurso citado, das citações alheias produziram narrativas que se misturaram e se reconfiguram referenciando o discurso inicial. Esse exemplo também por meio de uma série de matizes e nuances carregadas de sentidos, ideologias, vozes sociais produziram movimentos que construíam por meio do discurso citado novas enunciações. No Brasil, foi publicada uma charge desenhada pelo cartunista Renato Aroeira, uma imagem que associava uma ação do presidente Bolsonaro ao Nazismo. Quando o jornalista Ricardo Noblat publicou a charge em seu perfil no *Twitter*⁴⁷ houve uma reação e imediatamente o cartunista foi ameaçado pelo Presidente da República. A partir desse momento, centenas de cartunistas, chargistas e ilustradores, em apoio a Aroeira, produziram inúmeras novas charges dialogando e referenciando a primeira, criando um movimento nas redes sociais chamado #SomosTodosAroeira.

Essas novas charges⁴⁸ referenciavam a primeira citando-a de forma sutil, singular e em outras vezes de forma bem explícita preservando o primeiro discurso. A charge original trazia o desenho do presidente com um pincel, balde e tinta vermelha

⁴⁷ *Tweet* da charge feita por Ricardo Noblat. Disponível em: <https://twitter.com/BlogdoNoblat/status/1272353246137458691>

⁴⁸ Para ver algumas charges referenciadas a do cartunista, acesse <https://conexaoplaneta.com.br/blog/somostodosaroeira-em-solidariedade-artistas-criam-charge-sobre-bolsonaro-incriminada-pelo-ministro-da-justica-e-lancam-abaixo-assinado/> Acesso em 29 set. 2020.

nas mãos pintando as pontas do símbolo utilizado nos hospitais (cruz vermelha) e transformando-o em um símbolo nazista (suástica). As inúmeras citações que referenciaram o discurso inicial, ou a charge primeira, foram construídas a partir da recepção, transmissão e citação da palavra alheia, e assim surgiu a produção de novas narrativas, porém, ecoando ou ressoando o discurso de Aroeira.

As citações encontradas nas novas charges criaram discursos, alguns incluindo o próprio Aroeira sendo ameaçado, demonstrando as inúmeras formas do encontro de vozes e a natureza multivocal dos sujeitos. Assim, quando tentamos entender a cadeia que se constrói numa interação socioverbal pelo viés do discurso citado, temos um forte elemento que pode contribuir para que compreendamos de forma mais completa os mais variados aspectos implícitos nos diálogos que travamos em nossa vida social e cultural.

No ciberespaço, com as possibilidades proporcionadas pela linguagem digital, os discursos se multiplicaram exponencialmente não apenas em imagem, como a charge, mas em texto verbal, escrito ou falado, símbolos, em todo tipo de material possível. Como tudo que simboliza algo na sociedade tem importância na interpretação dessa mesma sociedade, na dinâmica interacional ampliada estamos nos constituindo e constituindo a sociedade nessa mesma intensidade. É inevitável, nesse cotidiano, escapar do diálogo interminável com as diferentes temáticas, ideologias, visões de mundo, pois o sujeito contemporâneo vive hoje influenciado por vozes via *email*, *Twitter*, *WhatsApp*, enfim, por tudo que acessa pelo “teletudo” e fora dele (CASTRO, 2014; LEMOS 2018).

Aquele sujeito do passado, que ficava à janela para receber e repassar informações, difere muito do de hoje, pois este se relaciona com um número muito maior de informação, carrega muito mais signos, representações, opiniões, fatos do que antes da Cibercultura. Pérez-Gómez (2015) assume a urgência de se discutir tecnologia em sala de aula enquanto cenário de aprendizagem organizado de maneira radicalmente diferente de uma sala de aula, pois a sociedade está sendo moldada a partir das interações com a informação digital e as ações dos sujeitos ativos numa sociedade de tecnologias contemporâneas. Assim “[...] a vida cotidiana de crianças, jovens e adultos se encontra profundamente alterada pela ininterrupta e poderosa penetração social das novas tecnologias da informação e da comunicação” (PÉREZ-GÓMEZ, 2015, p. 22).

Para o autor, o espaço das redes sociais na internet é o lugar em que a interação com a informação está mais presente e precisamos proporcionar reflexões aos nossos estudantes sobre o uso dessas plataformas na vida cotidiana para analisar comportamentos, atitudes, modos de pensar e valores que se desenvolvem nelas a partir das interações. Segundo o autor,

A internet inclui os textos, mas não os trata de maneira muito diferente. O mundo da tela é muito diferente do mundo da página escrita, requer uma vida intelectual, perceptiva, associativa e reativa muito distinta. Nasce uma nova ética intelectual que define, de forma diferenciada, o que consideramos conhecimento válido, assim como as suas formas de aquisição, distribuição e consumo (PÉREZ-GÓMEZ, 2015, p. 20).

Dessa forma, é necessária atenção aos novos comportamentos dialógicos e fenômenos discursivos que emergiram com a cibercultura. O universo social que nos rodeia foi impactado pelo uso intenso de redes sociais e multiplicação exponencial de citações e assim circulamos, interagimos, construímos e modificamos sentidos nesses espaços. No cenário de informação ampliada aumentou também a circulação de notícias manipuladas e falsas, de *fake news*, influenciando numa dimensão macro vários âmbitos da sociedade.

As *fake news*, fenômeno predominantemente das redes sociais, são da mesma forma, enunciações, replicações de citações, respostas aos discursos alheios, e ganharam um enorme poder devido à potencialização numérica desses processos. Por isso, as *fake news*, fenômeno que emergiu com o uso intenso das redes sociais, constituem uma preocupação constante para vários setores da sociedade devido à sua forte infiltração e impacto nos diálogos do cotidiano e na formação da consciência subjetiva da sociedade. Esse impacto, resultado das interações amalgamadas por discursos mentirosos, influencia cenários políticos, econômicos e sociais.

A escola e, em especial, os professores de Língua Portuguesa precisam estar atentos às dinâmicas e interações discursivas que moldam comportamentos na sociedade digital. Afinal, as mudanças tecnológicas e as experiências cotidianas vividas no ciberespaço, nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens instantâneas tem alvoroçado a formação de nossa subjetividade e dos nossos estudantes. Pois, a partir do momento em que todos podem ter em mãos uma ferramenta tecnológica com o poder de gravar, editar e publicar suas enunciações, de

maneira desterritorializada e em tempo real, as informações se alastraram, invadindo e impactando o cotidiano dos sujeitos.

Anteriormente, a escola ignorou o uso da televisão enquanto ferramenta potencializadora de ensino e aprendizagem, mas “[...] se a televisão podia ser ignorada ou condenada facilmente por seu caráter profano de meio de lazer vulgar e desprovido de potencialidades educativas mais nobres” (BELLONI, 2003, p. 289), as redes sociais não podem. As atuais ferramentas propiciadoras da comunicação, como as redes sociais, não devem ser ignoradas e sim incorporadas pela educação, pois nossos estudantes, de maneira autônoma, circulam, aprendem, produzem enunciados e constituem suas subjetividades nesses espaços reais de uso (KNOLL, BRITO, 2011).

Recuperando o início de nossas reflexões e o problema de pesquisa engendrado, ou seja, **quais as possibilidades de uso da rede social Facebook no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica**, é preciso dizer que estamos numa sociedade em que ninguém está inune à informação e ao cotidiano ideologicamente caótico e informacional. Nossos estudantes nem tem o ensino médio completo, mas já tem um smartphone em mãos e a eles são cobradas a leitura e a escrita o tempo todo. Como é papel da escola acolher a diversidade cultural e propiciar a formação intelectual desses estudantes, precisamos, enquanto professores de Língua Portuguesa, preocupar-nos em ensinar e debater sobre como é o diálogo entre sujeitos e a informação no ambiente digital. É necessário desenvolver reflexões sobre as atitudes neste espaço, sobre como ser criterioso na leitura que se realiza nas redes sociais, no *WhatsApp* e em sites que se utiliza para pesquisar.

No contexto social de diálogos ubíquos e instantâneos, o ensino da Língua Portuguesa pode contemplar reflexões que envolvam as redes sociais e problematizar a interação dialógica que se desenvolve nelas. Pode, entre outras coisas, proporcionar espaço para debates sobre as fontes de emissão dos fatos, como os indivíduos apreciam os signos que os rodeiam, como incorporam e ressoam o discurso alheio, entre outros aspectos voltados à relação com a linguagem. Afinal, na sociedade digital nos relacionamos com a vida por meio da palavra, do som e da imagem de maneira muito mais intensa.

Recuero e Gruzd (2019) diagnosticaram o quanto as pessoas ao nosso redor recorrem ao *Facebook* como fonte de informação. Segundo os autores, há uma parte

considerável da população que se refere a uma notícia dizendo tê-la visto nessa rede social. Essas pessoas pautam a discussão a partir da informação a que tiveram acesso em seu *feed* de notícias. Isso indica que é necessário o debate sobre a leitura em sala de aula e a reflexão sobre as reconfigurações e interações sócio verbais que tiveram lugar devido ao uso das tecnologias digitais e como consequência das redes sociais.

Enfim, é necessário discutir com os estudantes como a informação circula nas redes sociais e para isso podemos utilizar o *Facebook* para dialogarmos com os estudantes sobre a sociedade, sobre viver num espaço digital presente na vida pessoal, no trabalho e na escola. Recuero e Gruzd (2019) já disseram que é impossível fugir da *web*, é impossível fugir do debate sobre o uso das redes sociais e que precisamos, sim, enxergá-las com consciência enquanto ambiente que vem nos constituindo numa interação com produtos, notícias e nas relações com o outro.

A liberação do polo de emissão, o fato de todos poderem produzir para todos, de poder editar, remixar e publicar enunciações alheias incutindo posicionamentos, denúncias e até intimidades num espaço social digital atraente, exige uma leitura mais atenta. Exige refletir e compreender as interações diante da potencialização numérica dos processos de citação de vozes sociais, signos e ideologias.

Uma vez que o componente verbal do comportamento humano é determinado em todos os momentos por fatores sociais na qual estamos inseridos, e na sociedade digital esses contextos incluem um uso intenso de redes sociais e de aplicativos de diálogo instantâneo, isso torna inescapável, para nós professores de Língua Portuguesa, a preocupação com as enunciações que nos rodeiam. Isso se aplica a qualquer formato (imagem, texto, som, gestos) e a qualquer esfera/campo de comunicação humana, inclusive a esfera do cotidiano, à ideologia do cotidiano. Um ambiente em que todo tipo de enunciação se choca conosco e reagimos fazendo ecoar a nossa ideologia.

Nossos estudantes, por meio de smartphones, acessam redes sociais como o *Facebook* e tantas outras, replicam e produzem opiniões sem fronteira geográfica. Eles vivem hiperconectados com os fatos do cotidiano do mundo inteiro e, num viés bem contemporâneo, dialogam com outras enunciações mediadas pela tecnologia o tempo todo. Os estudantes dialogam com tudo utilizando telas, com filmes, jornais, programas de televisão, séries nacionais e internacionais, canais de rádio, ativistas de diversas causas, com empresas, políticos, artistas, todas as esferas ideológicas e

sujeitos estão à disposição, à escolha, em um cardápio ou, para ser mais exato, num *feed* de notícias como a do *Facebook*.

Assim, as mudanças tecnológicas e as experiências cotidianas vividas por meio do intenso uso das tecnologias digitais, representadas aqui pelas plataformas de comunicação denominadas redes sociais na internet, têm impacto na formação da subjetividade e, no caso específico desta análise, particularmente na dos estudantes, que vivem igualmente na sociedade digital sob enunciados o tempo todo.

3. REDE SOCIAL NA INTERNET E EDUCAÇÃO

*Estou preso na rede
Que nem peixe pescado
É zap-zap, é like
É Instagram, é tudo muito bem bolado
O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de Deus pelo iPhone
(GIL, 2018)*

Gilberto Gil foi o primeiro artista brasileiro a ter seu show transmitido ao vivo pela internet. Em 1997, lançou a música "Pela Internet" que falava do impacto e das facilidades que a internet estava trazendo. Quase 21 anos depois, em 2018, compôs a música "Pela Internet 2" e nessa canção inédita os versos dizem o quanto estamos fisgados por ela, pelo *Instagram*, *Facebook*, *Waze* e pelo mundo de informações. Mas o fato é que de agora em diante a interação com a informação só tenderá a crescer, porque estamos cada vez mais tempo conectados.

Sabemos da situação temporal quando analisamos uma plataforma digital, mas tivemos que escolher uma rede social como *locus* de pesquisa, como elemento de análise e, para isso, elencamos o *Facebook*. Assim, nesta seção, essa rede social é discutida como um piloto, cujo experimento poderá trazer novas ideias para refletirmos sobre o uso das redes sociais como cenário de acesso à informação, enquanto lugar de expressão, conexão entre os sujeitos e publicização de nossas redes sociais.

3.1. REDES SOCIAIS NA INTERNET

No campo da apropriação teórica, os termos Rede, Rede Social e Sites de Redes Sociais são vastamente explorados por Recuero (2005b), que defende como essencial diferenciá-los para a compreensão do que são Redes Sociais na Internet. É oportuno iniciar dizendo que as redes sociais não nasceram com o advento da internet, pois a sociedade desde sempre se agregou em grupos, interagiu e compartilhava opiniões, interesses em comum, memórias etc.

O conceito de Rede e Redes Sociais é um campo de pesquisa acadêmica explorado há bastante tempo, principalmente pela Sociologia e Antropologia, que

buscam explicar os fenômenos sociais individuais e coletivos de redes sociais que advém da interação social. Por isso, para Recuero (2005b), precisamos dizer que a rede social não surgiu por consequência das tecnologias, mas neste contexto são vistas enquanto grupos que se apropriam de uma determinada ferramenta ou sistema e influenciam em sua constituição devido ao uso que fazem delas.

Recuero (2005b) explica que a metáfora “rede”, nesse contexto, é usada para se referir à constituição e interação dos diferentes grupos sociais. A expressão “rede social” é atribuída a um “[...] conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões [...]” (Wasserman e Faust, 1994, Degenne e Forsé, 1999). Essas conexões⁴⁹ são entendidas como os “[...] laços e relações sociais que ligam as pessoas através da interação social [...]” e quando se inserem num cenário digital conectado pela internet constituem as redes sociais na internet. (RECUERO, 2005b, p. 05).

Para Recuero (2009a), é impossível discutir o fenômeno das redes sociais sem relacionar as ferramentas tecnológicas que a constituem e as interações sociais que acontecem dentro delas. Para a autora, compreender um fenômeno pressupõe analisar suas partes em interação, pois “(...) estudar uma flor em um laboratório, por exemplo, permite que compreendamos várias coisas a seu respeito, mas não nos diz nada a respeito de como a flor interage com o ambiente e como o ambiente interage com ela” (RECUERO, 2009a, p. 17).

Wellman (2002) explica que foi a intensificação do uso de tecnologias digitais, conectando atores sociais, a principal responsável por fazer emergir e popularizar as Redes Sociais na Internet como forma de organização social e como resultado do que as pessoas produzem. Para a autora:

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes proporcionaram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Assim como uma rede de computadores conecta máquinas, redes sociais conectam pessoas, instituições e conhecimento, são redes sociais suportadas por computadores⁵⁰. (WELLMAN, 2002, p. 02, tradução nossa)

⁴⁹ Esse conceito é aprofundado em Wasserman, S., & Faust, K. Análise estrutural nas ciências sociais. Análise de redes sociais: métodos e aplicações. Cambridge University Press, 1994. Também abordado por DEGENNE, Alain e FORSÉ, Michel. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

⁵⁰ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *Complex social networks have always existed, but recent technological developments have afforded their emergence as a dominant form of social organization. Just as computer networks link machines, social networks link people. When computer-mediated communication networks link people, institutions and knowledge, they are computer-supported social networks* (WELLMAN, 2002, p. 02).

Essas redes sociais, que no ambiente digital têm potência global, são ancoradas em sites que, segundo (RECUERO, 2009a, p. 17) “[...] seriam uma categoria do grupo de *softwares* sociais, que seriam os *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador [...]” resultando nos sites de redes sociais - SRS (*Social Network Sites* - SNS, em inglês). A existência desses sites e os desenvolvimentos da web possibilitaram a formação das redes sociais na internet como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Tik Tok*, *Tumblr*, *LinkedIn* e outras como as que temos atualmente e tantas outras que ainda poderão surgir com a intenção de publicitar redes sociais.

Segundo a autora, ancorada em Boyd e Ellison (2007), esses sites são caracterizados por sistemas capazes de proporcionar “i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; iii) a exposição pública da rede social [...]” criando um cenário de relacionamentos sociais em um espaço social público interconectado mundialmente, dando uma outra dimensão à esfera pública (RECUERO, 2009a, p. 102).

Assim, esse é um espaço de interação discursiva e de comunicação mediadas pelas tecnologias, e assim é um espaço potencializador do diálogo, da interação, da busca e do compartilhamento de informação. Nesse viés, as autoras compreendem que a exclusividade desses SRSs vai além do encontro entre estranhos e tem a ver com a possibilidade de dar visibilidade às suas redes sociais e interações. Mesmo que essas conexões aconteçam entre as pessoas de seu vínculo de amizade, essa potencialização do diálogo é o novo modo de viver da geração presente em nossas escolas. É isso que torna esse ambiente um intensificador de um mundo simbólico, de significados e de tantas dinâmicas contemporâneas.

O que torna os sites de redes sociais exclusivos não é o fato de permitirem que pessoas se encontrem com estranhos, mas de permitir que os usuários articulem e tornem visíveis suas redes sociais. Isso pode resultar em conexões entre indivíduos que, de outra forma, não seriam feitos. Em muitos dos grandes SNSs, os participantes não estão necessariamente em “rede” ou procurando conhecer novas pessoas; em vez disso, eles estão se comunicando principalmente com pessoas que já fazem parte de sua rede social estendida. Para enfatizar essa rede social articulada como um recurso

crítico de organização desses sites, nós os rotulamos como "sites de redes sociais"⁵¹ (BOYD, ELLISON, 2007, p. 211, tradução nossa)

Uma rede social é diferente de site de rede social, como explica a autora, porque a rede social é o elemento de relacionamentos sociais que se utiliza dos sites para publicá-los. Assim, sem as pessoas e as empresas se apropriando desses sites, delineando práticas, atitudes e escolhendo como utilizá-los, eles não existiriam como tais.

Importa contextualizar algumas questões técnicas existentes nesses sites que são responsáveis por permitir que sejam uma tecnologia aplicada à comunicação tão potente e capaz de convergir ações do nosso cotidiano. A autora revela que cada site foi criado com determinadas funções, porém, os atores as modificam atendendo suas finalidades. Por isso, a autora enxerga esses sites por duas perspectivas: sites de redes sociais propriamente ditos (sistemas criados para expor publicamente as redes sociais) e os sites de redes sociais apropriados (originalmente não foram criados para publicitar perfis, mas devido à apropriação que fizeram deles se tornaram redes de perfis).

Por exemplo, o *Facebook* e o *Instagram* se encaixam na primeira perspectiva, porém o *Youtube* e o *Twitter* passaram a publicitar redes sociais devido ao uso que lhes deram. Assim, cada site, mesmo possuindo suas particularidades e estruturas, nem sempre são usados conforme a ideia original com que foram concebidas. Se esses sites não fossem utilizados para interações sociais não teríamos a potência de acesso, produção e compartilhamento de informação e muito menos a infinita interação entre os sujeitos de maneira global. Assim, são os sujeitos que dão sentidos devido ao uso que fazem das redes sociais, pois se apropriando a constituem, a potencializam ou não, a modificam de acordo com as suas ações dentro dela.

⁵¹ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *What makes social network sites unique is not that they allow individuals to meet strangers, but rather that they enable users to articulate and make visible their social networks. This can result in connections between individuals that would not otherwise be made, but that is often not the goal, and these meetings are frequently between "latent ties" (Haythornthwaite, 2005) who share some offline connection. On many of the large SNSs, participants are not necessarily "networking" or looking to meet new people; instead, they are primarily communicating with people who are already a part of their extended social network. To emphasize this articulated social network as a critical organizing feature of these sites, we label them "social network sites.* (BOYD, ELLISON, 2007, p. 211)

Boyd (2010) chama a atenção para a apropriação dessas redes sociais enquanto extensão de um espaço social, destacando características técnicas que contribuíram para a vida em rede num ambiente digital hipermidiático, público e coletivo. Ele destaca que esses sites que possibilitam linguagem múltiplas, em que qualquer texto, imagem ou som podem ser convertidos em dados digitais (*bits*)⁵², a ampliação e alcance da informação não tem limites. A autora explica ainda a existência de quatro características técnicas/recursos/*affordances* indissociáveis que são responsáveis pela potencialização da interação e produção de conteúdo nesses sites. São elas:

[...] persistência - as expressões online são automaticamente gravadas e arquivadas; replicabilidade - conteúdo feito de bits pode ser duplicado; escalabilidade - visibilidade potencial do conteúdo para públicos em rede é grande; e buscabilidade - conteúdos públicos em rede podem ser acessados através de pesquisa.⁵³ (BOYD, 2010, p. 20, tradução nossa)

A persistência diz respeito à permanência eterna das nossas publicações e interações nas redes sociais, o fato delas serem gravadas e arquivadas no momento em que postamos, ou seja, nossos dados não estão evaporando nas redes sociais. Só por existir esse recurso a responsabilidade ética precisa ser muito maior sobre o que publicamos nas redes. Recuero (2017, p. 21) dá atenção “[...] ao fato de que as interações que são constituídas nos meios online tendem a permanecer no tempo”, isso possibilita que conversas ou postagens realizadas se eternizem e sempre que necessário possam ser recuperadas.

A persistência possibilita que possamos buscar postagens antigas, palestras, imagens ou qualquer outro conteúdo, que pessoas interessadas em manipular informação possam recorrer a conteúdos antigos ou fotos públicas e manipulá-los a qualquer tempo. Para tanto, basta lembramos quantas falas recortadas de notícias antigas tentando se passar por notícia atual para influenciar uma opinião passaram por nós. Assim, mesmo uma postagem apagada pelo emissor, se alguém printou e

⁵² *Binary Digits* (dígito binário) é a unidade binária de informação utilizada no ambiente digital. Esse aspecto ampliou a capacidade de armazenamento e disseminação de uma informação a partir do momento em que essa pode ser transformadas em dígitos (podem assumir 2 valores, 0 ou 1) e ser transmitida em *bits*.

⁵³ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *Persistence: online expressions are automatically recorded and archived; Replicability: content made out of bits can be duplicated; Scalability: the potential visibility of content in networked publics is great; Searchability: content in networked publics can be accessed through search.* (BOYD, 2010. p. 07).

copiou, ela pode ser replicada em vezes infinitas, mesmo que tenha sido apagada logo após publicada, pode ser recuperada de servidores.

Outro recurso refere-se à dimensão da replicabilidade de um conteúdo no formato digital, que é capaz de propagar um fato, alastrando-o com intensidade gigantesca. Assim, fatos que aconteciam e ficavam restritos em comunidades ou grupos específicos, hoje podem tomar uma dimensão global quando publicados nas redes sociais. Esse é o elemento técnico que possibilita, por exemplo, que conteúdos viralizem, que denúncias sociais ou criminais cheguem às mãos de um número maior de pessoas, que aumente o alcance de campanhas de apoio, enfim, que uma multidão saiba de uma determinada informação praticamente em tempo real, como aconteceu com o crime contra o Floyd que mencionamos acima.

Outra característica das redes sociais é a buscabilidade, que possibilita pesquisar qualquer postagem pública fixada nesses sites. Trata-se da ferramenta que permitiu o “tudo visível”. Nas redes sociais é possível catalogar qualquer coisa quando usamos uma ferramenta que funciona como palavra-chave, a hashtag: #⁵⁴. Esse símbolo de cerquilha atua como link e como forma de identificação de assuntos, uma etiquetagem que possibilita encontrar nos resultados das pesquisas um agrupamento de mensagens, conceitos e assuntos comentados (SILVA, 2017b).

Por fim, o recurso de escalabilidade, que torna mais fácil o mapeamento dos conteúdos e facilita a visibilidade. Essa possibilidade de escalar informação é muito útil para empresas. Como exemplo, destacamos a tendência⁵⁵ de postagem nas redes sociais em que qualquer usuário da rede ou cliente da marca publica em sua *timeline* uma foto do produto, lugar ou de sua experiência e com isso facilita a reprodução da marca em larga escala disseminando uma imagem positiva ou negativa para as outras pessoas. Essa tendência, quando utilizada para elogiar um produto, por exemplo, acaba se tornando um anúncio ou propaganda gratuita feita pelo próprio usuário.

A grande escalabilidade nas redes sociais permite que qualquer pessoa possa ser um agente de comunicação (BOYD, 2010, p. 14). Essas condições estruturais

⁵⁴ Junção das palavras inglesas *hash* (cerquilha) e *tag* (etiqueta). É utilizada para indicar o tópico da postagem, realçar um elemento, agrupar pessoas e assuntos comuns, além de servir como forma de expressão. Sua utilização se dá principalmente nas redes sociais, atuando com links e etiquetagem, mas hoje se estendeu para programas de televisão, campanhas publicitárias que utilizam a internet, *outdoors*, cartazes, camisetas, etc. (SILVA, 2017b)

⁵⁵ Tendências das redes sociais para 2020 e 2021 - Sebrae. Disponível em: <https://inovacaoosebreaeminas.com.br/tendencias-das-redes-sociais-para-2020-2021/> Acesso em 2 agosto 2020.

proporcionam também um cenário inédito, em que “[...] enquanto há limitação para quantas pessoas podem estar num espaço físico ao mesmo tempo, os públicos em rede suportam a reunião de grupos muito maiores, de forma síncrona e assíncrona”⁵⁶ (Idem, 2010, p.14, tradução nossa).

Para (BOYD, 2010, p.13), a autenticidade dos conteúdos nas redes sociais são prejudicadas pela persistência e replicabilidade, porque “[...] os atos e as informações não estão localizados em um determinado espaço ou tempo e, devido à natureza dos bits, é fácil alterar o conteúdo, tornando mais difícil avaliar suas origens e legitimidade”⁵⁷. A escalabilidade potencializada das redes sociais pode proporcionar grandes audiências a pessoas e fatos, assim como figuras políticas e especialistas,

Há também aqueles que se tornam objeto de curiosidade generalizada e são movidos para a ribalta pela rede entrelaçada. Há também as inúmeras pessoas que não estão buscando nem ganhar atenção generalizada. No entanto, em um ambiente onde seguir o conteúdo dos próprios amigos envolve as mesmas tecnologias que observar as loucuras de uma celebridade, os indivíduos encontram-se incorporados na economia da atenção, como consumidores e produtores. Enquanto as novas mídias podem ser reproduzidas e escaladas tanto quanto possível, elas não abordam as maneiras da atenção ser um recurso limitado⁵⁸. (BOYD, 2010, p. 13 - tradução nossa)

Assim, a nossa participação nessas redes implica compreendermos a potencialidade de suas ferramentas e as consequências quando desenvolvemos estratégias para gerir esse ambiente. O que a sociedade tem feito desde o surgimento dessas redes é encontrar suas próprias abordagens para desenvolver elementos que satisfaçam suas necessidades. O uso que fazemos dos recursos técnicos desses sites, ou seja, o uso das ferramentas digitais associadas ao comportamento das pessoas, influencia e constitui o cenário de interações sociais e moldam nossa vida dentro e fora desse espaço (BOYD, 2010).

⁵⁶ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *While there are limits to how many people can be in one physical space at a time, networked publics support the gathering of much larger groups, synchronously and asynchronously* (BOYD, 2010, p. 13).

⁵⁷ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *as acts and information are not located in a particular space or time and, because of the nature of bits, it is easy to alter content, making it more challenging to assess its origins and legitimacy.* (BOYD, 2010, p. 13)

⁵⁸ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *There are also those who become the object of widespread curiosity and are propelled into the spotlight by the interwoven network. There are also the countless who are not seeking nor gaining widespread attention. Yet, in an environment where following the content of one's friends involves the same technologies as observing the follies of a celebrity, individuals find themselves embedded in the attention economy, as consumers and producers. While new media can be reproduced and scaled far and wide, it does not address the ways in which attention is a limited resource* (BOYD, 2010, p. 13).

Segundo Recuero (2009b), algumas dessas plataformas ganharam características de redes sociais, pois não foram concebidas para este fim. Uma delas é o aplicativo de comunicação móvel *WhatsApp*, que ao incorporar a ferramenta *Status* recebeu uma característica de rede social, com a possibilidade de publicitar por 24 horas uma imagem de si mesmo, uma opinião, ações que está realizando em tempo real.

O *YouTube* também, embora seja um site de cultura participativa, devido às mudanças tecnológicas e apropriação das ferramentas por parte dos usuários, hoje é marcado por mudanças dinâmicas que o levaram a características de site de redes sociais. Assim, precisamos pensar sobre o uso das redes sociais como uma ferramenta que é parte de nosso cotidiano e da qual todos estamos nos apropriando, experimentando e dando sentido de acordo com o nosso propósito (Burgess e Green, 2009).

Esses sites concederam, segundo Recuero (2009b) ancorado em Boyd (2007), uma nova geração de “espaços públicos mediados”, em que as pessoas e instituições se reúnem publicamente (RECUERO, 2009b, p. 05). Ou seja, temos um ambiente público, social e excepcionalmente interativo, numa dimensão global constituindo um cenário dinâmico que chamamos de Redes Sociais na Internet. Assim, essas redes sociais devem ser vistas, conforme Recuero (2009), enquanto organização por meio de relações sociais, composta pela interação social constituída nos grupos sociais e fora deles.

Para a autora, os processos comunicacionais que resultam desses sites de redes sociais, ou seja, as trocas de mensagens, a publicidade de características pessoais ou de grupos ou outra forma de interação mediada pelas ferramentas digitais são o que caracterizam o cenário das Redes Sociais na Internet. Na sociedade digital, caracterizada por *software* e algoritmos, precisamos, enquanto professores, debater com nossos estudantes os elementos e fenômenos que emergem na contemporaneidade.

3.2. FACEBOOK

Existem várias Redes Sociais na Internet, essas plataformas digitais gratuitas tem uma grande adesão por parte das pessoas. Ao longo do desenvolvimento da *Web 2.0*, várias plataformas de redes sociais foram criadas⁵⁹, algumas tiveram muita adesão, outra quase nenhuma. Algumas duraram vários anos e outras foram descontinuadas rapidamente. A primeira rede social, dentro da perspectiva de rede social apresentada neste trabalho foi SixDegrees (1997-2000), um *website* que permitiu criar perfis e conectar-se com amigos. Em 2004, o Google lançou o Orkut, uma rede social de sucesso rápido, com larga adesão logo em seu início. Cabe destacar que no ano de 2005, 51% dos usuários eram brasileiros. A realização de um perfil era feita somente por meio de convite enviado por uma pessoa que já tivesse acesso (FRAGOSO, 2006; BOYD, ELLISON, 2007).

Nos dias atuais, a rede social mais popular no mundo ainda é o *Facebook*⁶⁰, com aproximadamente 1,73 bilhões de usuários diários e 2,6 bilhões de usuários ativos no mês, seguindo como a mais acessada no mundo⁶¹. Somando as três redes sociais que pertencem ao *Facebook*, ou seja, *Instagram*, *Messenger* e *WhatsApp*, essa empresa abrange 3 bilhões de usuários ativos por mês. Sendo o Brasil o terceiro entre os principais usuários do *Facebook*, junto com a Indonésia, atrás somente da Índia e Estados Unidos⁶². Assim, mesmo quem não é usuário ativo dessa rede social, mas utiliza constantemente as demais citadas, está fazendo uso dos serviços de uma mesma empresa. Importa explicar que sabemos da situação temporal quando elencamos uma rede social para análise e em tempos de redes sociais a popularidade dessas vem e vão. No momento dessa pesquisa, países como a China, Rússia, Coréia do Sul, Japão e Oriente Médio não utilizam o Facebook, seja pelo fato de ser bloqueado ou devido à baixa penetração entre a população⁶³.

⁵⁹ *The rise of social media*. Disponível em: <https://ourworldindata.org/rise-of-social-media> Acesso em 22 ago. 2020.

⁶⁰ Reportagem com a evolução do perfil de Marc Zuckerberg no Facebook e também a evolução da plataforma. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/facebook/56429-veja-evolucao-perfil-mark-zuckerberg-facebook-2005.htm> Acesso em 16 set. 2020.

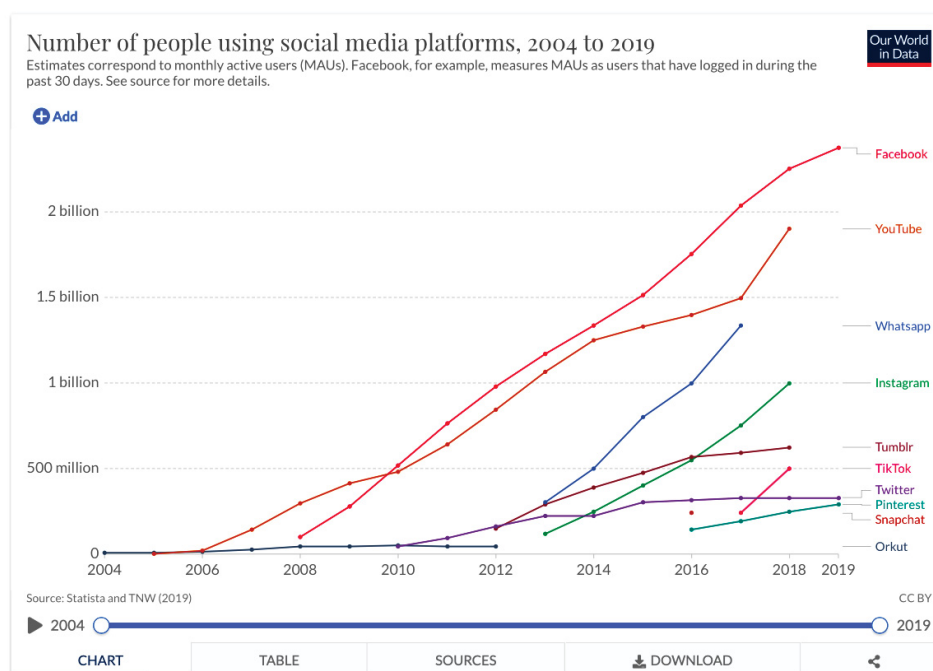
⁶¹ Relatório sobre o resultado do segundo trimestre de 2020. Disponível em: <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2020/Facebook-Reports-Second-Quarter-2020-Results/default.aspx> Acesso em 22 ago 2020.

⁶² Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights/facebook-2020> Acesso em 22 ago. 2020.

⁶³ Os 10 países que mais acessam o *Facebook* no Mundo. Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/midias_sociais/26638-os-10-paises-que-mais-acessam-o-facebook-no-mundo Acesso em: 23 dez. 2019.

Conforme mostra a figura 2, a ascensão das redes sociais entre os anos de 2004 e 2019, organizada por período e quantidade de pessoas, demonstram por meio de dados estatísticos as mudanças rápidas que ocorrem quando tratamos de plataformas digitais de relacionamento social. Essa pesquisa mostrou o quanto esse mercado se modifica, seja por não gerar engajamento, por se envolverem em escândalos e perderem a credibilidade, etc. O fato é que essas redes sociais geram uma interação social muito maior e renovam as formas e a intensidade de diálogo neste espaço. Entre todas elas, o *Facebook* se destaca como a plataforma mais popular na atualidade, em seguida vêm *YouTube* e *Instagram* e, com mais de meio bilhão de usuários, as mais recentes *TikTok* e *Tumblr*, com mais de meio bilhão de usuários. Acessando o *link* do gráfico é possível navegar e explorar outras redes sociais que surgiram ao longo dos anos.

FIGURA 2. ASCENSÃO DAS REDES SOCIAIS NO MUNDO



Fonte: <https://ourworldindata.org/rise-of-social-media>

O brasileiro tem fama no mundo por ser um forte usuário de redes sociais. Em 2004, com o surgimento do Orkut no Brasil, Frago (2006) percebeu que o número de usuários brasileiros nessa rede social superava o número de membros de outras

nacionalidades. Isso colocou o Brasil como um dos maiores consumidores do *Orkut*, o que tem um lado muito bom, porque estamos utilizando as redes sociais, inventando novas formas de se comunicar, estamos imersos num ambiente hipertextual, integrado com diferentes mídias, culturas e conteúdos que sem as redes sociais jamais acessaríamos.

A autora explica que naquele período a febre dos brasileiros foi tão grande que gerou um fenômeno conhecido mundialmente, que ficou chamado de *Brazilian Internet Phenomena*, também conhecido como Internet Memes. Expressão que se usa quando a “[...] popularidade de algo relativamente desconhecido cresce geométrica ou exponencialmente graças à propagação de conteúdo pela Internet. Internet memes geralmente iniciam e terminam de forma brusca e têm duração relativamente breve” (FRAGOSO, 2006, p. 02).

Esse fenômeno surgiu devido ao comportamento dos brasileiros na chegada do *Orkut* no Brasil. O fato é que até hoje os brasileiros são conhecidos mundialmente por serem fortes usuários de redes sociais, em 2019 ocuparam o 2º lugar no ranking mundial, ficando atrás apenas das Filipinas. Isso se dá porque o brasileiro em média tem ficado 3h38min por dia pulando de rede em rede social.

Voloshinov (2017) explica que existe um campo ou esfera de comunicação humana ideológica que é atribuído à esfera do cotidiano, como trouxemos na seção anterior. Ela é uma grande promotora de nossa construção subjetiva, apresentando-se como, segundo Castro e Nascimento (2020), um espaço social simbólico com grande representatividade em nosso dia a dia. Em tempos de redes sociais, as interações que acontecem nesses lugares fazem parte desse cenário, porque são interações sociais, simbólicas e ideológicas que vivenciamos dentro dessas.

Em redes sociais como o *Facebook*, vivemos uma interação ininterrupta com ideias, visões de mundo, valores sociais, com as esferas artísticas, religiosas, jurídicas, culturais, científicas, jornalísticas, midiáticas e de maneira rápida, ampla, abrangente, pública, num movimento inacabado com a informação. Nesses espaços de diálogos, de maneira inescapável estamos em contato com a informação abundante, desenhando por meio dessa interação nosso viés ideológico e valorativo sobre o mundo, sendo impactados enquanto indivíduos, fundamentando nossa subjetividade, ou seja, contribuindo para a nossa formação subjetiva enquanto sujeitos no mundo.

O livro *O Efeito Facebook*⁶⁴, escrito pelo jornalista David Kirkpatrick, traz uma extensa investigação cronológica de toda a história do Facebook, baseada em entrevistas com os envolvidos, investidores, trechos de diários e informações. O jornalista relata desde o contexto de 2003, no alojamento de estudantes de Harvard, no estado de Massachusetts nos Estados Unidos até os dias atuais. O livro descreve como o negócio de Zuckerberg cresceu e tornou-se uma organização altamente lucrativa, ele também mostra o impacto do negócio no comportamento da população, a utilização pelos governos e a organização de manifestações pelo mundo.

Segundo o autor, o criador do Facebook, Mark Zuckerberg, ainda estudante em Harvard, com 19 anos, juntamente com os colegas Chris Hughes, Dustin Moskovitz e Billy Olson criaram o *Facemash*, uma rede social interna que classificava os estudantes da universidade para eleger quem era mais *sexy*. Nessa época, para conseguir as fotos de todos os estudantes, ele emprestou uma senha do amigo que administrava o *Facebooks*, o registro com fotos de identificação que os estudantes tiravam ao ingressar na instituição.

Em Harvard, Zuckerberg sempre esteve envolvido em diversos projetos, neste mesmo período criou outros 12 pequenos projetos diferentes, entre eles um que consistia em produzir *software* para descobrir o gosto musical das pessoas e ofertar outras que lhe agradassem. Outros foram criados para proporcionar encontros, anunciar festas e conseguir descontos para boates, mas “[...] sempre voltados a entender como as pessoas se conectavam por meio de referências mútuas” (KIRKPATRICK, 2011, p. 487, *e-book*).

O autor relatou que no contexto desses projetos, dentro da universidade, havia sempre várias polêmicas éticas que ele contornava e que envolviam infringir código de conduta e privacidade, violação de direitos autorais, acusações de sexismo e racismo. No ano seguinte, em 2004, Zuckerberg lançou o *TheFacebook*, uma rede social privada para conectar estudantes de Harvard, mais tarde de outras faculdades e para o ensino médio. Assim, pessoas podiam conectar-se com pessoas, descobrir o que elas cursavam, procurar amigos e publicitar sua rede social. Esse período foi crucial para Zuckerberg e Moskovitz investigarem relacionamentos sociais atrelados aos softwares e adquirir experiência.

⁶⁴ Entrevista com o autor disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,o-novo-plano-do-facebook-sobre-privacidade-e-desonesto-diz-escriptor,70002758191> Acesso em: 17 jul. 2020.

Em 2005, os dois amigos tornaram o Facebook uma empresa efetivamente e mais tarde a expandiram do contexto de apenas usuários estudantes para se transformar num site que “[...] o mundo todo pudesse usar para se conectar com amigos” (KIRKPATRICK, 2011, p. 170). Marc Zuckerberg, o CEO e proprietário do Facebook, é formado em Psicologia e Ciência da Computação, segundo o autor, tem um perfil de grande empreendedor de tecnologia e que busca abraçar cada vez mais o mercado de tecnologia.

O fato é que Zuckerberg construiu ao longo de muitos anos uma rede social que hoje serve de base para hábitos como acesso a notícias online, comércio, entretenimento e relações sociais. Ele constituiu, assim, uma empresa que opera em grande parte utilizando o monitoramento dos dados pessoais dos usuários que, revertidos em sentimentos e subjetividades, possibilitam aumentar o engajamento e participação das pessoas nesse espaço. Por isso, precisamos olhar cada vez com mais criticidade para as mudanças lançadas (principalmente no *feed* de notícias), pois elas têm o intuito de manter cada vez mais os usuários dentro desse espaço.

O futuro dessa grande empresa, o *Facebook*, é investir numa tecnologia que proporcione maior interação entre pessoas e a informação. No último *Facebook Connect*, evento realizado virtualmente em 16 setembro de 2020, Zuckerberg anunciou um grande investimento numa tecnologia que proporciona um sentimento de presença, o *Oculus Quest 2*. Trata-se de óculos de realidade aumentada produzido com uma vasta biblioteca de conteúdo e como um dispositivo doméstico, utilizando, além da realidade virtual aumentada, interfaces neurais⁶⁵.

Todos esses avanços reforçam a centralidade do *Facebook* e de outras redes sociais na comunicação. Para Lemos (2019), esse espaço de leitura e interação contemporâneo, próprio das redes sociais, atualmente está sob o domínio/monopólio das *Big Five/Big Tech: Facebook, Google, Amazon, Apple e Microsoft*, que a partir de seu modelo de negócio se comportam como exploradores e mineradores de dados dos usuários.

Recuero (2015) define o *Facebook* como uma ferramenta social na internet muito ampla e uma das principais responsáveis por expandir o diálogo entre os sujeitos. As tantas potencialidades atreladas à dinâmica das interações possíveis neste espaço nos levou ao ponto de ter um lugar de referência para além das

⁶⁵ Veja o lançamento. Disponível em: <https://ai.facebook.com/blog/dynabench-rethinking-ai-benchmarking> Acesso em 16 set. 2020.

interações entre as pessoas e instituições, um cenário de disseminação de conteúdo midiático. Prova disso são as diversas vezes que ouvimos pessoas mencionar algum fato jornalístico vinculando-o ao *Facebook*. Originalmente, essa empresa não tinha vocação jornalística, mas na atualidade dissemina notícias atuando num papel complementar às práticas jornalísticas. Em relação ao *Facebook*, a autora afirma que se trata de um lugar de grande potência para o diálogo, onde podemos publicitar nossa identidade, interagir com a subjetividade do outro, com notícias e produtos num mesmo lugar.

Em 2019, essa vocação foi assumida de forma mais consistente quando a empresa criou o *Facebook News*⁶⁶, um serviço de mídia social que agrega conteúdos jornalísticos produzidos por *publishers* (editores) da própria plataforma. Esse serviço de notícias será disponibilizado em breve no Brasil. Desse modo, o Facebook busca impactar ainda mais a era da informação, mantendo cada vez mais seus usuários conectados e ampliando as dinâmicas possíveis dentro dessa plataforma.

Essa plataforma com caráter de mídia social foi analisada por Recuero (2020), há tempos, quando as pessoas começaram a publicar e republicar informações. Para ele, aquela rede social nascente deveria ser “[...] compreendida como um efeito das ações dos atores nos sites de rede social, publicando e republicando informações de modo a dar visibilidade para determinados discursos em detrimento de outros” (RECUERO, 2020, p. 04).

Em 2018, um estudo da Forbes também revelou que as redes sociais haviam se tornado mídias sociais, pois eram a principal fonte de notícias online para mais de 2,4 bilhões de usuários da internet. Essa pesquisa revelou que aproximadamente 65% dos usuários da *web* não tinham os veículos de comunicação como fonte de últimas notícias e era pelo *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Snapchat* e *Instagram* que ficavam sabendo das notícias em tempo real.

Sobre o comportamento dos leitores em relação ao consumo de notícias, no referido estudo percebeu-se uma diminuição na quantidade de artigos jornalísticos lidos de maneira completa pelas pessoas. Na dinâmica das redes sociais, em que acessamos informação rolando um *feed* de notícias, a grande maioria das pessoas apenas tropeça nelas, lendo a manchete ou assistindo pequenos vídeos. O

⁶⁶ Brasil está na rota de lançamento do *Facebook News*. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/08/25/brasil-esta-na-rota-de-lancamento-do-facebook-news.html> Acesso em: 25 ago. 2020.

mapeamento revelou que uma pessoa lia por apenas 15 segundos ou menos um artigo ou *post*, em se tratando de vídeo o tempo médio era de 10 segundos. Assim, o acesso à informação e a comunicação por essas redes sociais se dá de forma instantânea utilizando texto escrito, imagens e sons.

Em nossas leituras, enquanto interlocutores, absorvemos significados, signos ideológicos, dialogamos com discursos que ressoam em nós ideologicamente ou que têm uma relação com as nossas subjetividades (VOLOSHINOV, 2017). Nas redes sociais, ao mesmo tempo em que interagimos com os conteúdos, expressando-nos e construindo sentidos, as empresas administradoras se colocam como máquinas publicitárias. Assim, dentro desse espaço, enunciados micro direcionados dialogam conosco.

Um outro aspecto a ser observado é que para (VOLOSHINOV, 2017, p. 32-36) na construção de nossas enunciações as relações dialógicas são imperativas, e porque avaliamos discursos nessas relações, podemos “[...] distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico”, ou seja, os discursos são modos de interpretar o mundo. As formas com que nos comunicamos uns com os outros o tempo todo são baseadas na alteridade, o tempo todo estamos nos compondo com o outro, nos constituindo com o outro. Nessa dinâmica, ao lermos nas redes sociais, comentarmos as publicações das pessoas, publicarmos nossas opiniões, levamos diferentes temas para os diálogos do cotidiano, que acontecem o tempo todo, assim estamos referenciando o que apreendemos do outro nesses diálogos.

Lemos e Pastor (2020) comentam que num espaço de redes sociais em que trocamos informação e acessamos uma imensidão de conteúdos estes não podem ser vistos como neutros, porque são pessoas e instituições, suas expressões e agora adiciona-se a lógica dos algoritmos que alimentam tais redes sociais. Precisamos considerar essa lógica como resultado do impacto gerado pelo processamento algorítmico, pela possibilidade de modulação de nossa vida pessoal por dados em tempo real, pelo processo de dataficação e performatividade algorítmica presente nessas plataformas.

Isso exige dos usuários um olhar mais atento para os discursos dos grupos políticos, das empresas, para discursos com o intuito de uma imposição de visões de mundo e de ideologias. Ao mesmo tempo, uma ação individual de afastamento das redes sociais, das instituições midiáticas e da televisão só tende a piorar o problema.

Portanto, não se trata de extinguir redes sociais e jornais, mas sim de criar regulamentações e instrumentos como vimos em ações do TSE e outros órgãos (LEMOS, PASTOR, 2020).

Essa dataficação mencionada acima é o processo de mapeamento, captura e manipulação de rastros ou qualquer forma de ação (intencional ou não) dos usuários nas diversas ações realizadas nos ambientes digitais, mas principalmente nas redes sociais. Para Lemos (2019), essa lógica foi engendrada por uma ação opaca e silenciosa, a dataficação da vida social se tornou operacional no ambiente digital, e vem sendo utilizada para servir fins comerciais, políticos e governamentais. De acordo com Lemos e Pastor (2020):

Dataficação não é digitalização da vida, é o processo de captura de nossos rastros de qualquer forma de ação (intencional ou não) e a transformação desses em dados digitais quantificáveis, qualificados e operacionalizáveis via tecnologias e processos (plataformas digitais, algoritmo, inteligência artificial, machine learning ou deep learning, big data). É um procedimento que possibilita que as mínimas expressões que realizamos no mundo digital possam ser mapeadas, uma conversa de qualquer forma de expressão vital, estimula a captura por plataformas e agenciamento em tempo real (LEMOS, PASTOR, 2020, p.06).

Um exercício para identificarmos essa lógica é olharmos para a *homepage* de um usuário do *Facebook* e a estrutura do seu *feed* de notícias⁶⁷. O *feed*, na verdade, é uma lista interativa personalizada de notícias oriundas dos círculos sociais do usuário. Dessa forma ele tem contato com muitas pessoas ao mesmo tempo, sem esforço. Além disso, num mesmo lugar há o perfil dos amigos, anúncios de produtos, serviços, ações que o círculo de amigos realizou dentro das redes sociais, sugestão para seguir ou curtir uma página, tudo isso seguindo uma lógica algorítmica construída em tempo real.

O *feed* de notícias trouxe uma grande mudança no processo de consumo de conteúdo no *Facebook*. Na época de sua implementação, Mark Zuckerberg publicou em seu perfil que essa mudança viraria de cabeça para baixo o processo de comunicação. Isso porque, antes, se quiséssemos saber informação de alguém tínhamos que enviar mensagens diretas, mas com o *feed* e a estruturação do mural o contato com a informação acontece sem esforço.

⁶⁷ Postagem de Marc Zuckerberg em seu perfil do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck/posts/10103087138471551> Acesso em: 11 ago. 2020.

A participação dos algoritmos⁶⁸ impacta grande parte das atividades cotidianas mais triviais. Pierro (2018) explica que vemos e sentimos seus efeitos, porém não compreendemos como funciona. O autor explica de forma clara o algoritmo no *Facebook* por meio de uma sequência de passos. A disseminação e utilização cada vez maior de algoritmos na sociedade digital ganha cada vez mais expansão. As gigantes da internet, como o *Facebook*, capturam nossos rastros utilizando todo tipo de reações pessoais, isso é mais intenso em ambientes intuitivos e atrativos como o *Facebook*.

A escolha do que vai aparecer no feed de notícias de um usuário depende, em primeiro lugar, do conjunto de postagens produzidas ou que circulam entre os amigos. Em linhas gerais, o algoritmo analisa essas informações, descarta posts denunciados como de conteúdo violento ou impróprio, os que pareçam spam ou os que tenham uma linguagem identificada como “caça-cliques”, com exageros de marketing. Por fim, o algoritmo atribui uma nota para cada uma das publicações com base no histórico da atividade do usuário, tentando supor o quanto ele seria suscetível a curtir ou compartilhar aquela informação (PIERRO, 2018, p. 03).

Rastros podem também ser deixados devido ao uso de aplicativos de jogos, realização de testes de personalidade, interação por mensagens individuais, uso de imagens para reagir, buscas temáticas e até pelo que não fazemos nela contribuimos para que construam nossa identidade nesse espaço. Todo o debate que estamos construindo passa pela compreensão de que a nova dinâmica está presente na sociedade digital, quando utilizamos redes sociais, pesquisas no *Google*, aplicativos de mensagens e tantos outros aplicativos em ações do cotidiano. Mesmo porque o próprio *Facebook* se mostrou como uma grande empresa de tecnologia que cada vez mais toma conta do mundo dos dados e conexões.

Na figura 3, no Qr Code do vídeo “Tudo que o *Facebook* sabe sobre você” trazemos uma listagem de características que são mapeadas quando inserimos nossas informações e interagimos no *Facebook*, note-se que todas são informações que fazem parte do nosso cotidiano.

⁶⁸ Os professores Roberto Marcondes Cesar Junior, do IME-USP, e Sérgio Amadeu da Silveira, do CECS-UFABC, explicam como e por que os algoritmos têm impacto crescente no cotidiano. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2018/04/018-025_capa-algoritmos_266novo.pdf Acesso em 16 set. 2020.

FIGURA 3. QR CODE: TUDO QUE O FACEBOOK SABE SOBRE VOCÊ



Fonte: <http://www.techtudo.com.br/videos/v/tudo-que-o-facebook-sabe-sobre-voce/4004810/>

Assim, nesta rede social todo tipo de interação com a linguagem, até as mais intuitivas e sutis, são formas de expressão, de ressoar o discurso alheio, de se posicionar diante dos fatos e de se constituir enquanto sujeito. A interação por meio de elementos não verbais como gestos e imagem também são muito utilizados no *Facebook*. Reações rápidas e espontâneas são realizadas por meio de *emojis*⁶⁹, *emoticons*, *stickers*, *gifs*, figurinhas, memes etc. Essas imagens fáceis e rápidas de utilizar têm uma função discursiva no espaço, ampliando nossa participação, expressão e posicionamento diante dos fatos (PAIVA, 2016).

Essas figuras influenciaram intensamente a forma de se comunicar em espaços de redes sociais. As imagens nas interações das redes sociais acabam substituindo palavras, podendo expressar emoção reagindo a uma posição valorativa, indicar afeto, ter a função de intensificador quando se duplica o mesmo emoji, expressar ironia, criticar uma ideia, substituir pontuação e, sintaticamente falando, elas funcionam muito bem como expressões completas (Tian, *et al.*; 2017). Os *emojis* tem uma relevância cultural muito grande e pode até ser considerada uma palavra que não é uma palavra. Um *emoji* que representa um rosto com lágrimas de alegria (☺) recebeu o prêmio de palavra do ano pelo Dicionário Oxford.

Esta dinamicidade foi descrita por Levy (1999, p. 59), quando disse: "Agora o texto é móvel, caleidoscópico, apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor". A extensão cultural e as formas de expressão desses sites

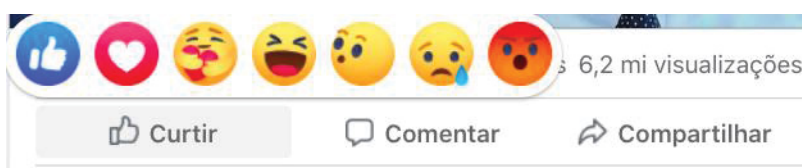
⁶⁹ Os *emojis* são representações tão significativas no mundo digital que o Museu de Arte Moderna em Nova York abriga uma exposição fixa com os 176 *emojis* originais. No caso dos *emojis* existem padrões para serem seguidos pelas marcas. A Unicode é a instituição que cria padrões de exibição de conteúdos digitais, lançando regras e formatos que são seguidas pelas empresas, e regulamenta a criação de *emojis*. Há diferença entre *emojis* e *emoticon*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>. Acesso em: 21 set. de 2019.

são infinitas. Essa perspectiva comunicacional dialoga com o exercício de autoria, de coprodução, de interações sociais que intuitivamente imperam nessa discursividade dialógica existente num ambiente de aprendizagem como o *Facebook*. Ambiente este que, observamos como potencializadores da expressão e compartilhadores de narrativas, opiniões, significados. Assim, conforme Porto, Oliveira, Chagas (2017) apontam, neste espaço a nossa leitura e escrita foi reinventada, pois:

Deparamo-nos, atualmente, com uma leitura e uma escrita como elementos principais da nossa vida social e cultural. A escrita contemporânea se reinventa por meio do uso de letras, símbolos, imagens e sons. Estes aspectos, em grande parte, marcam o modo de escrever, numa formulação de novas escritas, coadunando um acordo entre o contexto e a audiência (PORTO, OLIVEIRA, CHAGAS, 2017, p. 118).

Em janeiro de 2016, Zuckerberg anunciou a criação da *Reaction Emoji*⁷⁰, inserida como extensão do botão *Like/Curtir* no *feed* de notícias. Essas figuras facilitaram aos usuários expressarem rapidamente tristeza, espanto, raiva, amor e risada em qualquer publicação da plataforma. Na figura 4 apresentamos as *reactions* disponíveis no *Facebook* que, de maneira prática, impulsionaram a interação.

FIGURA 4. REACTION EMOJI NO FACEBOOK



FONTE: Print do *Facebook* realizado pela autora.

Em seu anúncio, Zuckerberg revelou que as seis formas de expressão surgiram da necessidade de produzir maior interação no *Facebook*. Na época, a empresa teria diagnosticado que a maioria dos usuários não comentava usando texto escrito e assim tiveram a ideia de criar essas reações como estratégia para diminuir a apatia e impulsionar interações rápidas e fáceis. No *blog* da empresa, Sammi Krug,

⁷⁰ Facebook lança *reaction emoji* em mais países para substituir o Like. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-lanca-reaction-emoji-em-mais-paises-para-substituir-o.html> Acesso em 02 abril 2020.

gerente de produtos, explicou também que "[...] qualquer reação semelhante a um Curtir para inferir que você deseja ver mais desse tipo de conteúdo"⁷¹ serviria para coletar posicionamentos com o intuito de melhorar o perfil do usuário.

Uma ação como essa demonstra a intenção da rede social em conseguir mais dados sobre o posicionamento dos sujeitos diante dos fatos, mapeando posições individuais e de grupos. Vale a pena traçar um paralelo com as investigações que aconteceram sobre a relação do *Facebook* e a *Cambridge Analytica*. Em 2018, os depoimentos recolhidos pelo Parlamento Europeu denunciaram que essas duas empresas trabalhavam juntas na campanha de Trump⁷² desde o início de 2016.

Para Lemos e Pastor (2020), a lógica de utilização de algoritmos para micro direcionar informação e produtos está em toda parte da vida contemporânea, não somente no Facebook e outras redes sociais, mas nos diferentes aplicativos que utilizamos para ações do cotidiano e inclusive nos próprios *gadgets*⁷³. Isso impacta todas as áreas da vida, na política, na economia, entretenimento e muito claramente na forma de acesso e produção de conhecimento. Por isso, os autores defendem que a educação deve se preocupar cada vez mais em proporcionar debates educacionais dentro dos ambientes digitais. Essa seria a forma de discutir os efeitos causados pelas redes sociais e o uso que fazemos dela, na tentativa de nos tornarmos mais imunes a essa lógica de estarmos diante de conteúdos persuasivos e micro direcionados a nós.

A lógica das redes sociais é o uso de algoritmos, atrelado à psicologia e isso requer um debate amplo, pois pouco sabemos sobre como os nossos dados são coletados, quem os utiliza, como os utiliza, ou seja, não entendemos quase nada sobre o que acontece dentro de um sistema criptografado⁷⁴. Assim, não sabemos exatamente como essas coletas acontecem, como são analisadas, utilizadas para micro direcionar conteúdo e quais tipos de informação chegam a nós nessa dinâmica.

Os conteúdos que circulam nas redes sociais hoje são muito dinâmicos e abarcam um imenso universo de conteúdos com origem na fala das pessoas, das

⁷¹ O que o lançamento de reações significa para o feed de notícias. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2016/02/news-feed-fyi-what-the-reactions-launch-means-for-news-feed/>. Acesso em 15 jul. 2020.

⁷² O diretor digital de Trump diz que o Facebook ajudou a ganhar a Casa Branca. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/oct/08/trump-digital-director-brad-parscale-facebook-advertising> Acesso em 15 jul. 2020.

⁷³ *Gadgets* (do francês *gachette*) ou gizmo (do inglês) é uma gíria tecnológica pra designar dispositivos eletrônicos portáteis. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/12/16/time-lista-10-melhores-gadgets-da-decada.htm> Acesso em: 20 dez. 2019.

⁷⁴ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mundo-mediado-por-algoritmos/>

empresas, dos políticos. No Brasil, e em outros países, as redes sociais se tornaram o principal canal de diálogo com a população, a ponto de por exemplo, o *Facebook* ser utilizado com a principal mídia para pronunciamentos utilizada pelo presidente do Brasil e outros políticos. Produzir conteúdos e disseminá-los por meio de uma mídia espontânea como essa têm uma força dialógica muito grande na formação da opinião de uma sociedade, na constituição da subjetividade, que irá impactar nas escolhas individuais. O *Facebook* é um ambiente bem particular, dinâmico e complexo, especialmente em relação à produção de enunciações, pois nele circula todo tipo de enunciado.

Não é à toa que muitos teóricos defendem a importância de utilizar redes sociais em sala de aula, pois precisamos compreender o que fazer com elas e o que elas fazem conosco. A educação tem a necessidade de debater sobre o impacto delas na nossa subjetividade, na forma de pensar de nossos alunos e nas ações que são realizadas dentro e fora do ambiente digital. Santaella (2013) traz uma metáfora interessante para demonstrar a dimensão que as redes sociais tomaram no universo digital e na nossa vida.

No atual estado da arte, a internet é um cérebro digital global que – graças às plataformas de redes sociais – Facebook, LinkedIn, Twitter, Orkut etc., estas que se constituem no mais recente estouro do universo digital – transmite publicamente as relações, interesses, intenções, gostos, desejos e afetos dos usuários registrados nessas plataformas, em processos de acesso e compartilhamento incessantes e velozes (SANTAELLA, 2013, p. 1601 - e-book).

Assim, interagir numa rede social é imergir numa dinâmica incessante e veloz de fatos jornalísticos, mercadorias, amplo diálogo entre pessoas, temáticas diversas, *fake news*, de algo como se fosse um grande diário pessoal editado pelos usuários, tudo isso disponível 24 horas por dia. As redes sociais na internet moldam cenários de “negócios, cultura e pesquisa”, para Pérez-Gómez (2015):

É possível afirmar que a vida cotidiana das novas gerações, sobretudo dos jovens, configura-se mediada pelas redes sociais virtuais, que induzem novos estilos de vida, de processamento de informação, de intercâmbio, de expressão e de ação. Passou pouco tempo, e tudo avança muito rapidamente, para poder oferecer sugestões baseadas na pesquisa sobre os efeitos dessas mudanças no desenvolvimento das qualidades humanas das novas gerações, mas todos os indícios apontam para mudanças importantes (p. 25-26).

As plataformas de comunicação ou as redes sociais na internet tem grande responsabilidade no debate público, pois essas são a forma dominante de organização social, os jogos online, os sites de compartilhamento de vídeo, os *gadgets* e os *smartphones* são agora os acessórios da cultura e, mais especialmente, dos adolescentes e jovens. Para Silva (2017), esses acessórios estão tão associados à vida das pessoas que é difícil lembrar que estão à disposição apenas há poucos anos. Hoje, como no passado, os jovens, a partir de certa idade, buscam sua autonomia, inclusive na cultura digital eles fazem isso, mas de diferentes maneiras, com outras formas de comunicação, outras formas de se relacionar, novas formas de jogar, novas formas de expressão e também de exposição.

Para Santos e Santos (2012), as redes sociais impactaram no campo educacional e precisamos incorporar tecnologias que fazem parte do cotidiano dos estudantes. As autoras defendem que elementos como interatividade, multivocalidade e colaboração estão potencializados no ambiente digital e presentes na nossa vida cotidiana, e por isso precisamos intensificar as pesquisas acadêmicas que desenvolvam estudos, pesquisas e práticas nas diversas redes educativas.

As redes sociais se apresentam, segundo Ferreira, Corrêa e Torres (2013), como fortes aliadas ao contexto de mudança do mundo comunicacional. Elas não são as únicas responsáveis, mas sem dúvida tiveram grande influência ao ampliar a difusão e disseminar as redes de informação e alavancar:

(...) uma nova perspectiva de interações, suportes, possibilidades e desafios de associações entre sujeitos construtores de saberes, onde são constantemente convidados a gerirem seus conhecimentos, seus compartilhamentos e suas conexões, onde se podem aumentar os potenciais ou também distraí-los de seus objetivos iniciais, também requer atenção no sentido da questão formulada: mais que uma teorização sobre a evolução tecnológica é a constatação de que tais redes estão – e podem/necessitam estar – à disposição dos processos de ensino-aprendizagem, bastando os envolvidos – alunos e professores – utilizarem toda gama de suas possibilidades inovadoras (FERREIRA, CORRÊA, TORRES, 2013, p. 05).

Santos e Santos (2012, p. 06) enfatizam a importância das pesquisas educacionais se voltarem para analisar e discutir a potencialidade da rede, “[...] a internet configura-se como lugar de conexão e compartilhamento [...]”, abrindo um leque de opções para as práticas educacionais proporcionarem a colaboração em rede, compartilhamento de informação, constituição de comunidades, engajamento

em rede, a ideia do “cocriar em rede” conectar-se com outras pessoas, produzir sentidos, trocar informações, circular, distribuir informações, saberes, conhecimento.

Desse modo, embora os jovens sejam mais nativos digitais e configurem suas práticas cotidianas com ferramentas culturais da cibercultura, eles não têm fluência digital para sua autoaprendizagem e necessitam de mediação. Por isso, o papel do professor ou de algum mediador que articule as práticas culturais da cibercultura para a promoção da aprendizagem sempre será eficaz e relevante (SILVA, 2017, p. 10-11).

Ensinar na sociedade contemporânea é explorar as diferentes culturas a que temos acesso, ainda mais num ambiente como as redes sociais, com a grande potência hipertextual de um site como é o caso do *Facebook*. Santos (2003, p. 225) aponta que num ambiente online como esse temos:

a) **intertextualidade**: articulações com outros sites ou documentos; b) **intratextualidade**: novas compreensões com o mesmo documento; c) **multivocalidade**: incorporar a multiplicidade das diferentes formas de interpretar o texto; d) **navegabilidade**: ambiente simples e de fácil acesso e transparência nas informações; e) **mixagem**: integração de várias linguagens: sons, texto, imagens dinâmicas e estáticas, gráficos, mapas; f) **multimídia**: integração de vários suportes midiáticos (SANTOS, 2003, p. 225 - grifo da aurora).

Assim, as características desses sites como intertextualidade, multivocalidade, navegabilidade, mixagem e multimídia exprimem a vastidão de metodologias que podemos incorporar a nossas práticas em sala de aula.

3.3. USO PEDAGÓGICO DO *FACEBOOK*: UMA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO POSSÍVEL

A utilização de ferramentas digitais e de redes sociais na vida cotidiana das crianças, adolescentes e jovens os inseriu diuturnamente em práticas de leitura e escrita fora da dinâmica da vida escolar. O uso das redes sociais em todas as faixas etárias, inclusive para crianças e adolescentes, ficou evidente na pesquisa TIC *Kids* Online Brasil, realizada em 2018, mesmo quando a política de uso estabelece idade mínima de 13 anos. Porém, a decisão de uso das redes sociais em sala de aula precisa, antes de tudo, estar atrelada à faixa etária dos estudantes, uma vez que existem restrições de idade com o intuito de proteger as crianças dos abusos cometidos na internet. Essa exigência segue uma determinação internacional, a

COPPA (Ato de Proteção Online à Criança, na sigla em inglês), que impõe a idade mínima de 13 anos para o acesso das crianças às redes sociais.

Existem inúmeros materiais que trazem debates sobre o uso educacional do Facebook. O guia *Facebook Guide for Educators* (2013)⁷⁵ foi escrito pela própria rede social com o intuito de orientar educadores, familiares e comunidade em geral sobre potencialidades dessa plataforma digital para a educação. O guia explora as potencialidades desse espaço enquanto lugar de apoio ao currículo, engajamento, incentivo à aprendizagem fora da escola, facilitador da comunicação entre professores, estudantes e famílias, e desenvolvimento da cidadania digital. O material explica que o *Facebook* não nasceu com uma função educacional, mas ganhou essa função devido às ações de professores que o transformaram em instrumento pedagógico quando o levaram para as suas salas de aula. Essas ações incentivaram a utilização do *Facebook* como espaço de discussão e debate em sala de aula, de experiências com algoritmo, de conscientização sobre eventos e causas, de colaboração entre os alunos e de encorajamento do aprendizado além da sala de aula.

Existem dentro do *Facebook Guide for Educators* diversas *fanpages* que podem contribuir para o planejamento, a inserção e para a discussão sobre o uso do Facebook. No *Facebook Safety*⁷⁶, por exemplo, encontramos ferramentas e recursos para debater sobre segurança. No *Facebook Get Digital*⁷⁷ encontramos roteiros de atividades, planos de aula e vídeos que podem auxiliar a navegação pelo mundo digital com confiança, privacidade, acesso e alfabetização em dados. Isso nos auxilia também no debate sobre o uso de *wi-fi* público, uso de senhas, privacidade, engajamento digital, cibersegurança, *phishing* e *spam*.

Esses materiais apresentam recursos que auxiliam compreender e avaliar o uso de ferramentas que são ofertadas dentro da plataforma, entre outros tantos recursos que com um olhar atento podemos analisar e incorporar aos debates sobre a sociedade digital, a alfabetização digital e cidadania digital. Desse modo podemos

⁷⁵ *Facebook Guide for Educators*. Disponível em: <https://www.ednfoundation.org/wp-content/uploads/Facebookguideforeducators.pdf> Acesso em: 11 fev. 2020.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/safety> Acesso em: 12 set. 2020.

⁷⁷ Facebook Get Digital - Recursos para educadores - Disponível em: <https://www.facebook.com/fbgetdigital/educators> Acesso em: 12 set. 2020.

instrumentalizar nossos estudantes para que façam escolhas seguras nessas redes e saibam dialogar com as informações por meio de práticas online seguras.

Os autores Matos e Ferreira (2014, p. 389) apresentaram um informativo *online* produzido pelo Universia Brasil, em 2012, intitulado *100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula*⁷⁸, em que mostram diferentes práticas educacionais possíveis com essa plataforma. Nesse artigo, os autores exploram o Facebook no processo de ensino e aprendizagem comprovando seu potencial educativo.

[...]

2- **Veja vídeos-aula:** Diversas universidades de vários países diferentes disponibilizam vídeos de aulas ou palestras em suas páginas online.

[...]

6- **Jogos Educacionais:** Muitos dos jogos disponíveis no Facebook são educacionais. Você pode estabelecer metas e fazer um campeonato interno entre os alunos.

7- **Pesquisas:** É comum que os professores solicitem entrevistas ou pesquisas com o público aos estudantes. Você pode levar essa pesquisa para a rede social e aumentar ainda mais o alcance da investigação.

8- **Aplicativos:** O Facebook disponibiliza várias ferramentas que você pode adotar para aumentar a dinâmica em sala de aula.

[...]

17- **Criar conteúdos:** No Facebook, é muito fácil criar e compartilhar conteúdos. Peça aos seus alunos que desvendem essas ferramentas e as utilizem para aplicar as matérias aprendidas em aula.

[...]

23- **Etiqueta online:** dê dicas e instruções sobre como se comportar online, segurança na internet, como evitar fraudes e golpes, como funciona a polícia em crimes cibernéticos e como denunciar possíveis abusos e outros crimes online.

[...]

25- **Exercícios:** em épocas de prova, você pode postar exercícios e atividades para que os alunos pratiquem os conteúdos que serão cobrados.

[...]

37- **Outros arquivos:** você pode armazenar fontes, links úteis, apresentações em PowerPoint no grupo da sala ou na página da escola.

[...]

57- **Reconhecimento:** quando uma classe ou aluno alcança alguma meta ou resultado relevante você pode dar reconhecimento e **motivação** online para que todos se sintam considerados (FERREIRA; MATOS, 2014, p. 389).

Acrescentaremos mais duas práticas retiradas do material acima que acreditamos contribuir para o nosso debate.

13- Notícias: Se você for professor de geografia, por exemplo, e estiver tratando de geopolítica, pode pedir aos alunos que reúnam as principais matérias sobre o tema e compartilhem em suas páginas para gerar

⁷⁸ 100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacao-academica/100-maneiras-usar-o-facebook-em-sala-aula-936671.html> 29 ago.2020.

discussões e debates. As mais comentadas poderão virar assunto em sala de aula para maior desenvolvimento.

[...]

20- Diários: os alunos podem postar anotações de seus diários online e dividi-los com a classe e seus amigos.

[...]

22- Clube do livro: fomenta a leitura por meio da criação de clubes do livro online.

[...]

28- Notícias da escola: peça aos alunos que sirvam como fontes de notícias e postem na página da escola ou da sala quais são os próximos eventos ou provas. Você pode separar uma pessoa específica para essa função (FERREIRA; MATOS, 2014, p. 389).

Uma preocupação apresentada por Matos e Ferreira (2014, p. 396) diz respeito aos cuidados e regras que precisam ser estabelecidas antes de se iniciar o trabalho com as redes sociais em sala de aula. Os autores, ancorados em Staff Writers (2011) explicam que é essencial que o docente verifique se a escola tem uma política de mídia social, verificando se é permitido que professores e estudantes sejam amigos e possam discutir dentro das redes sociais.

Para os autores, é possível diversificar e ampliar as discussões de nossas aulas neste espaço muito rico. Outras práticas também podem contribuir para o ensino e aprendizagem de áreas de conhecimento como História e Literatura. Encontramos uma sugestão de prática de recriar a segunda guerra mundial recriando perfis dos países e personagens envolvidos⁷⁹. Outra atividade interessante, essa para o ensino da Literatura, criava perfis de personagens no Facebook e os colocava para interagir inserindo os debates dos tempos atuais⁸⁰.

Portanto, práticas como essas são interessantes para ilustrar as atuais mudanças tecnológicas e socioculturais que exigem uma discussão sobre novos processos educacionais. São necessárias reflexões e mudanças no ensino, de forma a impactar na aprendizagem de nossos alunos e os tornar partícipes ativos nesse processo. Por isso, defendemos aqui que a inserção das tecnologias em sala de aula por meio do uso de redes sociais pode transpor as formas convencionais de ensino e inserir a cultura digital na escola.

⁷⁹ Professor de História recria a 2ª Guerra Mundial no Facebook. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professor-de-historia-recria-2-guerra-mundial-no-facebook-10681802> Acesso em 02 set. 2020.

⁸⁰ Como seria o perfil de Dom Casmurro no Facebook? Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/950/como-seria-o-perfil-de-dom-casmurro-no-facebook> Acesso em 20 set. 2020.

Para Camas, Mengalli, Bueno, Ribeiro e Mandaji (2015), essa rede social tem um papel fundamental no cotidiano das pessoas, pois permite que as relações sociais aconteçam nesse ambiente digital. Na educação são fortes aliadas para inserir os estudantes na cibercultura e refletir sobre aspectos socioculturais, a cibersociedade e entender esse espaço como lugar capaz de proporcionar aprendizados que contribuam para a autonomia, colaboração e cooperação.

Precisamos compreender, no entanto, a importância dos professores se prepararem e planejarem com antecedência as ações que envolvam o uso de ferramentas digitais. Outro aspecto a ser considerado é que em alguns estados brasileiros ainda existem leis estaduais que proíbem o uso dos smartphones nas escolas públicas, impactando diretamente no processo de ensino e aprendizagem que considera explorar a realidade dos estudantes.

Camas e outros autores (2015, p. 156) apontam que o planejamento para o uso dessa rede social e a reflexão sobre a intencionalidade desse uso são fundamentais. Pois, o “[...] acesso às ferramentas web deve estar vinculado a objetivos pedagógicos, caso contrário as metodologias que empregam tecnologia não atenderão aos objetivos da aula”⁸¹.

Os autores investigaram o uso do *Facebook* como extensões da sala de aula no contexto de um curso ofertado pela Universidade Federal do Paraná utilizando o ambiente *Moodle*. Essa experiência permite a reflexão sobre as práticas pedagógicas com estudantes do Ensino Médio ou com estudantes do 9º ano do ensino fundamental, em especial sobre o uso de ferramentas digitais em sala de aula, entre elas o *Facebook*, entendendo que precisamos repensar o ensino e a organização curricular, incluindo o digital.

Segundo as autoras, ancoradas em Freire (1997, p. 160), refletir sobre a prática docente é considerar que “[...] precisamos que a comunicação aconteça por meio de escuta, leitura, análise, reconhecimento, erros, reflexão, aceitação e mudança”⁸². Assim, ao utilizar o *Facebook*, precisamos produzir ações pedagógicas que promovam a ética, o empoderamento dialógico, a autonomia, a cooperação e a colaboração entre os estudantes e professores. Em sua experiência, as autoras

⁸¹ Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *Access to web tools must be linked to pedagogical goals, or else the methodologies which employ technology will not meet the class objectives.*

⁸² Tradução livre da autora para o trecho em inglês: *we need communication to happen through listening, reading, analysis, acknowledgment, mistakes, reflection, acceptance and change.*

explicaram que a escolha da ferramenta digital se deu após explorarem bastante redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, *blogs*, *Google Drive*, *YouTube* etc., e só depois dessa imersão puderam escolher quais ferramentas iriam utilizar. Os estudantes optaram por abrir um grupo no *Facebook* para postagens e debates sobre o curso.

Assim, antes de inserir as redes sociais em sala de aula, ou qualquer outra ferramenta tecnológica, é preciso considerar que educar na era digital implica em refletir sobre diversas tendências teóricas, propiciar a inserção dos estudantes nessas escolhas e, acima de tudo, pensar o uso das ferramentas como espaço de reflexão. As autoras, ancoradas em Freire (1997), assumem uma perspectiva de que precisamos de uma nova educação, proporcionando aos nossos estudantes uma autonomia que possibilite a emancipação, que contribua para que nossos estudantes sejam “receptores-emissores críticos”, que os instrumentalizem para que se expressem no mundo aspirando transformá-lo (CAMAS, 2012, p. 53).

A colaboração e cooperação (perspectiva das autoras Belloni e Gomes, 2008) foi debatida coletivamente quando estudantes e professores revisaram e discutiram os objetivos do referido curso, correlacionando-os às expectativas iniciais dos estudantes. Formando grupos e desenvolvendo a pesquisa e o diálogo mútuo, os estudantes analisaram a proposta e realizaram a curadoria dos conteúdos com os professores.

A autonomia, criação e cocriação dos estudantes surgiram também durante o curso num processo de construção coletiva entre estudantes e professores. Na medida em que realizavam as atividades, os estudantes comentavam nos fóruns do *Moodle* e no grupo do *Facebook* sobre as conclusões a que chegavam sobre esses temas. As autoras explicaram que foi possível, depois de um tempo, verificar que os estudantes perceberam a importância de buscar leituras além das ofertadas pelos professores, de perceber a importância da autoaprendizagem, de ler o trabalho do colega, contribuir para a produção do outro construindo o seu próprio conhecimento e ajudar na construção do conhecimento dos demais.

As autoras apontam que o uso do *Facebook* em sala de aula confirmou a compreensão de que é imprescindível integrar os estudantes no processo de planejamento escolar de uma nova narrativa curricular, em que o ensinar e o aprender estejam integrados e que haja a reconstrução da prática dos estudantes. Esses espaços digitais precisam ser cenários de construção de conhecimento colaborativo,

construindo novas aprendizagens para o exercício da cidadania dos nossos estudantes.

Para (FERREIRA; TORRES; CORREA, 2013, p. 03), “[...] trata-se de se pensar diferente, uma nova organização cognitiva de como se efetivam práticas onde se agreguem saberes de significado, numa rede aberta, sistêmica, livre, com decorrências não mensuráveis”. Isso deve ser feito buscando na contemporaneidade a utilização das tecnologias com o intuito de repensar a concepção de homem, mundo e sociedade, bem como seus significados dentro da perspectiva do cenário social que estamos inseridos. Dessa forma é preciso refletir sobre a concepção de ensino e aprendizagem, perpassando “[...] a cultura produzida e produtora, onde os novos conhecimentos precisam se efetivar em sentido humano, com aplicação social, com reconstrução cultural” (FERREIRA; TORRES; CORREA, 2013, p. 03).

Os autores, que se debruçaram em estudos sobre o uso da rede social Facebook, consideram-no um terreno fértil para o aprendizado com o outro num espaço online “[...] num processo interativo pedagógico comunicacional que emerge no ciberespaço”. Para eles, o *Facebook* é uma tecnologia educacional que “[...] possibilita que o professor utilize diferentes metodologias para incentivar e motivar o estudante no seu processo de aprendizagem” (FERREIRA; TORRES; CORREA, 2013, p. 23).

A vida cotidiana das novas gerações está mediada, em grande parte, pelas redes sociais. Podemos afirmar que os diálogos nesse espaço se fazem presentes no cotidiano das crianças, jovens e adultos. Matos e Ferreira (2014) apresentam um exemplo a partir do *Facebook* que demonstra muito bem os inúmeros recursos comunicacionais disponíveis dentro de uma plataforma digital como essa.

Com o advento da internet e da Web 2.0 o *Facebook* possibilitou aos usuários utilizar vários recursos comunicacionais, como: ver notícias, enviar mensagens *in box*, registrar e participar de eventos, criar, convidar e participar de um grupo fechado sobre uma determinada temática, postar fotos e links, compartilhar arquivos, vídeos, chamada por vídeo, criar e abaixar aplicativos, realizar discussões, entre outras possibilidades (FERREIRA, MATOS, 2014, p. 387).

Assim, essas dinâmicas inéditas no nosso cotidiano, atreladas aos vários recursos comunicacionais disponíveis na plataforma digital, proporcionaram que tenhamos num mesmo lugar ações do cotidiano que impulsionassem nosso contato com a informação. Para Ferreira, Torres e Correa (2013), realizamos todas essas

ações interagindo com uma infinidade de conteúdos e sujeitos sem limites de tempo nem de localização geográfica, o que tornou essa ferramenta síncrona e assíncrona:

[...] uma plataforma [que] agrega recursos que permitem ações interativas na *Web* como: filiar-se a grupos, exibir fotos, criar documentos com a participação de todos na construção de um texto coletivo, criar eventos com agendamento das atividades dentro e fora da plataforma, criar enquetes como recurso para pesquisas, bate papo, etc. (idem, 2013, p. 06).

De acordo com os autores, pudemos verificar que o *Facebook* é uma poderosa ferramenta pedagógica, podendo ser vista com a potencialidade de um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, para a aprendizagem colaborativa e interatividade entre professores e seus estudantes. Utilizar esse espaço enquanto AVA pode promover a produção de conhecimento num espaço formal de aprendizagem para o ensino presencial e à distância, pois tem um caráter interativo, participativo e é de grande familiaridade dos estudantes. Essas características criam condições de “[...] incorporar, personalizar, redimensionar, dinamizar e agregar sentido ao aprendizado, se tornando atrativa [...]” e conduzindo os estudantes para que sejam responsáveis pelo seu próprio aprendizado (FERREIRA, TORRES, CORREA, 2013, p. 09).

Outro aspecto potencializado nessa rede social, enquanto recurso ou como AVA, é o acesso a um espaço global com uma infinidade de conteúdos disponíveis em mídias diversas. Isso possibilita o foco na interação e compartilhamento dos conteúdos, informações e conhecimentos. Segundo Ferreira, Machado e Romanowski (2013) o uso pedagógico do *Facebook* resulta em acessar conteúdos de temáticas diversas por meio de vídeos, *links*, imagens e uma bibliografia complementar vasta para aprofundamento dos conteúdos trabalhados.

Segundo Ferreira, Torres e Correa, (2013, p. 14), a depender “[...] da metodologia proposta pelo professor, de sua mediação e participação com os alunos pela busca do conhecimento, pela troca de ideias, pela colaboração e pelo *feedback* do professor, há inúmeras possibilidades de resignificação dos saberes”. Essa ferramenta reflete o “verdadeiro espírito da *web 2.0*”. Como espaço de aprendizagem, ela também permite que os usuários criem aplicativos que podem ser integrados, de forma aberta e acessível. Existem vários aplicativos que podem ser utilizados pedagogicamente neste espaço, citamos alguns reunidos pelos autores:

- **Quizzes:** aplicativo que possibilita que se construam questionários com várias questões de marcar para depois ser mostrado algum relato.
- **FlashCards:** um tipo de jogo de informação que permite construir vários termos e suas definições. O sistema automaticamente gera testes para associar um nome com sua definição certa, questões de V ou F, questões objetivas e de respostas escritas.
- **FlashCards:** um tipo de jogo de informação que permite construir vários termos e suas definições. O sistema automaticamente gera testes para associar um nome com sua definição certa, questões de V ou F, questões objetivas e de respostas escritas.
- **PodClass:** aplicativo que possibilita compartilhar informações dos mais diversos tipos e é semelhante ao ambiente virtual de aprendizagem Moodle.
- **SlideShare:** compartilha apresentações do PowerPoint.
- **divShare:** este programa permite armazenar arquivos e criar pastas em até 10 GB de espaço.
- **Docs:** este aplicativo permite gerenciar arquivos do Office, além de ter um formato específico para fazer fichas de aprendizagem e outros programas para uso com o Facebook.
- **Picnick:** editor de imagens online que tem vários recursos interessantes, podendo trabalhar diretamente as imagens do seu perfil ou grupo.
- **Udutu Teach:** o Udutu Teach, em conjunto com o Udutu Learn, são ferramentas que o professor pode utilizar para trabalhar com alunos e distribuir objetos de aprendizagem criados com a ferramenta Udutu (idem, 2013, p. 08).

Para os autores, esses recursos tornam a rede social ainda mais atrativa e potencializadora do processo de ensino e de aprendizagem. Porém, antes do professor utilizar em sala de aula é preciso explorá-los e analisá-los, refletindo se atendem às necessidades pedagógicas de cada turma. Ferreira, Torres e Correa (2013, p. 09) descrevem, ancorados em Llorens e Capdeferro (2011), as potencialidades pedagógicas dessa rede social para a interação e colaboração.

- Favorece a cultura de comunidade virtual e aprendizagem social. A cultura de comunidade virtual fundamenta-se em valores à volta de um objetivo em comum que gera sentimentos de pertença e de aprendizagem social.
- Permite abordagens inovadoras da aprendizagem. Possibilita a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências, apoia a aprendizagem ao longo da vida e atualização profissional mediante a colaboração dos pares.
- Permite a apresentação de conteúdos por meio de materiais “reais”. A informação que se transmite pode vir a ser dos próprios integrantes da rede social, com vídeos, produtos multimídia, ligações a documentos e artigos de blogs etc. (LLORENS, CAPDEFERRO, 2011, p. 09).

Portanto, segundo Ferreira, Corrêa e Torres (2013, p. 05), as redes sociais estão no contexto de mudança do mundo comunicacional, não são as únicas que têm condições, mas sem dúvida foram as responsáveis por ampliar a difusão da informação. Os autores enfatizam a importância da educação se apropriar do uso dessas ferramentas e de maneira “[...] direcionada, planejada e contextualizada

professor e aluno podem inaugurar uma nova forma de construir saberes, convergindo digitalmente para o contexto sociocultural”. Para isso requer:

[...] dos professores exercício constante – em tempo virtual – de um novo olhar sobre sua prática de sala de aula, as atividades proponentes refletirão nas formas organizativas de cada aluno, pois conforme forem sendo feitas as interações a percepção subjetiva de cada aprendente podem ser interpretadas de formas variadas, convergentes ou divergentes aos objetivos estabelecidos inicialmente para a atividade. Tal aspecto de mutabilidade faz com que os professores precisem estar atentos às rápidas mudanças e à necessidade de novas arguições, considerações ou proposições a fim de não perderem de vista a riqueza que advém das participações dos membros da aprendizagem colaborativa despertada pelo uso dessa ferramenta como estratégia de ensino-aprendizagem. (FERREIRA, CORRÊA, TORRES, 2013, p. 06).

Nessa perspectiva, a escola pode buscar um novo olhar para a sua prática educativa de forma a romper com o ensino tradicional e estabelecer um ensino que, ao inserir as redes sociais no cenário educativo, integre elementos da subjetividade e proporcione um espaço de encontro online em que os estudantes leiam, escrevam, publiquem, compartilhem e interajam.

Blikstein (2016, p. 841) defende a importância de ações que potencializem o papel dos estudantes em sua aprendizagem. Ele explica que ainda existem algumas ações na escola que enfraquecem o uso das tecnologias enquanto ferramenta emancipada. Para o autor, geralmente a ação de equipar as escolas com ferramentas tecnológicas sem um debate com professores e estudantes acaba por validar “[...] subtópicos curriculares existentes - isto é, como dispositivos de informação ou máquinas de ensinar”. Isso acaba por transformar “[...] os alunos em consumidores de software [...] aqueles que se adaptam às máquinas e não os que as reinventam [...]” e perpetua o “[...] acesso unidirecional à informação (o computador como uma biblioteca eletrônica), à comunicação com outras pessoas (o computador como telefone) e à disseminação da informação a outros (o computador como lousa)”.

Desse modo, entendemos que o uso pedagógico das redes sociais implica em torná-lo um ambiente que potencialize a voz dos nossos estudantes e concretize ideias, projetos, como lugar de expressão pessoal numa interação viva e orgânica. Assim, defendemos o uso do Facebook enquanto recurso pedagógico que discuta o papel da tecnologia na sociedade, e como consequência na vida das pessoas. Para Dos Santos (2018), o *Facebook* tem sido visto como um dos espaços com grandes

potencialidades para práticas pedagógicas de linguagem. Essa rede social na perspectiva dos *affordances* (potencialidades) é vista pelo autor com diversas características de objeto científico que mobiliza práticas de linguagem em contextos pedagógicos:

- (a) principais *affordances*: permite o uso de linguagem multissemiótica; interação predominantemente assíncrona; nível de agência abrangente através de comentários, *replies* (quando um comentário é respondido diretamente, criando uma interação dentro de uma outra maior, o *post*) e reações (como o “curtir”, “amei”, “haha”, etc.); discussões em linha do tempo; repositório de arquivos (grupos);
- (b) amplitude: presença de muitas comunidades com grande concentração de perfis e construções de identidades;
- (c) disseminação: uso bastante popularizado; facilitação na criação de perfis; potencial móvel;
- (d) maior produção de material discursivo: concentração múltipla de discursos, perfis e relações, assim como menor permeabilidade a fakes, dado que a construção do perfil pessoal pode ser facilmente contestada (ou legitimada) (DOS SANTOS, 2018, p. 195).

Segundo Santos (2019), para o trabalho do professor em sala de aula é necessária uma inclusão digital na perspectiva da inclusão cibercultural, capaz de fazer com que seus estudantes compreendam o uso das potencialidades da *web 2.0* e da mobilidade ubíqua. Para a autora, os professores deverão perceber e se engajar primeiro, para assim, engajar seus estudantes profundamente em “[...] autoria e interatividade com o computador e congêneres” (p.44). Para a autora:

Inclusão digital supõe, portanto, deslocamento cultural do mundo analógico – o real, compreensível e palpável fisicamente – para o universo definido essencialmente como plasticidade combinatória de 0 e 1, onde os usuários experimentam “um novo e sem precedente paradigma” que supõe sua autoria diante do conteúdo midiático “infinitamente modificável”, “facilmente manipulável”. Algo “realmente extraordinário” porque, diferentemente da condição de espectadores e consumidores própria da mídia analógica, na mídia digital eles “podem dar forma à sua própria prática”. Inclusão digital supõe apropriar-se ou apoderar-se do novo paradigma técnico midiático para empoderar-se como sujeitos autorais e participativos (SANTOS, 2019, p. 45).

Precisamos compreender como essas dinâmicas funcionam, que quando circulamos em plataformas como as redes sociais estamos interagindo, construindo opiniões sobre a sociedade em que vivemos, consumindo conteúdos, elaborando nossas opiniões, criticando e reagindo às ideias o tempo todo. Podemos utilizar esse espaço para refletir sobre como a rede social dissemina determinada ideia e vai construindo nossa leitura de mundo, como produz sentidos quando estamos extraindo

conteúdo desse espaço. Mesmo quando interagimos com realces que aparentemente são simplistas, em formato de piadas ou *emoticons*, estamos construindo discursos sobre a vida, as pessoas e a nossa sociedade.

A preocupação em relação ao uso de tecnologias em aulas de Língua Portuguesa está presente nos debates curriculares. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), documento institucional vigente e norteador do currículo de Língua Portuguesa, posiciona-se quanto ao uso de tecnologias na educação. Quando o Ministério da Educação estabeleceu como documento comum no território nacional a BNCC (2018), trouxe em suas orientações critérios de ensino e aprendizagem a partir de competências e habilidades, e não no desenvolvimento dos conteúdos mínimos a serem aprendidos em cada ciclo da educação básica. Neste documento, buscamos primeiramente os referenciais teóricos que o ancoraram, porém, em nenhum momento encontramos uma citação ou referência a teóricos que pudéssemos trazer para o texto e, por isso, partiremos das competências para discutir de que forma o ensino de Língua Portuguesa e o uso de tecnologias é vislumbrado.

A disciplina de Língua Portuguesa, de acordo com o novo documento, é tratada a partir de agora como área de conhecimento e está organizado na matriz curricular como Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Essa área é relativa às práticas de linguagem nas mais variadas esferas da comunicação humana, ou seja, a forma como interagimos, construímos sentidos e nos constituímos por meio da interação mediada pelas palavras, imagens, sons e gestos. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a área de Linguagens reúne quatro componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física (BRASIL, 2015).

Nessa proposta curricular, segundo Brito (2019, p. 99), o ensino da Língua Portuguesa será o responsável por proporcionar aos estudantes “[...] experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens”. Encontramos referências ao uso de tecnologias no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa dentro da Matriz de Competências e Habilidades presente na BNCC (2018), que estabelece como “Competência de área 1 - Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.” Em decorrência dessa competência temos quatro habilidades:

“a) H1– Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação; b) H2 – Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais; c) H3 – Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando as funções sociais desses sistemas e d) H4 – Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação” (BNCC, 2018).

Nessas competências presentes na BNCC (2018), podemos afirmar que existe a preocupação e orientação curricular de que a escola garanta aos estudantes uma formação que integre o uso de tecnologias e da linguagem própria do espaço digital. Assim, orienta-se que o ensino e aprendizagem voltados ao ensino da língua portuguesa privilegiem a construção do conhecimento sob o ponto de vista tecnológico.

Para Brito (2019), as pesquisas e projetos educacionais que têm como característica a integração das tecnologias são capazes de mudar processos de ensino e de aprendizagem. Considerando a função social da escola, e talvez o único lugar onde os estudantes terão acesso às tecnologias, entendemos que o ensino da Língua Portuguesa precisa integrar as diferentes manifestações da língua em contextos digitais e não digitais.

Planejando o uso das tecnologias podemos personalizar estratégias, abordagens e trilhas de aprendizagem para as diversas disciplinas. Podemos, como professores, levar nossos alunos a aprenderem com mobilidade, mostrando a eles que podem expandir os muros da escola e trazer, para a sala de aula, outras realidades e desafios (BRITO, 2019, p. 98).

Podemos, assim, enquanto professores de Língua Portuguesa e conforme preconiza a BNCC (2018), inserir no contexto da sala de aula práticas de linguagens contemporâneas, não só a partir de gêneros discursivos fora do contexto digital, mas cada vez mais integrar as novas formas de produzir, configurar, remixar, replicar e interagir que são próprias do ciberespaço. Para isso, podemos integrar o uso das redes sociais, como lugar para explorar as ferramentas de “[...] edição de textos, áudios, fotos, vídeos que tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos [...]”. Assim, as ferramentas que proporcionam a comunicação presente nas redes sociais, como no Facebook, podem potencializar as práticas de linguagem de nossos estudantes, uma vez que esse é um ambiente virtual que aceita todos os tipos de mídia.

Levy descreveu a linguagem no ciberespaço como um “[...] texto é móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor [...]” e tem uma extensão de discursos infinita, pois “[...] acompanha e acelera a virtualização geral da economia e da sociedade” (LEVY, 1999, p. 59). O documento curricular também explica que nas plataformas de comunicação presentes no ciberespaço:

Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades (BNCC, 2018).

Assim, todas essas ações e gêneros discursivos próprios da *web*, como os memes, *gifs*, trailer honesto, *fanclipe*, *fanfic*, *podcast*, fotorreportagem, ciberpoema, mapas interativos, linha do tempo, infográfico e tantos outros que surgiram da necessidade de expressão dos sujeitos nesse espaço, podem ser incorporados as práticas conversacionais realizadas em sala de aula.

Em relação a ambientes em que há uma mistura imensa de linguagens, como o *Facebook*, que permitem o acesso a tantos gêneros discursivos e que têm em sua constituição as práticas conversacionais incorporadas, seu uso em sala de aula pode, efetivamente, contribuir para a compreensão dos processos de interação nessa rede social. Em termos pedagógicos, o uso de redes sociais na educação pode proporcionar aprendizagens e problematizar a aquisição cognitiva ou o simples processamento de informação (ROJO; BARBOSA, 2015).

Enquanto interlocutores, estamos diante de um contexto “[...] cada vez mais recortado pela tecnologia do som e da imagem, que elevou a mil as possibilidades de obtenção, transferência, multiplicação da imagem e do som [...]”. Imersos em interações tão amplas, precisamos problematizar e refletir ainda mais sobre nossas leituras, escritas e interações no ciberespaço (CASTRO, 2010b, p.106). Assim, o que importa, para o ensino da Língua Portuguesa, segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 42), são “[...] os efeitos de sentido discursivos, os ecos ideológicos, as vozes e as apreciações de valor que o sujeito do discurso faz por meio dos enunciados [...]” produzidos neste espaço.

Bakhtin (2011), quando explica que os discursos se organizam nas esferas ou campos de atividade humana ou de circulação dos discursos, indicando-as enquanto instância de produção, de circulação e de recepção dos enunciados ou dos gêneros do discurso, pode nos ajudar a vislumbrar caminhos para uma abordagem metodológica num espaço altamente discursivo como o *Facebook*. Ele explica que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

A partir dessa concepção, pode-se considerar uma rede social como o *Facebook* um exemplo vivo da ideologia do cotidiano, como explicitada por Voloshinov (2017). Pois, nesse lugar circulam enunciações de tudo que acontece na sociedade: do mundo do esporte, da política, do direito, da economia, da educação, da moral e dos costumes. E, na medida que circulamos neste espaço e interagimos socialmente com todas as possibilidades de linguagem deste espaço, construímos e modificamos sentidos numa rede social como o *Facebook*.

As autoras Rojo e Barbosa (2015), partindo dessas esferas de atividade humana propostas por Bakhtin, e considerando as demandas culturais da escola, indicam como ponto de partida para os debates discursivos em sala de aula quatro grandes esferas importantes para a vida cultural, privada e pública na cibercultura:

- a) A esfera jornalística, responsável pelo “controle” e circulação da informação; A esfera da divulgação da ciência, inclusive na escola, responsável pelo “controle” e circulação do conhecimento;
- b) A esfera da participação na vida pública (produção, consumo; esfera política etc.), responsável pelo fazer político contemporâneo;
- c) finalmente, como ninguém é de ferro, a esfera artístico-literária, por meio da qual se produz cultura e arte e - por que não? - entretenimento na vida contemporânea (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 141).

Segundo as autoras, ancoradas no Círculo de Bakhtin, é por meio dessas esferas ou campos que organizamos os nossos discursos e as formas de apreciação que tomamos a partir do discurso do outro. Ainda a partir delas construímos as estratégias enunciativas em forma de citação e compomos as nossas enunciações, na verdade articulamos essas esferas juntamente com a do cotidiano. Assim, há uma necessidade de discutir a leitura de mundo e de si mesmo para transitar nessas interfaces de comunicação. Uma das formas de fazer isso é integrar as tecnologias, em específico o *Facebook*, para analisar a linguagem, formato, comportamentos na

rede social como objeto cultural, social e político, tendo a prática discursiva da leitura e da escrita como ponto de partida e ponto de chegada.

Assim, por meio da prática de leitura e escrita “[...] conforme seus propósitos e demandas sociais, que hoje vai muito além de ler somente um livro ou escrever somente no caderno [...]” o *Facebook* poderá contribuir para que os nossos estudantes sejam cidadãos mais ativos na sociedade em defesa de seus direitos e participando da construção dessa mesma sociedade (BRITO, 2019).

Brito e Purificação (2008, p. 32) afirmam que “[...] a tecnologia vai muito além do que meros equipamentos. Ela permeia por toda a nossa vida, inclusive nas questões não tangíveis”. Essa constatação esteve presente nas reflexões realizadas a partir do nosso problema de pesquisa, que proporcionou perscrutações sobre quais os diálogos possíveis entre a rede social *Facebook* e o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, quando usado no contexto da Educação Básica.

As redes sociais, aqui representadas pelo *Facebook*, são vistas como mais do que um espaço de comunicação, um palco, um suporte ou cenário para infinitos diálogos sobre o mundo social nas aulas de Língua Portuguesa. Quando utilizamos as tecnologias para debater sentidos, ideologias, visões de mundo, enunciações que se constroem a partir da nossa relação com o mundo do outro, com o universo de signos linguísticos ideológicos que trazemos, temos essa rede social como um lugar onde se engendram, arquitetam e constituem subjetividades.

Essa rede social e as outras que existem reconfiguraram nossas conversações e interações cotidianas, porque possibilitaram a replicação das enunciações em milhares, superdimensionando a infiltração de conteúdos nas nossas vidas e possibilitaram que pudéssemos interagir com tudo o que acontece numa sociedade. Basta recorrermos à pesquisa *Data Never Sleeps*, que mapeou que só os usuários do *Facebook* enviam 147.000 fotos e compartilham 150.000 mensagens a cada minuto do dia. Por isso, no cotidiano, ninguém consegue escapar desses diálogos intermináveis e assim vivemos numa rede social e fora dela, onde os enunciados estão se tocando, referenciando-se, refletindo e refratando-se entre si. Entre as milhões de pessoas que produzem tais enunciados incluem-se também os nossos estudantes.

O *Facebook*, desse modo, enquanto cenário de práticas culturais da sociedade contemporânea é um suporte para a construção de sentidos, um espaço

de práticas sociais onde interagimos e nos comunicamos (inter)ligados e (inter)mediados pelas ferramentas tecnológicas e conexões planetárias. Assim, este espaço de expressão dos sujeitos, onde imprimimos nossas visões de mundo, seja publicando uma opinião, seja compartilhando enunciações alheias, reagindo a comentários e outros, estamos lendo e avaliando o mundo ao nosso redor, reagindo às interações alteritárias que realizamos nele. Assim, quando publicamos nessas redes não somos neutros, estamos opinando, seja para o bem ou para o mal estamos nos reportamos à fala do outro e imprimindo nossos posicionamentos, pois sem os elementos avaliativos é impossível.

Outra reflexão importante sobre o *Facebook* é que nessa dinâmica, esse potente lugar de movimentação e relacionamentos sociais também abriu espaço para mapear ações e sentimentos de seus usuários. Isso possibilita micro direcionar informações e, a partir do mercado eletrônico que se constituiu, ofertar produtos que dialoguem com as vontades de seus usuários. Esse é um debate que precisa estar presente na sala de aula, pois não são somente produtos, mas comportamentos, atitudes, ações que ressoam fora do ambiente digital.

O *Facebook*, desse modo, enquanto tecnologia educacional, mostrou-se a partir de nossas perscrutações um potente recurso pedagógico enquanto plataforma de comunicação, entre suas principais características inclui-se a disponibilização de ferramentas tecnológicas que permitem publicar e disseminar praticamente todo tipo de mídia. As ferramentas disponíveis possibilitam utilizar essa rede social como Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA para a criação de conteúdo digital e para edição e replicação de conteúdos publicados por outras pessoas ou empresas. O *Facebook* permite o diálogo num sentido macro, uma vez que nela circulam atores (pessoas, instituições ou grupos). Por ser uma ferramenta que possibilita a busca, podemos encontrar nela uma biblioteca digital infinita, desde conteúdos científicos (palestras, livros em pdf, grupos de estudos, material didático), até o mundo jornalístico e o cotidiano das pessoas. Assim, as novas possibilidades pedagógicas possibilitadas por essa rede social podem proporcionar e incentivar cenários pedagógicos de pesquisa, produções escritas, audio-visuais, sonoras e de maneira coletiva e colaborativa.

4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e suas perscrutações nesta seção. Evidenciamos o cenário da pesquisa e seus sujeitos, os dados coletados e métodos utilizados, bem como os instrumentos e as categorias de análise definidas. Nesse sentido, o presente estudo possui abordagem qualitativa que leva em consideração a análise, interpretação e reflexão dos dados coletados à luz do referencial teórico estabelecido na pesquisa.

4.1. ABORDAGEM DA PESQUISA

O presente estudo possui abordagem qualitativa do tipo exploratória, pois busca “atingir aspectos humanos sem passar pelos crivos da mensuração, sem partir de métodos previamente definidos e, portanto, sem ficar presos a quantificadores e aos cálculos recorrentes” (BICUDO, 2006, p. 107). Ao assumirmos o caráter qualitativo centralizamos este estudo em uma das características cruciais desse modelo de pesquisa, no processo. Assim, nosso foco não se restringe a resultados, produtos ou dados numéricos, mas sim, à compreensão de fatos e fenômenos que emergiram ao longo do processo investigativo. Na tentativa de analisar os dados, dando sentido aos fenômenos, a pesquisa qualitativa tende a interpretar e analisar de forma indutiva, interessada nos significados, sentidos, perspectivas, interesses e motivações controladas dentro de uma subjetividade (BOGDAN, BIKLEN, 1994).

Destacamos que não há neutralidade em nenhum processo humano, tampouco haveria neutralidade na investigação de cunho qualitativo. Isso porque entendemos que a subjetividade está circunscrita nos diferentes momentos que permeiam a organização e os elementos desta pesquisa, entre os quais se destacam: escolha do objeto de pesquisa, preocupações e inquietações científicas, seleção de sujeitos. Essa neutralidade também se desmistifica na relação dialógica e de alteridade com a palavra do outro durante as coletas de dados e no diálogo com os recortes teóricos dessa pesquisa, que foram imprescindíveis para interpretar, explicar e compreender o fenômeno (TRIVIÑOS, 2009; BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para Bogdan e Biklen (1994), numa pesquisa de abordagem qualitativa, com apoio teórico, referimo-nos aos dados coletados de forma descritiva, exigindo a

interpretações dos significados presentes nos dados que podem ser coletados das formas mais diversas. Assim:

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48-50).

Corroborando os autores, entendemos que interpretar fenômenos de uma pesquisa vai além de dados quantitativos fechados e isolados. Assim sendo, em nossa pesquisa, foram definidos três critérios sequenciais e dialógicos de escolha dos participantes: questionário, filtro e entrevista. Tais critérios nortearam a construção das categorias de análise da pesquisa a partir de excertos das entrevistas à luz do referencial teórico. A pesquisa se desenvolveu entre os anos de 2018 e 2020 em diferentes etapas, possibilitando compreender o interrogado na pesquisa.

A pesquisa do tipo exploratório, segundo (TRIVIÑOS, 2009, p. 109) permite ao pesquisador explorar e ampliar seu conhecimento sobre uma determinada temática. Ela possibilita “[...] encontrar os elementos necessários que lhe permitam obter os resultados que deseja”. Esse tipo de investigação pode incluir a revisão de literatura, aplicação de questionários e entrevistas, buscando entender nos limites de uma realidade específica maior conhecimento por meio de uma profundidade e rigor necessário que um trabalho científico exige.

Assim, no primeiro momento, realizamos uma busca bibliográfica em artigos, teses e dissertações, a fim de encontrar temas e teóricos que estivessem em consonância com nosso objeto de estudo. No segundo momento, aplicamos questionário online aos professores de Língua Portuguesa e, por extensão, tabulamos os dados. Por fim, após a análise das respostas dos questionários, tendo como parâmetro os objetivos estabelecidos na pesquisa, obtivemos duas professoras de Língua Portuguesa de Curitiba - Paraná que participaram pesquisa, esse momento será detalhado em seção específica.

4.2. ETAPA 1 - QUESTIONÁRIO - ESCOLHAS DOS SUJEITOS DE PESQUISA

Nesta seção, apresentamos os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa e, por conseguinte, definimos os seus sujeitos. Inicialmente, elaboramos o

questionário com questões fechadas e abertas e o direcionamos de maneira online (via e-mail e grupos específicos em rede social) aos professores de Língua Portuguesa da educação básica de Curitiba, porém a abrangência acabou considerando as 5 regiões brasileiras. O questionário, segundo Gil (1999), constitui-se como instrumento potencial para filtrar e obter informações relevantes ao objeto de estudo de uma pesquisa acadêmica. Assim sendo, definimos questões estratégicas para encontrar possíveis professores candidatos a serem investigados (sujeitos), tendo como parâmetro os objetivos estabelecidos nesta investigação.

O questionário foi estruturado em 9 questões de modo que atendesse os objetivos desta pesquisa quanto ao uso pedagógico das redes sociais nas aulas de Língua Portuguesa. Buscamos, então professores de Língua Portuguesa que nos relatassem, por meio de entrevista semiestruturada, o uso pedagógico dessa rede social. Utilizamos a ferramenta *Google Forms*, por ser um aplicativo gratuito de fácil manuseio e difusão via online, além de possibilitar o monitoramento (via coleta de *emails* e abas específicas), bem como o armazenamento e geração do relatório final, organizando as respostas em modelos estatísticos. Por meio do questionário foi possível conhecer o perfil de um grupo de professores de Língua Portuguesa ao redor do país que utilizou redes sociais em sua prática pedagógica. Nesta perspectiva, em especial, no período de circulação desse instrumento, obtivemos 69 retornos.

Entre as respostas, 46% responderam que utilizam o *Facebook* como ferramenta didático-pedagógica no processo de ensino e aprendizagem na área do conhecimento. Embora outras plataformas como *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *LinkedIn*, *Pinterest*, *Edmondo* e *WhatsApp* fossem mencionadas, o *Facebook* foi a rede social mais citada, o que se mostrou fundamental para definirmos essa rede como nosso *locus* de pesquisa. Isso demonstra que esse grupo de professores, que se propôs a responder o questionário, está utilizando ambientes não formais como locais de aprendizagem, reconhecendo-os com finalidades educacionais mesmo quando tais não são produzidos para tal.

Em relação ao questionário, as questões 2 e 3, “Você é professor de Língua Portuguesa?” e “E atua em qual município?”, foram essenciais para filtrarmos os professores a serem entrevistados e com base nas respostas realizar a análise interpretativa dos dados. A partir das questões 6 e 7, “Tempo de atuação como professor(a)?” e “Qual é a sua idade?”, fizemos reflexões sobre o perfil desses professores. Em um processo sucessivo de filtragem, percebemos, entre os sujeitos

analisados, 19 professores da cidade de Curitiba (Paraná) se mostraram atentos ao uso pedagógico do Facebook em suas aulas. Assim, o nosso recorte pelo município citado se deu por ser o mesmo da residência da pesquisadora.

A caracterização desses professores a partir dos dados gerados no questionário, contabilizaram 14 profissionais que atuam na rede pública estadual e 2 na rede municipal. Oriundos da rede privada obtivemos 6 profissionais, entre os quais 4 cumprem jornadas duplas em diferentes sistemas de ensino. De forma contextual, temos 14 professores que lecionam nos anos finais do ensino fundamental e 13 no ensino médio. A fim de obter mais informações sobre o perfil desses sujeitos, apresentamos a seguir a tabela 1:

TABELA 1 – PERFIL DOS SUJEITOS

		Total	%
Tempo de atuação profissional	menos de 5 anos	1	5
	5 a 7 anos	1	5
	8 a 14 anos	5	26
	15 a 22 anos	5	26
	igual ou maior de 23 anos	7	36
	Escolaridade	Graduação em Letras	19
Somente graduação		1	5
Especialização (lato sensu)		10	52
Mestrando ou possui mestrado (stricto sensu)		3	15
Doutorando ou possui doutorado (stricto sensu)		5	26

FONTE: A autora, a partir de dados obtidos na aplicação de questionário (2020).

Na tabela 1, observamos, a partir do nosso recorte, que o tempo de experiência profissional dos professores variou entre menos de 5 e mais de 23 anos

de atuação, e a maioria tem mais de 15 anos de carreira, totalizando 66% dos participantes. Todos os participantes são graduados em Letras, 93% concluiu ou está concluindo um curso de pós-graduação, sendo que, a maioria, 52%, concluiu pelo menos uma especialização (*Lato Sensu*) e 41% mestrado ou doutorado. Observa-se que a especialização (*Lato Sensu*) é um critério obrigatório para a progressão e promoção na carreira de professores concursados na rede pública estadual de educação do Paraná.

Uma análise sobre as questões 8 e 9, que dizem respeito ao uso do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa, direcionou-nos a entrar em contato com 5 professores que mencionaram ter utilizado pedagogicamente o *Facebook* para problematizar sobre as *Fake News*; explorar a leitura multimodal; para analisar o discurso presente em vídeos, postagens, filmes e fotografias; para a compreensão dos memes e seu caráter ideológico e para a construção de uma peça teatral a partir de uma obra literária.

Após a seleção desses 5 professores, excluímos neste momento, os demais que mencionaram utilizar o *Facebook* como espaço de divulgação de eventos, lembretes de prazos para as tarefas de sala de aula presencial, postagem de trabalho final resultantes das aulas presenciais para divulgação, privilegiando neste momento, entrevistar professores que demonstraram utilizá-lo como ambiente de aprendizagem e espaço de interação socioverbal. Entramos em contato com esses professores e conseguimos entrevistar duas professoras de Língua Portuguesa para aprofundar nossa coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada.

Nossas entrevistas aconteceram durante o isolamento social no Brasil devido à pandemia do novo coronavírus em 2020, um momento muito conturbado e que impactou em nossas entrevistas. Todos os professores estavam em situações de alto estresse por uma demanda excessiva de trabalho, pois colocados em atividades à distância se viram sem formação continuada, sem reflexões prévias sobre essa modalidade de ensino, sem estrutura física para atender um número elevado de estudantes e sem apoio ao uso das ferramentas tecnológicas.

4.3. ETAPA 2 DA PESQUISA: ENTREVISTA

Optamos pela entrevista como técnica na segunda etapa de coleta de dados. A entrevista é uma das principais formas de coleta de informações para análises com

foco qualitativo. Existem, segundo Triviños (2009), várias formas de entrevistas, como fechada ou estruturada, aberta ou livre e a semiestruturada. Optamos pela última por permitir um planejamento prévio e questionamentos básicos, mas também possibilitar uma atitude de empatia, buscando colocar-se no lugar do entrevistado, buscando compreendê-lo, enxergar seu processo, experiências, usos e, com isso, formular novas perguntas com liberdade e espontaneidade durante a entrevista. Para Triviños, de maneira geral, a entrevista semiestruturada é:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem bem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 2009, p. 146).

O percurso até o momento da entrevista e da coleta formal das falas dos professores foi dialógico e se constituiu na temporalidade dos acontecimentos. Nessa fase excluímos uma metodologia única, pois realizamos interações como troca de *emails*, conversas informais pelo *WhatsApp*, redes sociais até chegarmos à entrevista por videoconferência. As conversas prévias foram fundamentais para a preparação da entrevista, deixando bem claro o que desejávamos dos participantes dando uma ideia geral de como seria nosso diálogo e explicando os objetivos da pesquisa.

Para Triviños (2009), é imprescindível, por parte do pesquisador, conhecer as visões das teorias que hipoteticamente surjam, assim, as respostas do questionário devem ser lidas atentamente no intuito de alimentar o desenvolvimento das entrevistas. Bogdan e Biklen (1994) apontam para a importância de o pesquisador elaborar as questões norteadoras e adicionar novas questões ao longo do diálogo a partir das falas dos entrevistados.

A organização prévia da entrevista foi feita a partir de um roteiro criado anteriormente (apêndice 1), porém a espontaneidade como num diálogo se construiu, abrindo espaço para que surgissem outras perguntas no processo. Triviños (2009) chama atenção para a importância da postura do pesquisador, sendo essencial buscar a profundidade sobre o fenômeno, mas também estabelecer de forma não arrogante uma atitude que o aproxime do entrevistado.

As entrevistas se deram num contexto individual, iniciando por meio de contato via *email*, ligação telefônica, depois pelo aplicativo de videoconferência

WhatsApp e *Zoom*. Durante esses diálogos buscávamos deixar claro os objetivos da entrevista, esclarecer dúvidas do processo, enviar as perguntas que seriam feitas e paralelamente a isso realizávamos anotações em nosso Diário de Bordo, buscando apontar elementos para interpretar e analisar a partir das ações relatadas pelas professoras pesquisadas.

Optamos por utilizar o *Zoom* e *WhatsApp* para o registro das entrevistas, pela possibilidade de gerar arquivos em formato de vídeo e áudio, ainda armazená-los. Porém, antes de iniciar a conversa síncrona por meio de vídeo pelo *Zoom* pedimos a autorização para gravarmos, justificando que precisaríamos transcrever e estudar os relatos posteriormente.

Para a transcrição dos diálogos com as professoras entrevistadas, utilizamos a técnica não-naturalista seguindo as orientações de Bucholtz (2000). Assim, realizamos a transcrição de maneira minuciosa diante do que foi dito, sendo fiel à linguagem falada, preservando os detalhes orais na fala e utilizando as regras de pontuação adequadamente para obter uma maior compreensão do conteúdo relatado. Realizamos a transcrição na sequência das conversas realizadas, com o intuito de termos tempo para ler e reler várias vezes e maturar as reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa. Utilizamos também nos excertos escolhidos e transcritos o sinal gráfico colchete [] para contextualizar ou explicar a fala das professoras. Por fim, optamos nessa pesquisa, por utilizar nomes fictícios para as professoras, nomeando-as Sofia e Juliana, no intuito de resguardar suas identidades.

Para a análise dos dados coletados trouxemos excertos que foram recortados da entrevista de acordo com o nosso foco de análise e ao final da dissertação inserimos, como apêndice 3, a transcrição das entrevistas na íntegra.

Assim, a partir de perguntas previamente organizadas realizamos duas entrevistas de forma que deixássemos as professoras livres para relatar as práticas que realizaram utilizando o *Facebook*. Para Triviños (2009), iniciamos a entrevista ainda com incertezas, pois o pesquisador não sabe se terá as respostas que necessita e o entrevistado não tem total clareza sobre quais serão suas respostas.

A primeira entrevista aconteceu com a professora Sofia e após longo diálogo por meio do aplicativo de mensagem instantânea *WhatsApp* realizamos uma conversa pelo aplicativo de vídeo *Zoom*. A segunda entrevista foi com a professora Juliana, que devido à correria do período letivo em isolamento social, conseguimos somente

contatar pelo *WhatsApp*. No universo da pesquisa, descrevemos na tabela 2 o perfil de cada uma das professoras entrevistadas:

TABELA 2: PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

	Sofia	Juliana
Tempo de Atuação	8 anos	16 anos
Rede em que atua	Pública	Particular
Atuação na educação básica	Anos finais do Ensino Fundamental	1º, 2º, 3º anos Ensino Médio Disciplina de Redação
Formação acadêmica	Graduação em Letras e Pedagogia, doutoranda em Educação	Graduação em Letras Especialização (lato sensu)

FONTE: A autora, a partir de dados obtidos na aplicação de questionário (2020).

Na tabela acima podemos destacar que as professoras participantes têm uma diferença no tempo de atuação de quase o dobro do tempo. Vimos também que a formação acadêmica não foi um elemento determinante para que as participantes utilizassem as redes sociais em sala de aula. Sobre a atuação na educação básica, as duas diferem também, pois a professora Sofia é professora concursada na rede pública estadual no Paraná, com carga horária de 20 horas semanais, e a professora Juliana atua desde 2004 na rede particular de ensino em Curitiba, com a carga horária de 32 horas semanais. Ambas, atuam na educação básica, nos anos finais e ensino médio, respectivamente. Nas descrições das atividades relatadas pela professora Sofia vamos perceber que o uso do *Facebook* se deu enquanto Ambiente Virtual de Aprendizagem, enquanto o da professora Juliana se deu como referência para um cenário social onde circulam *fake news*.

4.4. O PROCESSO ÉTICO DAS PESQUISAS

Muito se tem debatido sobre ética na pesquisa qualitativa na área educacional. Para Oliveira (2012, p. 36), “[...] é importante que se deixe bem claro e acordado com [...] os atores sociais que serão contatados para responder questionários e serem entrevistados, que existirá o compromisso formal da garantia do sigilo quanto aos dados coletados”. No Brasil, as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde - CNS orientam e protegem os participantes de pesquisa que envolvem seres humanos.

Assim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE deve permear todas as etapas da coleta de dados deixando explicitado aos participantes os procedimentos a serem realizados com os dados coletados. O TCLE deverá garantir a anuência do pesquisado e a condição para se manifestar de forma livre e autônoma. O referido termo deve ser elaborado pelo pesquisador em linguagem acessível e inserido nos instrumentos de coleta de dados a fim de disponibilizá-lo aos participantes.

4.5. ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS DA PESQUISA: RESULTADO E DISCUSSÃO

O processo de análise dos dados coletados baseou-se na abordagem qualitativa e a pesquisadora interpretou e refletiu sobre os dados coletados durante as entrevistas. De maneira subjetiva, trouxemos uma relação entre o conhecimento posto pelos sujeitos investigados e os aportes teóricos para embasamento. Assim, a pesquisa de caráter subjetivo não foi feita para produzir respostas e sim para produzir significados. Importa ressaltar que precisamos ficar atentos a nossa subjetividade de maneira que utilizássemos instrumentos que a amenizassem e garantissem um rigor à luz do referencial teórico. Como diz Romanelli (1998, p. 128):

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo.

Para Triviños (2009, p. 173), o processo de análise se dá por meio do material classificado à luz das teorias estudadas. Para o autor é possível realizar uma análise interpretativa a partir de três aspectos fundamentais: “a) nos resultados alcançados no estudo (respostas dos instrumentos, ideias dos documentos, etc.); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e dos outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador”.

Assim, nossa análise interpretativa se deu a partir dos resultados alcançados com base nas enunciações trazidas pelas professoras durante as entrevistas e diálogos pelo *WhatsApp*. As falas trazidas pelas professoras trouxeram questões fundamentais para a pesquisa, pois relataram as ações durante o uso do *Facebook* a partir da preocupação em atender os anseios de seus estudantes e os problemas encontrados nos contextos sociais.

Nesta pesquisa, buscamos descrever sentidos e significados, não tratando as práticas apresentadas como receitas, pois as professoras partiram de um diagnóstico prévio em cada turma. Com isso, reafirmamos a importância de cada professor buscar sua metodologia, aquela que mais se encaixa em sua realidade pedagógica.

A primeira pergunta para as duas professoras teve o intuito de iniciarmos uma conversa, por isso iniciamos com uma questão mais ampla para reafirmar se elas utilizaram o *Facebook* e de que maneira. Assim, perguntamos: *Você utiliza a rede social Facebook pedagogicamente no ensino de Língua Portuguesa? Faça um relato de uma atividade utilizando essa rede social no processo ensino e aprendizagem.*

Abaixo traremos fragmentos das entrevistas e nossa análise interpretativa. A primeira análise que faremos será a partir do trecho trazido pela professora Sofia, que apontou logo de início que utilizou o *Facebook* em diferentes períodos em sala de aula, mas que iria relatar uma atividade realizada em 2018 quando criou “um canal de comunicação para construir uma peça teatral coletivamente”.

Durante a entrevista percebemos que ela demonstrou uma admiração pelas obras do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564 - 1616) e tais obras serviram de inspiração para essa proposta de trabalho. Ela explicou que o *Facebook* foi utilizado principalmente para debater coletivamente, dialogar com os estudantes e mediar acertos pedagógicos sobre a produção da atividade que desenvolvia em sala de aula. Segundo a professora Sofia:

Eu lembro que eu fiz uma peça sobre Romeu e Julieta no final de 2017 com os alunos do 9º ano (...) os alunos ficaram muito felizes. A gente fez uma adaptação e colocamos no Facebook, a gente filmou pra comunidade conhecer aqueles grupos da turma. Tinha aqueles grupos secretos e tal. A gente tentou adaptar a peça pelo Facebook. (...) Então eu fiz a gente reescrever junto até fazer doze atos, a gente fez a peça e a gente apresentou no Colégio, foi muito legal!

No trecho acima da entrevista, Sofia relata que realizaram uma adaptação cênica, reescrevendo o texto da peça Romeu e Julieta em 12 atos. Podemos perceber que os inúmeros recursos disponíveis no *Facebook* possibilitaram a dinamicidade dessa atividade e a construção de uma peça de forma dialógica, fica claro que a rede social foi utilizada como AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem. Sofia relatou que os alunos conseguiram entender uma história de 500 anos atrás, que envolvia “[...] um ódio infundado (...) que acabou com um amor que durou 3 ou 4 dias (...) e que foi um debate que envolveu muitas ideias”.

Num outro trecho da entrevista, Sofia reafirma que a atividade foi bastante interativa e aconteceu dentro de um “grupo secreto” do *Facebook*, criado por ela, como descreve no excerto abaixo:

Tinha aqueles grupos secretos e tal e eu lembro que a gente ia marcando as cenas da peça e ficava mais fácil ver cada uma. Por exemplo, falar “vamos melhorar essa cena” uma cena que a gente ensaiou várias vezes por causa do vídeo que a gente colocou lá [Facebook]. E todo mundo tava dando esse suporte social de avaliação e foi coletivo porque ficou todo mundo avaliando o que a gente podia melhorar pra apresentação final.

Esse grupo disponível na plataforma do *Facebook* chama-se Grupo Fechado e somente membros aceitos podem acessar o conteúdo. Nessa rede social é possível criar três tipos de grupos: público, fechado ou secreto. Os grupos públicos têm seu conteúdo visível para todos os usuários do Facebook, mesmo que não seja membro do grupo. Os grupos fechados são aqueles em que só quem é aceito como membro pode visualizar os conteúdos postados e interagir (o que foi o caso na referida atividade). Os grupos secretos não são nem encontrados, pois para participar é necessário um convite⁸³.

⁸³ Definições dos grupos do Facebook. Disponível em: <https://www.gomarketingschool.com.br/facebook-ads/o-melhor-guia-para-grupos-do-facebook-para->

Assim, quando a professora criou esse grupo e inseriu seus estudantes, ela conseguiu a interação necessária e o engajamento para a produção dos textos, reflexão e avaliação de forma coletiva do processo de construção de uma peça teatral. No excerto acima, quando a professora ressalta que “ficou todo mundo avaliando” e em outros momentos quando menciona que “aquela coisa né, o pessoal tinha que dar feedbacks, até que finalmente eles conseguiam fazer certo”, ela está se referindo aos vídeos postados no *Facebook* e às cenas que foram construídas e debatidas nesse ambiente.

Ela relatou que os estudantes, durante o ensaio, gravavam as cenas com os celulares, publicavam os vídeos nesse grupo e reagem com comentários que indicassem as mudanças necessárias em cada vídeo, utilizando a linguagem própria do espaço, incluindo *emojis*. A característica de persistência própria das redes sociais contribuiu e permitiu, sempre que necessário, retomar os vídeos e compará-los, auxiliando no processo de construção dessas cenas. Esse recurso de buscar postagens antigas, reescrevê-las e refazê-las auxiliou muito na escrita da peça e elaboração das cenas, figurinos etc.

Para nós ficou muito claro que a professora Sofia compreende que aprende com seus alunos, que enxerga que o processo pedagógico não é verticalizado, aquele em que o professor ensina e o aluno escuta, mas que esse pode acontecer mutuamente, pela troca de ideias e de parcerias, reconhecendo a necessidade de aprender sobre a aprendizagem com seu próprio aluno. Isso, associado ao que a rede social tem de grande importância, que é um “lugar de conexão e compartilhamento” no sentido de construir sentidos, ampliou, nesse caso específico, a possibilidade da professora e dos estudantes trocarem informações e saberes.

Outro aspecto observado foi o caráter de espaço e tempo que se modifica quando utilizamos a rede social em sala de aula, pois o tempo se torna imediato, instantâneo, com a sensação de telepresença. Nesse relato esses aspectos foram percebidos, pois a professora interagiu com os estudantes fora do horário de aula, escapando da restrição geográfica e da linearidade próprias de uma sala de aula. Isso apareceu nos diálogos, quando a professora Sofia relatou que ela e os alunos

utilizaram os celulares e as redes sociais para conversar e para combinar o preço dos produtos para o cenário e figurino. Na descrição abaixo podemos observar esse relato.

E eu lembro que esse canal de comunicação do Facebook foi mais útil porque a gente não tinha, WhatsApp, então todo mundo estava conversando e tal. E era uma forma da gente ter um canal da turma. Todo mundo ia lá e dava opinião. A gente se dividia, atribuía tarefas, era mais fácil controlar a atividade, colocar prazos. Por exemplo, eu dizia a gente tem duas semanas pra fazer isso, tem que fazer o figurino, decidir a estampa pra gente poder ensaiar com ele. Como que a gente vai fazer a cena disso? Eu lembro que eu tive que organizar uma espada de plástico, foi uma guerra, (palavra inaudível), uma coisa que não fosse caro, então assim, foi legal, acho que o Facebook foi fundamental.

Essa dinâmica proporcionou que os estudantes, amparados pela professora, tomassem muitas vezes a frente da organização da atividade e decidissem coletivamente o processo de criação, conforme vemos no relato da professora abaixo:

E eles foram refazendo [sozinhos], eles quiseram colocar uma espada, tipo, daí a gente ficou falando assim: quem vai agora procurar? Tudo naquele canal de comunicação. “Ah, achei eu lá em casa tinha, não tem, mas vamos fazer uma vaquinha para comprar?”. “Vamos comprar tantas espadas pra essa cena? E o outro, ah, “eu vou usar o vestido de uma amiga minha pra cena da morte” e “como é que a gente vai construir a cena do balcão?” e tals. É interessante pensar nesse processo de recriação, né.

O processo de criação dessa peça utilizando o Facebook como um ambiente virtual de aprendizagem contribuiu para que essa atividade se tornasse mais significativa, mais participativa, dialógica e sem a limitação temporal e geográfica. Lemos (2003), ancorado na antropóloga Ito (2003), explica que devido à portabilidade proporcionada pelos celulares, ações pessoais do cotidiano e de trabalho puderam ser realizadas por meio dele. Na atividade da professora, o celular proporcionou também uma dinâmica na organização do trabalho escolar, ao permitir o uso das redes sociais como instrumento de pesquisa para buscar informações rapidamente, para aproximar e manter a interação entre os estudantes e a professora.

Os participantes da atividade puderam experimentar o espaço da cidade de forma ampla, o que Ito (2003) chama de “espaço virtual igual” (*virtual peer space*). Pois os estudantes usaram o Facebook para quando foram comprar os elementos

cênicos da peça postar e negociar os preços dos produtos, informar sobre as liquidações e acertar as compras necessárias em tempo real.

Assim, podemos afirmar que esse meio sem fio pode ter sido o grande responsável por proporcionar uma interação contínua na elaboração da atividade relatada pela professora Sofia. Outro aspecto importante foi que os estudantes e a professora se encontravam presencialmente, combinavam as próximas atividades, mas quando iam para suas casas ou estavam em intervalos de outras aulas, as mensagens de texto davam sequência às conversas de maneira espontânea, o que revela o interesse dos estudantes em produzir as atividades.

Sofia, ao ser indagada sobre como seria a realização da atividade sem utilizar a rede social *Facebook*, respondeu que “não teríamos esses meios de comunicação para resolver os dilemas” em tempo real. Observamos então que os dilemas debatidos sobre a construção da peça e a avaliação coletiva se deu também pela dinamicidade de poder gravar, publicar e avaliar em tempo real a reelaboração das cenas. Os vários ensaios que foram realizados fora dos horários de aula só aconteceram porque utilizaram uma ferramenta de diálogo instantâneo, online, para combinar em tempo real os horários e locais da peça dentro da escola.

A professora Sofia explica ainda que o *Facebook* contribuiu também para gerenciar o tempo, como relata no trecho abaixo:

Eu acho que ele [Facebook] contribui pra gerenciar tempo, pra criar conexões [...] não estou dizendo que virei amiga dos alunos, mas criei certa proximidade com eles. Eu aceitá-los como meus amigos, por exemplo, pra poder explicar com mais detalhes as dúvidas. Criar um grupo no qual eu os coloco como parte, não fez eles me desrespeitarem. Eles entendem que seu sou professora, mas acham que eu sou mais descolada porque eu sou mais próxima deles.

A professora relata também que essa interação por meio da rede social pode ter criado uma certa aproximação e confiança entre os alunos e a professora, contribuindo para o processo de aprendizagem. O que dialoga com o que Ferreira, Torres e Correa (2013, p. 23) afirmam ao diagnosticar o *Facebook* como um espaço de grande potencial para incentivar e motivar os estudantes nas descobertas e em seus processos de aprendizagem.

Para chegar à construção da peça teatral, os alunos utilizaram o *Facebook* produzindo comentários e reações em cada vídeo e postagem publicado pela

professora e pelos colegas, utilizando o potencial da interação assíncrona e da linguagem própria das ferramentas da web 2.0. Nesse sentido, esses comentários, carregados das intenções específicas de um dado momento, proporcionaram uma grande participação dos estudantes na atividade, pois eles puderam se expressar e construir algo coletivamente.

A partir do excerto acima, podemos entender também que o uso da rede social no contexto da professora Sofia se desenvolveu de forma dinâmica porque apareceu durante o processo. Conseguimos vislumbrar outras possibilidades, quando a professora comenta que “[...] a gente utilizava a rede social antes mesmo de haver uma necessidade extrema como a de hoje [...]”, em relação aos processos que se assentam na educação durante o problema pandêmico. Percebemos também que na época o uso foi opcional, inerente à realidade dos alunos, e que hoje, durante o período de isolamento social, é algo de potencial utilização e talvez até o único caminho.

Em relação à dificuldade em manusear o *Facebook*, a professora parece insegura porque diz: “Eu não sou tão tecnológica, eu me viro nos trinta, mas tem várias coisas que eles têm que me ajudar senão me perco”. Essa fala indica que ela não tem o domínio pleno sobre o uso das tecnologias digitais, mas demonstra um engajamento intelectual que a fez estabelecer um aprendizado mais próximo dos alunos. Para nós fica muito claro a sua flexibilidade ao não se deter num único planejamento ou única forma de entender o processo formativo desses sujeitos em sala de aula.

A professora Sofia demonstrou também que houve uma interação propiciada pelo aplicativo de mensagem do *Facebook*, o *Messenger*, e que talvez ele tenha sido um dos responsáveis para que o coletivo consolidasse. Segundo Maziero e Brito (2015, p. 15335)

A quebra de linearidade rompe, inclusive com paradigmas cognitivos tradicionais, de pensamentos com textos fechados e prontos, e nesse sentido, entram em cena aspectos como atualização e conectividade que rompem com essa linearidade, tanto pelo intercâmbio quanto pela intensidade do processamento de informações que circulam na rede, o que gera um espaço comunicativo em constante fruição. (MAZIERO, BRITO, 2015, p. 15335).

Assim, considerando essas autoras, a atualização e a conectividade fizeram parte do processo pedagógico e foram as responsáveis por romper com a linearidade, constituindo um espaço comunicativo com intercâmbio e processamento intenso de

informação e interação entre os estudantes e a professora. O espaço então se tornou comunicativo.

A partir da entrevista da professora Sofia, conseguimos vislumbrar novas possibilidades do processo de ensino e aprendizagem, de mobilização de processos formativos para os alunos e para ela mesma, uma vez que a professora se entrelaça numa rede de saberes e competências mobilizada nesse processo.

No momento em que a professora Sofia relatou que queria transpor um texto narrativo para o texto dramático “Então, a gente acabou inovando, a gente começou a pensar numa nova possibilidade de trabalhar uma peça de teatro de Shakespeare [...]”, ela demonstrou mais uma forma de se aproximar dos estudantes, numa intenção inovadora de adaptar uma literatura clássica para os dias atuais. Para isso, a professora parte de um objetivo do currículo de Língua Portuguesa, que era trabalhar com o texto narrativo e se coloca num movimento dinâmico e formativo, pois tornou-se flexível no seu planejamento ao acatar ideias e posicionamentos dos seus alunos.

Acreditamos também que essa é a mesma dinâmica da interação que temos quando navegamos nas redes sociais, pois durante o processo da atividade surgiram links e hiperlinks que precisaram ser acessados e explorados pelos estudantes e a professora. Mesmo que a professora siga linearmente seu roteiro pré-estabelecido, a dinâmica influenciada pelo uso das redes sociais pode se encaixar, como vemos no excerto abaixo da entrevista da professora Sofia:

Eles mesmos estão dando ideias, a gente quer fazer um jornal digital pra não, por causa da sustentabilidade, não gastar muito, sabe, e trazer muitas coisas da escola, unir esforços, educação física, matemática, química, não ser só português. Português é a parte da escrita, mas tentar unir todo o colégio. Então a gente fica conversando sobre o que cada um quer escrever, tem gente que fala, “tenho uma ideia, quero escrever sobre isso”, “vamos fazer uma caixa de problemas que os alunos tenham na escola e vamos discutir no jornal isso com eles”.

Aqui podemos afirmar que o *Facebook* permitiu e talvez até influenciou uma metodologia em que o professor pode ter ferramentas para criar e escolher a que melhor se adequava para aquela prática. Um ambiente de aprendizagem como as redes sociais pode ser entendida como uma ferramenta instigadora para a pesquisa em sala de aula e desenvolvimento de novos conhecimentos. Ferreira, Machado e

Romanowski (2013) defendem que especialmente em sites tão hipertextuais, como se mostra o *Facebook*, podemos incorporar muitas práticas a nossa prática docente.

Não observamos na entrevista um relato sobre dificuldades técnicas ou de logística de uso da ferramenta tecnológica, aparentemente não houve problemas muito comuns nas escolas: o alto custo de equipamentos instalados, manutenção, preocupação em danificá-los e o controle do professor (BLINKSTEIN, 2016). Em determinado momento da entrevista perguntamos à professora se durante a prática ela observou alguma dificuldade, se precisou convencer os estudantes, se ela mesma sentiu dificuldades com algo, ela simplesmente respondeu “Nenhuma dificuldade, nenhuma. Foi fácil sim, normal”.

Nos relatos percebemos também que a escolha da ferramenta se deu a partir do uso que se fazia dessa rede social, pois a professora Sofia explicou que naquela época outras ferramentas de comunicação, como o WhatsApp, não eram comuns, ao contrário do Facebook, que era muito popular entre os estudantes.

Assim, parece-nos possível afirmar que o uso, na educação, de uma tecnologia que faz parte do cotidiano dos estudantes é bem diferente de quando os estudantes estão imersos em regras rígidas da sala de computação. Ao utilizar uma ferramenta que é de uso pessoal, não há o medo de danificá-la, há uma liberdade maior para utilizá-la e estão tão imersos nesse universo que se torna natural.

Uma implicação que a professora apontou foi a “[...] resistência é sempre um monte de professores que não querem participar e daí fica achando que a gente quer mesmo é se exaltar com essas coisas, e a gente está aproveitando recursos que a gente tem”. Relatando que ainda há uma visão entre os colegas de que podem perder a autoridade se promoverem alguma aproximação de seus estudantes. O relato abaixo confirma essa dificuldade encontrada pela professora Sofia.

Eu diria que uma das maiores dificuldades é o pessoal achar que, por exemplo, essa coisa de você controlar até que parte que você tá, na vida pessoal, os alunos estão na vida pessoal e que você está conectada com eles. [...] O maior problema são os outros professores talvez acharem que a gente tá dando muito espaço, que a gente tá querendo ser “amiguinho”, que a gente quer ser igual aos alunos, não necessariamente, entende, a gente só quer tipo, sei lá, é uma outra parte da sua convivência.

Assim, pudemos compreender que a utilização do *Facebook* estabeleceu a interação social e mesmo relações pessoais entre todos os participantes. Além disso, foi possível proporcionar aos estudantes uma experiência num Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA. A atividade demonstrou ser possível, de acordo com Ferreira, Torres e Correa (2013), conduziu os estudantes para que fossem responsáveis pelo seu próprio aprendizado, promoveu a produção de conhecimento, com um caráter interativo, participativo e de grande familiaridade dos estudantes. Isso deu condições de “[...] incorporar, personalizar, redimensionar, dinamizar e agregar sentido ao aprendizado, se tornando atrativa” (FERREIRA; TORRES; CORREA, 2013, p. 09).

O *Facebook* constituiu-se também num ambiente que proporcionou cenários de escrita para os estudantes, pois mesmo que a professora não tenha utilizado as produções escritas para analisá-las, os vídeos, a fala dos estudantes, os gestos, todos esses aspectos foram analisados e reescritos neste espaço. Assim, segundo Ferreira, Torres e Correa (2013, p. 03), podemos dizer que essa prática tratou de “[...] pensar diferente, uma nova organização cognitiva de como se efetivam práticas onde se agreguem saberes de significado, numa rede aberta, sistêmica, livre, com decorrências não mensuráveis”.

Quando perguntamos à professora Sofia sobre o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, ela relatou que enxergou um impacto, mas num aspecto mais amplo. Comentou que percebeu que não apenas o uso do “*Facebook*, mas talvez até o Instagram e outras redes sociais [...]” vem influenciando na maneira com que seus estudantes se relacionam com as práticas de leitura, escrita e oralidade. No fragmento abaixo a professora Sofia descreve que o impacto do uso frequente das redes sociais:

Fizeram com que a linguagem fosse cada vez mais concisa! A gente preza muito pela objetividade, eu vejo que os alunos, não que eles tenham que escrever uma redação gigante, nem uma super resposta, mas muitas vezes eles ficam naquela coisa lacônica, porque já estão tão acostumado àquela imagem, com poucas palavras ou comunicação. Eu acho que isso influenciou muito a escrita [...] eles estão tão imersos nesse mundo que é o tempo todo essa conversa, essa interlocução direta e instantânea, que às vezes eles não conseguem esperar, não conseguem maturar para dar uma resposta.

Outra observação a partir do relato da professora Sofia diz respeito aos acordos pedagógicos com seus estudantes e ao processo de construção dessa atividade. Pudemos perceber que a postura da professora dialoga com o que Santos (2019)

aponta como fundamental para uma mudança de paradigmas quando se utiliza as tecnologias em sala de aula, especialmente, em ambientes online como esse, potencializadores de processos de ensino e aprendizagem. Quando a professora Sofia descreveu negociar e construir coletivamente as cenas, explorar os conhecimentos dos estudantes na construção das narrativas, atualizar o texto para o tempo dos estudantes, encontrar outras estratégias além da leitura da obra clássica literária, ela apontou essa mudança de paradigmas. De acordo com Santos (2019, p. 22):

[...] se não houver uma mudança no paradigma curricular baseado nas práticas da transmissão centralizadas pela ação comunicacional unidirecional entre docentes e discentes, não teremos mudanças efetivas nas práticas, mesmo tendo a presença das tecnologias digitais nos espaços educacionais, sejam estes presenciais ou a distância (SANTOS, 2019, p. 22).

Assim, quando a professora inclui no processo o estudante, utilizando um ambiente que é próprio da realidade deles, ela se mostra aberta a mudanças de paradigma no seu modo de ensinar, demonstrando uma certa plasticidade na organização da informação e do conhecimento. Isso se dá absorvendo essa interatividade proporcionada pelas redes sociais, a comunicação síncrona e assíncrona nas situações de aprendizagem (SANTOS, 2019). Assim, a professora Sofia utilizou o ambiente online e todos seus potenciais aplicando um contexto de educação online enquanto “[...] modalidade de educação que pode ser vivenciada ou exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais” (SANTOS, 2019, p. 22).

A outra professora entrevistada foi Juliana, que, por meio do *WhatsApp*, relatou que trabalhou com o *Facebook* para proporcionar um debate sobre *Fake News*. Essa professora não relatou utilizar a rede social *Facebook* como cenário de interação, produção de atividades, como ambiente de troca de informação e construção de conhecimento, mas sim para mostrar o contexto e como surgem as *Fake News*.

Durante a conversa, a professora explicou que o uso do *Facebook* proporcionou um debate em que ela e seus estudantes se colocaram enquanto usuários que acessam, leem e interagem em redes sociais. É uma forma de uso diferente da que foi realizada pela professora Sofia, no entanto, é também uma maneira de debater sobre o uso das redes sociais. No relato de sua atividade, a

professora Juliana explicou que iniciou a atividade com a discussão sobre uma *fake news* a partir de uma postagem na rede social *Facebook*:

Teve uma postagem (...) sobre o lançamento da 3ª temporada do seriado “La Casa de Papel” (...) a publicação trazia uma notícia falsa de quando seria o lançamento do seriado. E daí (...) foi explicado a questão das fake news que nem sempre quem publica a fake news tem essa intenção de publicar, às vezes acaba sendo uma inocência, ou o meio de comunicação que veicula uma notícia que não é comprovada às vezes acaba fazendo pela ânsia de querer ser os primeiros a divulgar, noticiar alguma coisa e tal, mesmo que aquilo não tenha tido essa comprovação necessária. E com isso as notícias falsas se espalham mais ainda, porque daí a pessoa vê lá um site ou uma página no Facebook ou Instagram que está noticiando toda uma série que tem um apelo grande assim, pessoas que assistem.

Parece que a professora se deu conta do que Santos (2019) comenta como imprescindível, pois ao escolher discutir a rede social enquanto espaço de dinâmica social, ela está explorando o perfil comunicacional das redes sociais. Para Santos, a “[...] web 2.0 é movida por seus usuários em gestos sociais ou em redes sociais cuja atuação promove o crescimento de diferentes mídias sociais” (p.48), isso inclui desde *blogs*, *wikis*, *podcasts* até outras plataformas que permitem a expressão de ideias. O relato da professora Juliana demonstra uma percepção do “[...] espírito do nosso tempo para nele atuar. Ele precisará ir além da inclusão digital, entendida como habilidade no uso do computador, dos softwares, do site, do portal, da consulta online, do e-mail, do upload e do download” (p.44).

Quando a professora Juliana utiliza a rede social *Facebook* como referência para refletir sobre as produções e publicações postadas, ela está utilizando essa plataforma de comunicação como lugar de expressão de ideias. Na perspectiva de Santos (2019), os professores precisam de uma inclusão cibercultural, pois somente refletindo sobre a cultura que emerge desse espaço e sobre nossa relação com a cibercultura faremos uma melhor utilização das técnicas da *web 2.0* que tanto favorecem a comunicação.

No fragmento abaixo, a professora Juliana relata que a atividade teve aceitação por parte dos estudantes e gerou até um certo debate, e mesmo sendo fãs da série eles ficaram surpresos com a *fake news*. A professora explicou que partiu de uma postagem no *Facebook* para buscar o site onde ela estava publicada, o que viria

a gerar um debate sobre a credibilidade das postagens. No relato, a professora Juliana explica que:

Os alunos gostaram, assim, eles ficaram surpresos na verdade, com a questão da mentira do lançamento da 3ª temporada porque parecia muito verdade, então a gente aproveitou essa questão assim para mostrar pra eles o quanto é importante não acreditar em tudo que está na internet, parece meio bobeira, eles até brincam com isso, ah, se tá na internet é verdade e isso vira piada, mas eles não percebem o quanto tantas vezes eles caem nisso, de não verificar outras fontes, de não perceber às vezes alguma inconsistência na própria postagem ou nas imagens.

Num outro momento da entrevista, quando perguntamos sobre as contribuições que ela percebeu quando utilizou o *Facebook*, a professora comentou que muitas vezes as *fake news* são tão sutis que até mesmo o blog IGM, de entretenimento e jogos, como o que eles analisaram pode cair no engodo. No excerto da entrevista que transcrevemos abaixo, a professora Juliana relata que o próprio site não percebeu, não verificou as fontes, não fez uma leitura com maior profundidade da imagem. Esse caso era explícito, mas, mesmo assim, o site publicou uma montagem que alguém fez. Abaixo a professora Juliana descreve a informação inconsistente que encontraram na imagem e traz a importância de uma leitura que privilegie uma análise de enunciados que não estão apenas escritos, mas em formato de imagem.

Então esse cartaz é que estava vinculado ao lançamento, digamos assim da 3ª temporada. Mas ele, olhando rápido parece que não tem nada de errado com ele, mas numa análise mais aprofundada, pelo menos de um site que é especialista em divulgar informações de entretenimento, jogos, etc., como foi do caso da proposta deveria ter percebido que a moeda que está ali é uma moeda de R\$1,00 (um real), que não tem, é cadê ali a parte do 3ª temporada, a 1ª e a 2ª, na verdade não foi nomeada de temporada, foi parte 1, parte 2, e daí seguindo a lógica deveria ser parte 3 e não 3ª temporada, e outras questões assim que deveriam ter sido analisadas pra não cair nessa informação e não acabar criando aí uma falsa expectativa do lançamento. E eles escreveram a respeito disso e eles gostaram bastante porque daí eles passaram a perceber coisas que eles não estavam percebendo nas postagens.

Quando questionada sobre as implicações ou dificuldades no processo de utilização, a professora Juliana, assim como a professora Sofia, enfatizou que "(..)

não houve dificuldade”. Pois, “Como é uma rede social conhecida de todos os alunos, por mais que a atividade não tenha sido desenvolvida na plataforma (apenas usada como contexto), serviu para que eles percebessem que as *fake news* podem realmente aparecer em qualquer lugar e não apenas nos grupos de WhatsApp”. Isso reafirma o que mencionamos anteriormente sobre a facilidade de se trabalhar em sala de aula com uma tecnologia que faz parte da realidade dos estudantes. No relato abaixo a professora reafirma que grande parte dos estudantes conheciam e seguiam aquela *fanpage*.

Ah, sim! Então, como foi uma Fake (não proposital) de uma fanpage voltada a jogos e a entretenimento em geral, muitos alunos já conheciam e seguiam inclusive. Alguns que não conheciam quiseram entrar pra ver se era verdade que a página existia e era séria (e é, tanto que houve retratação em relação à notícia). Então foi questionado em sala de aula o quanto essa retratação era válida, já que pela Internet tudo se dissemina muito rápido e nem todos que tiveram acesso à notícia viram a retratação posteriormente. Isso serviu pra fazê-los perceber a importância de verificação de qualquer informação. Senti que ficaram bem "de cara" ao ver a postagem e eles mesmos concluíram que daquela vez era só uma data errada de lançamento de série, mas que outros assuntos sérios poderiam não ser corrigidos só com uma retratação

Ressaltando ainda que, nesse relato da professora Juliana, mesmo que os estudantes não tenham explorado os recursos comunicacionais dessa ferramenta, eles investigaram como o fenômeno das *fake news* se dá nas publicações do *Facebook* e, com isso, puderam perceber as nuances que aparecem nas notícias falsas. Isso proporcionou, assim, uma reflexão em torno do impacto de uma notícia falsa e os danos que pode causar.

Para os autores Porto, Oliveira e Chagas (2017), a nossa relação com a leitura e a escrita foi reinventada na cibercultura, pois quando interagimos em ambientes como o *Facebook* não apenas somos leitores, mas leitor-escritor, ao mesmo tempo. Isso remete ao que o Círculo de Bakhtin denomina interlocutores, pois nesse diálogo alteritário estamos no papel de leitores e escritores ao mesmo tempo, sendo respondentes e avaliadores da fala alheia do ponto de vista sócioideológico o tempo todo.

Desse modo, um dos pontos cruciais nesta pesquisa foi explorar de que forma o uso da plataforma de comunicação *Facebook* pode contribuir para o ensino e aprendizagem na educação básica, na disciplina de Língua Portuguesa e quais as possibilidades de recursos comunicacionais disponíveis dentro dessa plataforma digital. Pudemos perceber que as relações dialógicas que se dão também nesse espaço, conforme Rojo e Barbosa (2015, p. 42), resultam dos “[...] efeitos de sentido discursivos, os ecos ideológicos, as vozes e as apreciações de valor que o sujeito do discurso faz por meio dos enunciados”.

A interação social entre os sujeitos e seus enunciados, entre os sujeitos e as ferramentas digitais produzem a cultura que vivemos, a cibercultura. Toda essa complexidade, os elementos tecnológicos que permitem que todos possam produzir conteúdo de toda maneira possível, remixar o conteúdo do outro e modelar seus discursos, torna as redes sociais também ambientes de ativismo político, atividades sociais, denúncias sociais, publicação de desabafos, difamação, compartilhamento de notícias falsas, vendas de produtos, ou seja, de tudo o que circula no mundo real.

Há, portanto, uma necessidade emergente da escola assumir seu papel de promotora da inserção da cultura digital na escola, de modo a proporcionar reflexões sobre o uso das tecnologias na vida cotidiana, e da exploração da linguagem digital, utilizando a tecnologia para “[...] fins de comunicação, acesso e transmissão de informação, construção de conhecimento, resolução de problemas, desenvolvimento da autonomia” (BNCC, 2018). É preciso que a escola proporcione uma reflexão sobre a produção de enunciados e como nos constituímos enquanto sujeitos numa rede que é planetária, com inúmeras lentes para enxergarmos diferentes óticas de opinião, visões de mundo, culturas etc. Mesmo que nesse espaço circulem discursos de ódio, *fake news* e outros conteúdos impróprios, ele também está carregado de uma biblioteca infinita de conteúdos, saberes e conhecimentos a serem explorados. Assim, podemos enxergar e refletir sobre a rede social como um cenário cultural, social e político, tendo a prática discursiva da leitura e da escrita como ponto de partida e ponto de chegada.

Os autores Cerigatto e Casarin (2015), numa preocupação com o caráter simbólico e ideológico das interações no ciberespaço, propõem que os currículos escolares se preocupem em abordar “[...] modelos semióticos críticos de análise dessas novas linguagens, que, cada vez mais, recorrem à sonoridade, à visualidade e às misturas destas (CERIGATTO; CASARIN, 2015). Os autores dialogam com a

necessidade de construir um currículo para o ensino da Língua Portuguesa que tenha essa linguagem própria do digital, a linguagem híbrida como ponto fundamental, na perspectiva de partir de abordagens dentro da “[...] complexidade do mundo do simbólico e as múltiplas formas de criação dos signos que alimentam essa realidade paralela ao mundo das coisas tangíveis” (CASTRO, 2010b, p. 105).

Essa perspectiva comunicacional proporciona um exercício de autoria e de coautoria, de interação com fatos que intuitivamente dialogam conosco num ambiente de aprendizagem como o *Facebook*. Ambiente este que observamos como potencializador da expressão e de compartilhamento de narrativas, opiniões, significados, ideias, visões de mundo. Outra prática presente no ciberespaço é a cultura do *remix*, apontada por Lemos (2005, p. 01) como um “conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagem, *cut up* de informação a partir de tecnologias digitais”. Também os autores Pinheiro e Felício (2016) complementam explicando que essas são formas possíveis no ciberespaço de recortar e misturar de maneiras inúmeras a escrita, os sons, as imagens em movimento ou estáticas, recriando-as a partir das subjetividades e dessa mistura.

Outro aspecto que observamos é que a conectividade é indesejável e a tendência é que ela cresça cada vez mais com a adoção de dispositivos digitais conectados pela internet e *bluetooth*, a internet das coisas, os *gadgets*. Vimos por exemplo, que as grandes empresas de tecnologia têm como objetivo principal nos manter cada vez mais presos às telas, ofertando produtos e formas de comportamento. A questão é que essa é a sociedade digital na qual estamos inseridos, não tem volta, não podemos omitir mais aos nossos estudantes um debate que envolva as grandes empresas, governos, a nossa própria constituição e nossos direitos sobre a nossa identidade. Para isso não serão ações individuais que irão fazer a diferença e sim a educação se apropriando disso e pensando o ensino e a aprendizagem de forma que integre debates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa. Para isso, buscamos responder o problema de pesquisa: **Quais as possibilidades de uso da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica?**

A partir da interpretação dos relatos de duas professoras entrevistadas percebemos que o *Facebook* enquanto ferramenta tecnológica se mostrou de fácil acesso e uso, pois os estudantes e professores utilizavam na vida pessoal e em seu cotidiano, o que proporcionou uma utilização de forma fluída e intuitiva.

O uso da rede social *Facebook* atrelado às intencionalidades pedagógicas das professoras impactou no processo pedagógico, pois influenciou no modo de ensinar e aprender. O uso pedagógico dessa rede social impulsionou a interação entre estudantes e professores, tornando os estudantes mais partícipes do processo. O ensino e aprendizagem se mostraram não linear, mais interativo, dinâmico, dialógico e assíncrono, contribuindo para romper e ampliar o espaço da sala de aula presencial, gerando engajamento e produções coletivas fora do horário de sala de aula, num diálogo assíncrono e ininterrupto entre professor e estudante.

No relato da atividade de uma adaptação cênica, a reescrita do texto teatral, a adaptação das cenas, escolha dos figurinos e acertos pedagógicos aconteceram utilizando como ponto de partida as publicações no grupo criado pela professora no *Facebook*, que se tornou um território comum a todos e com um propósito em comum, o de produzir uma peça teatral para a comunidade.

Outra possibilidade de uso pedagógico do *Facebook* foi o de utiliza-lo como ferramenta social na internet, como espaço de leitura e fonte de notícias no mundo contemporânea, explorando a circulação de informações que fazem parte do mundo social dos estudantes e um fenômeno discursivo próprio das redes sociais, as *Fake News*.

No relato a professora explorou o caráter multimídia da linguagem própria do espaço digital que possibilitou a interação dos estudantes com textos, imagens e sons ao mesmo tempo. Sendo necessário enxergá-lo como espaço de interação e de linguagem multissemiótica e discursiva de caráter simbólico e ideológico, que impulsionou discursos que em espaços com as redes sociais exigem não só a leitura

de letras, mas também de símbolos e de sons, pois precisamos de uma leitura mais atenta, pois podemos replicar uma notícia falsa sem perceber.

Assim, o *Facebook* é um espaço de dinâmicas sociais, é um cenário cultural, social e político onde circulam discursos que impactam nossas ações dentro e fora dele, tornando indesviável, a nós professores de Língua Portuguesa, debater sobre a nossa interação ininterrupta com os enunciados que nos cercam. Por isso, quando utilizamos o *Facebook* como ferramenta pedagógica precisamos considerar que essa ferramenta no mundo contemporâneo mudou o status dos interlocutores.

Porque a partir do momento que temos em mãos smartphones ativos que acessam as redes sociais, possibilitam ler, replicar e publicar enunciações sem fronteira geográfica vivemos hiperconectados, ou seja, estamos o tempo todo dialogando com os fatos presentes na esfera do cotidiano, jornalística, política, religiosa, judiciária e outros campos de atividade humana que propagam discursos de caráter simbólico, ideológico e social do mundo inteiro. E isso impactou na formação de opinião, porque na medida que nossos estudantes estão numa relação de interação socioverbal com tais enunciados, dialogando com a informação nessa dimensão macro, estão igualmente produzindo e ressignificando sentidos, ideologias, visões de mundo, numa relação com o mundo social e constituindo sua subjetividade.

Pensando numa continuidade para essa pesquisa, seria oportuno vislumbrar perspectivas a partir da interação entre professores, estudantes, ferramentas tecnológicas e conteúdos escolares. Creio que diante dos desafios atuais da sociedade digital, da educação brasileira e do ensino de Língua Portuguesa diante da pandemia do Covid-19, uma estratégia seria organizar um grupo focal no *Facebook* com estudantes do ensino médio que estão na educação básica e, assim, investigar ocorrências no processo do ensino e aprendizagem potencializados pelo uso de ferramentas tecnológicas dentro de um grupo no *Facebook*.

Nosso intuito seria proporcionar cenários de pesquisa e produção escrita, audiovisual e sonora, para assim compreender de que maneira professores e estudantes utilizam as ferramentas tecnológicas desse ambiente, partilham saberes, constroem conhecimento coletivamente, atuam como coautores nos enunciados e de que forma dialogam por meio da linguagem multifacetada no ambiente digital.

Assim, imersos num espaço presencial e online de aprendizagens, de sentidos e de significados, poderiam ser definidas algumas esferas de atividade humana, como a jornalística, a esfera artístico-literária, do cotidiano e política. Nesses

contextos definiríamos temáticas e conteúdos a serem trabalhados em sala de aula tendo esse ambiente como extensão das aulas presenciais. A partir das produções dos estudantes elencaríamos episódios de interação, ou seja, uma atividade formal de interação socioverbal realizada neste ambiente. Isso permitiria analisar quais diálogos possíveis eles produzem quando utilizam as redes sociais para adquirir, compartilhar e produzir conhecimento.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Texto de apresentação: Sou Keila Vieira de Lima Pieralisi, professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual do Paraná - Educação Básica. Estou realizando uma pesquisa de mestrado para compreender de que forma o uso de redes sociais em sala de aula pode contribuir para o ensino da leitura enquanto prática social. Este instrumento é organizado sob a orientação da Professora Dr. Gláucia da Silva Brito. Poderá contribuir para a minha pesquisa e, também para que o GEPETE/UFPR - Grupo de Estudos e Pesquisa Professor, Escola e Tecnologias Educacionais possa organizar formação continuada para professores.

Professor (a), acreditamos que a pesquisa acadêmica para escola pública precisa incluir os sujeitos dela, ou seja, nós, professores. E é com muito respeito que inserimos a sua voz nesse espaço de pesquisa. Por isso, fique à vontade para responder, pois não se trata de questões com respostas certo ou errado, nem uma pesquisa que busca criticar práticas docentes atuais, o que buscamos aqui são opiniões, gostos, experiências que nos constituem enquanto professores.

Muito obrigada! Conto com você!

1. Endereço de e-mail *

Identificação

2. Você é professor de Língua Portuguesa? *

() Sim

() Não

3. Atua em qual município? *

Sua resposta

4. Em quais turmas atua? (admita mais de uma resposta) *

() Ensino fundamental

() Ensino fundamental e médio

() Ensino médio

() Ensino Médio Profissional

() EJA - fundamental

- EJA - ensino médio
- Programas de contra turno e ensino fundamental
- Programas de contra turno e ensino médio
- Educação Especial
- Licenciatura
- Formação de professores
- Não atuo em sala de aula. Atuo em NRE, SEED ou outra instituição.

5. Possui pós-graduação? *

- Especialização (lato sensu)
- Mestrando ou possui mestrado (stricto sensu)
- Doutorando ou possui doutorado (stricto sensu)

6. Tempo de atuação como professor(a): *

- 5 a 7 anos
- 8 a 14 anos
- 15 a 22 anos
- maior ou igual a 23 anos

7. Qual é a sua idade? *

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- Outra:

8. Você já usou a rede social *Facebook* em Sala de aula?

- Sim
- Não

9. Descreva a prática pedagógica que você utilizou na aula de Língua Portuguesa com o *Facebook* e faça comentários sobre.

Sua resposta

Autorização

Essas informações poderão ser utilizadas como dados de pesquisa e em produções acadêmicas realizadas pelo Grupo de pesquisa GEPPETE/UFPR e seus membros. Para tanto, preservaremos sua identidade e só divulgaremos os dados com a sua autorização.

Nome completo:

Autorizo o uso dos dados apresentados por mim nesse questionário: *

() Autorizo SEM identificação.

() Autorizo COM identificação.

() Não autorizo!

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

1. Você utiliza a rede social *Facebook* pedagogicamente no ensino de Língua Portuguesa? Faça um relato de uma atividade utilizando essa rede social no processo ensino e aprendizagem

2. Na utilização do *Facebook* aponte quais foram as contribuições no processo de utilização?

3. Na utilização do *Facebook*, aponte quais foram as implicações/dificuldades no processo de utilização.

4. A partir da sua experiência em sala de aula, faça considerações sobre o seu processo de ensino com o uso da rede social *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa.

APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA

PROFESSORA 1 - Sofia

K – Então, Sofia, que bom que conseguiremos conversar por vídeo. Conforme a gente vem conversando eu estou interessada em compreender o seu processo pedagógico quando utilizou o *Facebook* em sala de aula. Então tudo que você se lembrar é importante para mim, desde os elementos pedagógicos da disciplina até as trocas de diálogo por aplicativos de mensagens.

S – Vá lá.

K – Primeiro, eu gostaria de confirmar se você utilizou a rede social *Facebook* pedagogicamente para o ensino de Língua Portuguesa. E se puder gostaria de ouvir um primeiro relato a partir de uma atividade utilizando essa rede social.

S – Então, quando eu entrei, vou dar um exemplo de 2018, por exemplo, que eu entrei lá no xxxxxxxx, eu já usava, geralmente eu uso o *Facebook*, porque demorou para eu fazer o Instagram, eu fiz Instagram porque meus alunos pediram na escola pra eu fazer, porque eles achavam legal as histórias que eu contava e eu uso sempre para contar alguma coisa e eles adoram! Agora eu meio que fico só no Instagram, mais do que no *Facebook*, só que o *Facebook* eu usava sempre pra divulgar, “ó, gente, vamos montar uma banda, fazer uma coisa”, eu até fiz uma banda com os alunos do colégio, e eu gostava de usar para divulgar, “ah, vai ter um evento, vai ter uma coisa, vamos nos unir”. *Facebook* é o que eu mais uso pra convidar, eu diria assim, para ter uma interação com eles.

Mas o que aconteceu, eu lembro que eu fiz uma peça sobre Romeu e Julieta no final de 2017 com os alunos do 9º ano, antes de eu entrar no xxxxxxxx, e os alunos ficaram muito felizes, a gente fez uma adaptação e colocamos no *Facebook*, a gente filmou pra comunidade conhecer aqueles grupos da turma. Tinha aqueles grupos secretos e tal, e eu lembro que a gente ia marcando as cenas da peça e ficava mais fácil ver cada um, por exemplo, falar “vamos melhorar essa cena”. E uma cena que a gente ensaiou várias vezes por causa do vídeo que a gente colocou lá e todo mundo tava dando esse suporte social de avaliação. E foi coletivo porque ficou todo mundo avaliando o que a gente podia melhorar pra apresentação final.

Foi da briga do Teobaldo, que é o primo da Julieta, quando ele mata Mercúcio, e os alunos odiavam ler, odiavam ler, mas todo mundo sabe a história de Romeu e Julieta, por causa que a gente fez essa peça, e a gente começou a dar *feedback*, e a gente foi escolhendo a sonoplastia, que música que dá certo, a gente assistiu até um filme que era do Leonardo DiCaprio, que é uma versão moderninha de Romeu e Julieta. Então eu fiz a gente reescrever junto até fazer doze atos, a gente fez a peça, e a gente apresentou no Colégio, foi muito legal! E também acabou sendo o trabalho da nossa equipe multidisciplinar, em vez só de falar das coisas que (inaudível) a gente falou sobre ódio, ódio gerado por nada, foi a nossa campanha “ódio em Verona, ódio no Brasil”, a gente tentou adaptar a peça pelo Facebook.

E eu lembro que esse canal de comunicação do Facebook foi mais útil porque a gente não tinha, WhatsApp, então todo mundo estava conversando e tal, e era uma forma da gente ter um canal da turma. Todo mundo ia lá e dava opinião. A gente se dividia, atribuía as tarefas, era mais fácil controlar a atividade, colocar prazos. Por exemplo, eu dizia “A gente tem duas

semanas pra fazer isso, tem que fazer o figurino, decidir a estampa pra gente poder ensaiar com ele. Como que a gente vai fazer a cena disso? Eu lembro que eu tive que organizar uma espada de plástico, foi uma guerra, (inaudível), uma coisa que não fosse caro, então assim, foi legal, acho que o Facebook foi fundamental. Estou dando um exemplo né.

Em 2018 quando eu entrei no outro colégio, eu utilizei o Facebook, por exemplo, para divulgar dados e pra coletar dados, engraçado, né, fiz uma pesquisa com meus alunos sobre bullying, se eles já tinham passado, eu já tinha terminado o mestrado bem no começo daquele ano, e eu queria saber que suporte social funcionava melhor pra eles, se funcionava melhor o suporte do (inaudível), família ou dos amigos. E se eles achavam que eles tinham passado por experiências de intimidação, de *bullying*, *cyberbullying* na escola deles, e a maioria confiava mais no amigo que eles descobriram no (inaudível), e só conseguiram falar isso porque era anônima a pesquisa, não precisava saber o nome da pessoa que tinha respondido mas eles se sentiram mais confortáveis, aí foi uma coisa geral, eles gostaram muito. Acho que até tem compartilhado os resultados finais lá no *Facebook* ainda. (inaudível) o Facebook que eu achei legal para divulgar o trabalho, mas também para chamar as pessoas pra participarem das coisas, e eu uso também pra vídeo, às vezes eu quero falar, compartilhar um vídeo, vou lá e marco os meus alunos, que nem um vídeo de literatura, eu queria contar uma história da (inaudível), que era de literatura inglesa, que ela sofre muito, ela acaba sendo (inaudível) e o cara que ia casar com ela não casa porque descobre que ela passou por isso, uma situação de culpa, e eu lembro que eu compartilhei esse vídeo no Facebook com os alunos, e eles queriam saber mais da história por causa que eles tinham visto um resumo de uma série da BBC sobre isso.

Então não sei se está no caminho do que você está querendo saber sobre usar o Facebook, mas atualmente eu uso o Facebook pra eventos. Quero dizer, ah, vai ter um negócio de música, aí tem uma outra coisa, no último ano é mais isso; eu até compartilhei essa semana é a semana da convivência, te mandei o convite, eu compartilhei no Face, só que estou usando mais o Instagram, eu to entrando muito menos no Face no último ano, que era o que eu entrava mais no Face, mas agora no Instagram, como eu gosto de escrever pequenas estórias contando coisas ou posts incentivando a galera, é mais assim a minha cara agora. E até pros meus alunos, eu faço meio que direcionado pra eles, eles sempre sabem. Eu falo, “ó, gente, essa foto é que eu tinha prometido pra vocês”, eu falo, “quinta-feira, está aqui ó”, então eu tento criar essa comunicação e a gente estava até pensando sobre isso, por exemplo, setembro amarelo, eu uso um livro que eu sempre trago pra eles que do sofrimento do (inaudível) que ele deu vários sinais que estava depressivo e ninguém se importou, porque ele mandava cartas, as cartas levavam dias pra chegar.

A gente conversando, se fosse nos dias atuais, a gente ficou pensando, será que a pessoa dando sinais nas redes sociais, no *Facebook*, *Instagram*, as pessoas iam perceber hoje em dia que alguém está passando por isso? Ou iam dizer que é “mimimi”, tem várias opiniões dos alunos sobre isso. Então a gente começa a pensar como as redes sociais mudam, tem gente que compartilha o sofrimento, tem gente que compartilha alguma coisa que você não sabe analisar, (inaudível) ou não. Então o texto, a leitura, é um pouco diferente da nossa realidade. A realidade da carta, eu fiz uma carta com eles, eles estão acostumados com a coisa instantânea. Então, assim, o que é enviar uma carta com selo que vai chegar pelo correio? A gente fez todo esse projeto no fim de ano com eles. Então pra eles é uma coisa absurda que leva muito tempo, eles trocam e-mails, até tem o grupo agora no WhatsApp que dá para a gente conversar sobre o Google Classroom que eu uso, mandando e-mails, que é pra focar,

só que eu não gosto de ficar só falando de conteúdo de escola, eu gosto de saber como é que eles estão, sabe,

K – Hum, hum...

S – E eu acho que às vezes a gente usa essas ferramentas só pra elevar o nível cognitivo e se esquece da parte emocional. Eu acho que a gente esquece muito disso, por isso que tem essa minha preocupação com essa parte. Tanto é que eu quero fazer um questionarinho com eles de: como é que vocês estão nesse isolamento? Como está a família de vocês lidando com isso? Porque tem gente que às vezes passa por sofrimento ou violência verbal ou não sabe como estar lidando com aquilo, não passa tanto tempo com os pais. E agora, passando tanto tempo com os pais, como está isso? Uma coisa que não foi planejada. Estou tentando conversar e eles querem muito falar. Então dá pra ver que eles estão precisando de gastar esse conteúdo deles, interno, está muito parado. E organizar uma rotina que é bem difícil pra eles, pelo que eu conversei com os alunos, porque não tem horário pra dormir, vão dormir muito tarde, acordando muito tarde, os professores estão enchendo de lição acadêmica, mas eles não estão querendo saber como que o aluno tá, como é que ele tá vivendo esse processo, sabe. Tem aquele aluno que o pai tá perdendo o emprego, (inaudível) problemas, como eles estão no meio disso aí?

K – E daí a rede social, ela é uma forma de adentrar nessas realidades.

S – Eu acho que é um instrumento muito bom, e eu vou te dizer, essa Semana da Convivência fez a gente perceber que o nosso evento foi muito mais legal na época da crise, porque era tanta gente que parece que estava disponível, não vou dizer que estava sem ter o que fazer, mas estava querendo ver alguma coisa diferente, teve a participação de mais de 500 pessoas online, do mundo inteiro. Então foi uma coisa que a gente não estava esperando, e se fosse um evento presencial não ia ter essa marca. Tantas pessoas ali, e todo mundo colocando no chat ali, “é isso que estou passando”, “eu preciso de ajuda”, “e como a gente faz pra viver com isso?” “Nossa, é exatamente isso, às vezes eu brigo com meu filho por causa do comportamento dele, mas eu amo ele e parece que eu demonstro que não amo ele. Como demonstrar que eu amo ele e que eu não gostei do comportamento dele?” (inaudível) Muitas coisas vieram à tona, pelo chat, o chat foi o espaço ali que a galera queria colocar...

K – É isso que eu queria te perguntar. Quando você pensou o Facebook dentro das aulas de Língua Portuguesa, você falou que usou uma página para trabalhar com teatro, vou voltar lá na questão da peça teatral. Você construiu com eles? (falam ao mesmo tempo/inaudível). Escolheu uma temática?

S – É que tem os grupos que a gente pode fazer assim.

K – Tem.

S – Antes tinha, não sei se tem ainda, ao menos me lembro.

K – Tem ainda, a página e o grupo.

S - Nem sei mais.

S – E foi muito legal porque daí a gente compartilhou fotos, eu tenho até uma foto, eu fiz até revelação de uma delas, que foi uma coisa assim tão legal, foi tão sucesso aquela peça, os alunos odiavam ler, não que eles tenham lido o livro Romeu e Julieta, mas eles entenderam a história de Shakespeare, uma história antiga, faz tanto tempo atrás, mais de 500 anos atrás que aconteceu essa história e eles conseguiram entender que teve uma briga de ódio que era infundado, mas de onde que veio isso e como que acabou um amor que durou 3, 4 dias com tantas mortes, (inaudível). Como que a gente continua reproduzindo, sabe, foi uma etapa de debate, os alunos do 9º ano são aqueles, tipo são os maiores do fundamental, mas eles estão nessa transição para o ensino médio, então eles têm muitas ideias, foi muito legal fazer isso.

K – E o diálogo que você tiveram (falam ao mesmo tempo).

S – E eles foram refazendo [sozinhos], eles quiseram colocar uma espada, tipo, daí a gente ficou falando assim: quem vai agora procurar? Tudo naquele canal de comunicação. “Ah, achei eu lá em casa tinha, não tem, mas vamos fazer uma vaquinha para comprar?”. “Vamos comprar tantas espadas pra essa cena? E o outro, ah, “eu vou usar o vestido de uma amiga minha pra cena da morte” e “como é que a gente vai construir a cena do balcão?” e tals. É interessante pensar nesse processo de recriação, né.

K – Você praticamente transpôs a sala de aula pra lá, né? Pelo menos o diálogo da sala de aula, essa conversa informal que a gente faz foi para o Facebook.

S – Exato, porque a gente não tem aula a manhã inteira, né, e alguns professores começaram a ceder aula pra mim porque eles notaram que todo mundo começou a se envolver no projeto, e eles queriam só ver como ia ficar isso, sabe, foi muito legal.

K – Deixa eu entender melhor, vocês ensaiavam, gravavam e colocavam no Facebook pra todo mundo assistir e fazer uma autocrítica ali?

S – Sim, algumas cenas, a gente pegava a cena que a gente achava que precisava melhorar, essa cena do Teobaldo que eu falei que marcou muito, era uma cena em que eles erravam muito, eles riam e era uma cena de morte, de (inaudível), de guerra, até eles entenderem como fazer isso, aquela coisa o pessoal tinha que dar *feedback*, até que finalmente eles conseguiram fazer certo, uma cena muito difícil fazer acontecer, e a cena do baile também, com vários casais dançando até eles se encontrarem, eram cenas assim mais desafiadoras.

K – Você trouxe uma atividade avaliativa, que lidava com a crítica da própria ação deles e tornou dinâmica. Sabe o que eu fico pensando, eles devem ter gostado?

S – Sim, exatamente eu amo pensar que eles vão o resto da vida lembrarem, encontrei outro dia com um aluno nesse período da pandemia e ele falou, “você é a melhor professora que a gente teve”. Não sei se é forçado, né.

K – (Risos)

S – Mas a gente nunca esquece, como a gente não valorizava, ele contando que não esquece, tipo é aquela coisa, marca, acho que essas atividades diferentes elas ficam na memória, não é aquela coisa de só o livro, vamos responder (inaudível), eu falo, vocês recebem e acabou, sabe essa interação é diferente, acho que tem muito professor que acha que tem só ele falar e o aluno só escutar e tem que obedecer e é isso. Eu acho que tem que construir, às vezes

eu mudo minha opinião por causa que os alunos me contam as coisas que o aluno fala, professora, já pensou em ver tal coisa? Eles me indicam, esse ano ele andou me indicando uma série no Netflix, eu nem sabia que existia, eu fui assistir porque eles ficam me indicando, daí tenho que ir lá ver o que é.

K – Sofia, é genial.

S – (Gargalhada).

K – É que você construiu o processo de ensino e aprendizagem ali no Facebook com eles, você deve fazer isso na sala de aula presencial também, essa coisa de ouvi-los e construir e reconstruir suas aulas a partir deles, deve ser uma coisa habitual, já.

S – Sim, tanto é que o pessoal acha que minha aula é uma bagunça porque às vezes ficam lá super disciplinados e daí sempre tá todo mundo falando, mas eu gosto. Tanto é que no chat [Google Classroom] os professores não estão respondendo, só eu falo “meus amores, que saudade”, e respondo e tal, daí se a dúvida tal, eu vou lá falo. Os professores acham que é porque eu quero ser popular, mas os professores não falam nada. Aí eu acho que o pessoal acha meio chato ou não quer, o pessoal tá com muito problema também pra entrar no Face e no Instagram.

K – É, eu percebo que temos fragilidade na nossa formação em relação a tecnologia, tem o problema da técnica de não saber mexer e tem o problema não da dificuldade em dialogar com o jovem também, de aprender a dialogar com o aluno, de encontrar nesse aluno esse lugar de se alimentar, de reavivar sua prática. E é tão bom quando a gente encontra no aluno o que a gente vai fazer, não é o contrário.

S – Não é o contrário, concordo.

K – Essa construção, e isso é a cara da rede social, tô bem impressionada com o seu relato. Porque a rede social funcionou nesse processo meio que moldando, influenciando.

S – Sim, eu acho que ela funciona muito, e eu tava até falando com o professor Josafá, que é meu orientador de mestrado, como esse evento foi mais sucesso no meio da crise da pandemia do COVID do que em qualquer momento da história, digamos, do que fosse presencial. Online foi muito melhor. As pessoas até hoje estão mandando mensagem, enviando e-mail da gente agradecendo, falando que foi importante pra ela poder ouvir e compartilhar e aprender, e ver que tem gente passando por isso, e todo mundo conectado, 400 pessoas juntas por um propósito (inaudível), o pessoal assistindo filme juntos na (inaudível), foi muito diferente assim. Não era o que a gente tinha planejado, mas foi o que a gente conseguiu adaptar e a gente começou a pensar em fazer mais eventos online, (inaudível) pra poder criar essa mentalidade (inaudível), mas é uma coisa que surgiu agora (inaudível).

K – Eu acho que o avanço, com todas as coisas tristes que a gente vai viver e que a gente está vivendo já, mas o avanço tecnológico ele deu um boom de muitos anos, essa coisa do remoto (falam ao mesmo tempo).

S – Sim! Necessidade, né, é a necessidade que faz isso;

K – É, a gente está fazendo isso meio obrigado, só que a gente está conseguindo aprender, a dialogar com isso, a trabalhar com isso. Sofia, uma coisa que eu fiquei pensando sobre sua experiência, sem uma rede social você conseguiria fazer isso? Você já parou pra pensar nisso? Sem o uso dessa tecnologia como seria essa atividade.

S – Eu acho que eu não teria esses canais de comunicação para resolver um dilema agora. Está todo mundo aqui conversando, vamos resolver agora, não. Sem a rede social, eu até pensei, até pro pessoal sair de casa, nossa, não posso esquecer meu celular. Você marca um encontro com tal pessoa e vai que a pessoa foi tomar um café ali na outra quadra. Quando eu ia ensaiar com os alunos pra nossa banda, eu até posso ver se eu acho alguma coisa pra te mandar, tem fotos, a gente gravou um vídeo que a mãe de uma aluna filmou e tal. Mas o que aconteceu, a gente ia ensaiar e aconteceu que uma mãe que vinha ajudando, mandar mensagem pra aquela mãe não vir assistir pra gente ficar tranquilo. Mas às vezes a gente queria mudar de lugar pra tal professor não ver, que era... os outros alunos mandavam mensagem no nosso grupo, era aquela coisa da hora. A gente ensaiava na hora do almoço, que era o único horário que estava todo mundo junto. Então se alguém não via aquela mensagem, a pessoa não participava do ensaio, não tinha como, era muito rápido e era assim a gente mudou do CAPE pra sala do lado da computação, pra sala 4. Ah, hoje vai ser na sala de Artes, era na hora que a gente decidia. Então como que a gente vai fazer sem a comunicação? A gente não consegue pensar num mundo desses, a gente não consegue organizar nossos horários.

K – (Risos), que legal! Na utilização do Facebook, queria tentar aprofundar mais essa atividade, acho que você já pontuou isso...

S – Mas eu posso aprofundar, vai lá.

K – Será que conseguimos trazer uma reflexão bem focada nas contribuições do processo de utilização.

S – Eu acho que ele contribui pra gerenciar tempo, pra criar conexões, e conexões assim, o meu papel, eu sou professora, não estou dizendo que virei amiga dos alunos, mas criei certa proximidade com eles, eu aceitá-los como meus amigos, por exemplo, pra poder explicar com mais detalhes as dúvidas.

Criar um grupo no qual eu os coloco como parte, não fez eles me desrespeitarem. Eles entendem que eu sou professora, mas eles acham que eu sou mais descolada porque eu sou mais próxima deles dessa forma, sabe. Eu sinto isso. Tem muito professor que é fechado na escola, que não quer nem saber, que bloqueia tudo, não deixa o aluno mexer em nada, a maioria. Daí ele fala, tem certa permissividade, mas não tem nenhuma regra que proíbe, então sempre aceito os alunos e tal e daí eu sinto que eu fico mais próxima deles.

Várias vezes eles me mandam mensagens, não durante a crise, antes do COVID, eles mandavam, “professora, não entendi o trabalho, é pra hoje mesmo”? E eu, “ah, é pra hoje”. Eles tiravam dúvidas assim, eu acho que cria uma comunicação pra se você tem uma disponibilidade de responder, não é nada que vai te matar ali, que eles querem saber, querem tirar dúvidas deles, “ah, não vou poder ir hoje, estou doente”, me explicava, eu já sabia que não ia fazer fotos, então me ajuda a gerenciar um pouco melhor ali alguma coisa que foge do

meu controle em sala de aula, eu acho que eu posso fazer as explicações melhores e eu me aproximo mais deles, dos alunos.

K – Sim, dos alunos. Ainda na utilização do Facebook, me aponte quais foram as implicações, as dificuldades nesse processo de utilização.

S – Eu diria que uma das maiores dificuldades é o pessoal achar que, por exemplo, essa coisa de você controlar até que parte que você tá, na vida pessoal, os alunos estão na vida pessoal e que você está conectada com eles. Eu nunca tive problema, mas eu vejo muitos professores falando que a gente não deve ser amigo dos alunos porque ele vai criar e ele não vai saber o papel dele (inaudível), e eu sinceramente não acho que é um problema. O maior problema são os outros professores talvez acharem que a gente tá dando muito espaço, que a gente tá querendo ser “amiguinho”, que a gente quer ser igual aos alunos, não necessariamente, entende, a gente só quer tipo, sei lá, é uma outra parte da sua convivência, (inaudível), eu acho que é isso. Eu não acho que se tenha grandes problemas pra mim, nunca tive assim. Até quando eles falam bastante comigo, chega uma hora que eles mesmos param, né, aquela coisa de todo dia. Às vezes eles ficam online perguntando várias coisas, eu respondo, chega uma hora que tipo isso, acabou (inaudível). Mas fica aquele canal ali se eles quiserem.

K – E você, vai criando as regras, vai criando esses limites. Eu acho que uma coisa...

S – Vai meio criando ali com eles e eles vão percebendo. Se eles me fizerem uma pergunta muito pessoal e eu achar que eu não quero responder, ele vai perceber eventualmente, porque eu vou dizer, “ó”, eu nunca tive esse problema. Se eles fizessem, às vezes, durante a aula eles fazem isso às vezes, durante a aula. Não é nem assim, você vê que é uma pergunta muito pessoal que não tem nada a ver, aí eu já falo, “agora aí já ultrapassou o limite”, vamos (inaudível).

K – Eu acho que é o educar como a gente educa para uma aula presencial...

S – A diferença e que fica gravado, então eu acho assim o que você coloca tem que tomar cuidado, você não pode tipo colocar coisas que o aluno pode usar contra você, por exemplo, assim. Nunca aconteceu, que nemeu te falei, nunca aconteceu (inaudível) dos dois lados, era sempre tipo dúvida, vamos melhorar, vamos fazer as coisas se encontrar. E tanto é que a gente está com um jornal da escola, eu tô no grupo do ensino médio (inaudível), a gente tá conversando sobre as questões e eu fiz uma votação com eles, a gente fez um encontro presencial e agora tá tudo por WhatsApp, eles me mandam por e-mail e eu tô revisando os textos deles. Até um outro professor veio me ajudar, porque nunca teve jornal no colégio, a gente quer criar um jornal. E daí eu coloquei nas redes sociais e falei, “gente, votem (inaudível) o nome do colégio”, já saiu a votação agora ficou (inaudível) venceu. A gente criou pelo Google aquela coisa do pessoal votar, os alunos fizeram sugestão de nomes, e divulgando nas redes sociais pra eles participarem da votação do nome do jornal. Eles participaram, a maioria participou, e agora eles vem com ideias, no começo era assim: “ah, vamos falar sobre a COVID 19”, que era uma coisa que parecia que ia influenciar só a universidade, depois tomou essa proporção gigante, e agora a gente tá aprendendo a ver como a gente vai lidar com isso. Então a gente fica conversando sobre o que cada um quer escrever, tem gente que fala: “tenho uma ideia, quero escrever sobre isso”, “vamos fazer uma caixa de problemas que os alunos tenham na escola e vamos discutir no jornal isso com eles”.

Eles mesmos estão dando ideias, a gente quer fazer um jornal digital pra não, por causa da sustentabilidade, não gastar muito, sabe, e trazer muitas coisas da escola, unir esforços, educação física, matemática, química, não ser só português. Português é a parte da escrita, mas tentar unir todo o colégio. E a resistência é sempre um monte de professores que não querem participar e daí fica achando que a gente quer mesmo é se exaltar com essas coisas, e a gente está aproveitando recursos que a gente.

K – É bem isso mesmo, e você tem bastante fluência com essa tecnologia, e aí...

S – Eu não sou tão tecnológica, eu me viro nos trinta, mas tem várias coisas que eles têm que me ajudar senão me perco

K – E eles sabem muito mais. O Classroom, agora curiosidade minha, que nem está aqui, tem uma última pergunta, você está usando o Google Classroom, você já usou?

S – Tô, eu já sabia usar porque tinha no colégio, mas agora a gente tem que usar um outro que é da (SEED), que é o (Escola), acho. Só que aí o maior desafio pra mim lá, é que as atividades lá não fui eu que postei (foi a SEED que postou), e daí dá esse conflito, o grupo é de 91 professores e funcionários militares que estão guerreando o dia inteiro, tipo, “ah, não consegui entrar com a senha”, quase mil mensagens todos os dias, o mesmo problema, as mesmas perguntas, as mesmas, daí você fica assistindo, daí o capitão fala pra esperar todo mundo, tem que esperar que tá tudo certo, a pessoa só vai lá e fala “eu quero mandar, outro, não, não manda”, cada qual (inaudível), é bem assim no grupo aqui. Mas eu já mandei mensagem pros alunos, perguntei como eles estão, sabe, vou conversando com eles, eles agradecem, é bem bonitinho.

K – Eu estou fazendo pelo Zoom, eu chamo os alunos ali, independente, isso,

S – É, lá no colégio a gente não pode fazer tanta coisa ainda, a não ser que eles deixem, então é bem complicado.

K – A última pergunta seria assim. A partir da sua experiência em sala de aula, faça considerações sobre o processo de ensino com o uso da rede social Facebook nas aulas de Língua Portuguesa. Aí pensando mesmo as nossas práticas de oralidade, leitura, escrita, você vê como, como você vê essas práticas?

S – Como eu vejo, que não apenas o Facebook, mas talvez até o Instagram e outras redes sociais, o que ele fez com a escrita. Eu até comprei um livro que chegou hoje, eu estava lendo sobre a arte da escrita, que eu quero aprofundar um pouco mais, como eu vou fazer esse jornal com os alunos, eu comprei a arte de escrever um dia de jornalista. E ele começa falando aqui justamente na apresentação, que é possível escrever bem, e ele vai falando que separar alhos de bugalhos é um longo caminho que se tem, e ele vai falando que as redes sociais atualmente, o que elas fizeram.

E eu acredito, eu vejo isso com uns alunos meus. Fizeram com que a linguagem fosse cada vez mais concisa! Hoje a gente preza muito pela objetividade, eu vejo que os meus alunos são assim, não que eles não consigam escrever uma redação gigante, nem uma super resposta, mas muitas vezes eles ficam naquela coisa lacônica, porque já estão tão

acostumados àquela imagem, com poucas palavras ou comunicação. Então, eu acho que isso influenciou muito na escrita e acho que tem a influência também, que vem com a tecnologia para a escrita, pois eles estão tão imersos nesse mundo que vivem o tempo todo nessa conversa, nessa interlocução direta e instantânea. E isso gera uma outra coisa, que às vezes eles não conseguem esperar, não conseguem maturar e dar uma resposta. Assim, “Você me fez uma pergunta, deixa eu maturar como que eu vou escrever aí”, “Como eu vou responder isso” ou “Como é que eu vou organizar meu pensamento”. Porque eles já querem imediatamente responder. Eu acho que a gente também acaba sendo influenciado por esse processo, essa coisa do imediatismo das redes sociais causa certo estresse em alguns, eu digo na Língua Portuguesa.

E os professores também estavam acostumados com um texto bem planejado, bem elaborado ou muitas vezes só pensando na gramática perfeita, eu não gosto de gramática, só de pensar com a gramática, eu acho que tem que ser mais reflexivo, sabe não curto nem gramática muito, na verdade.

K – Eu também (ar de riso).

S – Mas o que acontece, eu vejo professores que são amantes da gramática, nem vou ficar pensando sobre isso também. E os alunos trazem muitos erros que vem das redes sociais na hora de escrever, um erro gramatical que não vai mudar o sentido da frase, mas evidenciam que a gente tem que saber se apropriar disso, desse uso dessa ferramenta pra não ter um problema também, equilibrar.

Quando eu estou na escola que também tenho que ensinar ao aluno que ele tem que maturar e pensar na resposta dele, tanto é que ele se frustra quando ele não consegue responder em 15 segundos, eu vi, eu falo com um aluno meu assim, ele leu, ele tem que saber responder o que é uma falsa denúncia, eu falei: “Meu Deus, calma”.

Leia sobre os refugiados [atividade que estava sendo trabalhada], observa, tem o tempo de contemplação da imagem, não. Se for como aquela coisa assim, “vou passando, vou passando, vou passando, vou passando”, você não contempla aquela imagem. Acho que eu sinto falta esse resgate, que eu tenho que fazer, e pra mim também. E não ficar tanto tempo lá, eu gosto de redes sociais, mas tento me equilibrar pra eu mesma não passar mal de ficar tanto tempo lá, estar vivendo tanta coisa, tanta fake news, como você falou e tudo mais, lembrando aquela frase do Oswald Andrade que a gente fala o que “ouve”, com “o” e não o que houve com “h”, eu amo essa frase.

K – Como é?

S – A frase do Oswald Andrade, ele fala que a gente diz o que “ouve” com “o”, não o que houve, com “h”, é a *fake news* desde sempre. O estopim da Primeira Guerra Mundial e em 1914 eram várias *fake news* que a Alemanha tinha atacado aqui e tal e ninguém tinha atacado nada, (inaudível), eu vejo assim a gente tem que saber usar a informação, se ela é falsa, se é verdadeira e pra que você vai usá-la, qual o propósito?

Eu penso que se tô numa prova, se eu tô num diálogo, se eu quero escrever minha fala pra mim é muito importante o processo de escrita também. E ele é diferente, eu acho que as ferramentas que a internet possibilita, a gente não pode mais viver sem elas, não tem como pensar o mundo sem ela, não faz sentido, mais do que nunca a gente precisa pensar, mas

como utilizar isso a nosso favor de verdade, como a gente vai usar de forma apropriada encontrando esse equilíbrio assim das relações? Sabendo que eu tenho que dar um tempo pro meu aluno contemplar pra absorver aquilo e não aquele ódio daquelas facções políticas que só passam o tempo inteiro brigando; “ah, eu sou de Bolsonaro, eu sou de Lula”, tem que ter inteligência além disso, eu acho. Mas o pessoal tipo, se você não gosta do Bolsonaro você tem que gostar do Lula, e tipo às vezes não é nenhuma dessas questões, sabe.

Eu vejo que o pessoal às vezes não sabe utilizar a informação que vem nesses veículos, não checa a fonte, pra mim o problema do Facebook é quando a pessoa que tá compartilhando coisas sem fonte, sem saber o que está ali compartilhando como se fosse uma verdade absoluta, só porque eu quero falar disso eu vou dizer que isso aqui é verdade. Eu vou acreditar nisso até o fim, mesmo que não seja, porque (inaudível) que eu quero compartilhar. Então tem causado muita confusão isso de não só olhar o que eu quero compartilhar porque aquilo está no meu interesse, mas tentar dar o tempo de, por isso que eu falo “é bom pra comunicar, pra se organizar, mais eu preciso ter o meu momento de contemplar”, que nem estou falando com você.

Eu preciso absorver essa pergunta e raciocinar o mínimo para organizar o que eu quero te responder, senão eu vou falar várias coisas desconexas que você vai ter que tentar argumentar pra escrever na sua dissertação. Mas eu não posso falar só coisas sem sentido, eu tenho que saber o que tô falando, tenho um papel de fala, eu sou professora de português, como é que eu não, como é que eu vou repassar pra você uma informação totalmente irregular ou que não tenha nexos, não tenha uma linha de raciocínio. Eu posso romper com a expectativa daquilo que do que você estava esperando, devo ter rompido talvez...

K – Hum, hum

S – Mas não significa que eu vou bagunçar pra explicar pra você. E eu falo isso pros alunos, eu vejo muita frustração do imediatismo de quais que não entrou, eu não consegui entender, mas eu não consegui e não quero reler uma vez, ou seja, eu não quero prestar atenção em uma imagem por mais que 15 segundos. Eu estou acostumado a fazer isso. As redes sociais a gente tem que saber como utilizar.

K – Será que a gente, eu vejo assim, que nós professores de Língua Portuguesa já tínhamos todos esses problemas antes. A gente tinha o problema da informação, que a disseminação dela era muito menor, como você falou, as *fake news* remetem a muito tempo, antes da escrita até, a difamação, essa disseminação de mentira, a manipulação da informação, ela já é uma coisa muito antiga. Para mim a rede social está oportunizando o olhar pra isso e trabalhar com os alunos porque todo mundo agora está recebendo uma *fake news*, então isso meio que exige de mim falar disso na sala de aula, era um assunto sobre o qual a gente quase nunca falava, era difícil.

S – Verdade, e não era uma coisa fácil.

K – Então essa coisa de refletir sobre o que você está lendo, e você não precisa ter a resposta imediata, isso o mundo pra mim, o mundo acadêmico, o mundo escolar mesmo, ele exigia que você tivesse, o professor perguntasse e o aluno respondia, levantava a mão e já tinha a

resposta, ficava por conta de quem é o melhor é o que tem a resposta mais rápido. Então isso tudo está sendo questionado agora. Eu tenho olhado.

S – Nem todo mundo tá questionando, esse é o problema.

K – É.

S – Mas a gente tá criando problemas, eu acho. Essa coisa que você falou de quem responde mais rápido é o melhor, cria uma competição que não tem necessidade na escola, eu vejo muita competição no colégio, só que isso é ruim pra eles mesmos porque eles se frustram tanto, tanto, tanto, tanto, tanto. Eu falo uma frase pra eles que eles até zoavam ano passado de tanto que eu falava, “não existe pior nem melhor, nós somos diferentes, porque fica assim eu sei aqui hoje, amanhã pode ser você”, e reconhecer que você não sabe uma coisa (inaudível), mas você tem que aprender isso Guimarães Rosa dizia isso “é tão inteligente você reconhecer que é uma pessoa limitada”. Mas parece que no nosso mundo não, não tem como saber tudo, não tem como, a gente não tem essa habilidade

K – E é essa limitação que leva...

S – Essa coisa da *fake news* que você falou, o ano passado, eu até estou ajudando no processo de seleção do colégio, eles escolheram o projeto, e fiz o negócio de redação. A redação da prova pro ensino médio foi a que eu fiz e eu coloquei essa frase do Oswald Andrade, uma tirinha e uma reportagem da Galileu, uma das últimas edições impressas da Galileu, porque a Galileu chegou ano passado (inaudível) e não vai mais ter edição impressa, agora é só *online* também, as revistas estão saindo de circulação, agora é nesse ambiente *online*. E eu falava sobre *fake news* que estão criando aplicativos e a maior parte da redação era como eliminar isso, e todo mundo respondendo a mesma coisa, eu tive que corrigir as redações e ver o que os alunos pensam sobre isso, é um tema que chama a atenção mesmo. Todo mundo quer saber como resolver esse problema, ao mesmo tempo a gente não para analisar quando (inaudível) com a gente, eu falo isso porque às vezes a gente mesmo já disseminou umas notícias que não eram reais (inaudível/falam ao mesmo tempo), e compartilhou no outro grupo.

K – Tem a coisa de estar correspondendo àquilo que a gente quer e tem a coisa da elaboração, às vezes elas são tão bem elaboradas que passam como uma verdade, achei bem legal, e você falou da expectativa de, e quando você falou de expectativa lembrei do método recepcional na literatura.

S – É nisso que estava pensando, eu gosto de romper porque a vida é muito chata nas coisas perfeitas, não dá certo.

K – Para literatura eu vejo a rede social como um campo fantástico, tanto pra literatura quanto pra linguística.

S – O multimodal está ali o tempo inteiro, som, imagem, movimento.

K – Como que você vê isso? Como foi você ver que você tem que trabalhar com isso o tempo todo agora? Porque é isso, né, a gente não tem como mais, vou falar uma coisa séria, meio louca

S – Não tem como desvencilhar, né?

K – Eu tenho um pensamento meio maluco, fico pensando que a nossa geração, nós que somos professores agora, a gente ainda divide as práticas de leitura, a escrita, né, a gente tenta entender separado a imagem, o texto escrito, o som... Eles estão lendo um vídeo. A gente classifica assim pra analisar, agora vamos analisar isso e tal. Me parece que daqui a alguns anos...

S – Não tenha mais divisão, eu acho

K – É eu acho que os alunos, sei lá, eu tenho dois sobrinhos agora, pequenininhos, de um ano e meio. Parece que essa geração já não vai distinguir dessa forma, não vai fazer uma análise dessa forma, ela vai absorver aquilo como um todo.

S – Eu também acho e tenho essa impressão, exatamente. E as várias linguagens, você falou às vezes você olha pra uma coisa decodificada, uma nota musical, sai um som, é coisa de imagem, é multimodal essa forma, é uma escrita, mas é uma imagem, e quando você vê, por exemplo, num vídeo passando e você começa a imaginar mil coisas. Tem um vídeo que eu gosto muito que eu dou nas aulas que é “Eduardo e Monica” da Vivo de alguns anos atrás.

K – Eles adoram esse vídeo!

S – Siiiiim, os alunos amam! Meu Deus do Céu, eles gostam demais! Eu sempre uso nas aulas, e eu acho legal porque como lá tem computador, dá pra usar Powerpoint pra aula, não só o Powerpoint, mas é legal pegar vídeos na internet, você pega lá um podcast e usa na aula, é tão ilustrador. Tem um canal que fala “tá bom pra você”, daí eu peguei várias propagandas que eles pegavam campanha de margarina, tipo eles fazendo de zoação mesmo, as pessoas negras falando “sabe aquele dia que a pessoa foi promovida, que passou no vestibular, porque negro também come margarina”. Os alunos nunca imaginaram ver aquilo, ficaram chocados, mas era uma coisa, quando eu mostrei pra eles, eles queriam ver mais vídeos e foram procurar, e aí aquela coisa da curiosidade, eles vão por conta. Eu acho que o legal de mostrar o recurso é que você dá o caminho, mas eles continuam se eles se interessam, acho que é isso, é tipo um start que você dá. É o que você pode fazer, você vai ficar um ano com eles e eles vão continuar depois, eles podem te procurar, te perguntar, e é a partir disso.

K – Eu tenho pensado muito se é meu papel dizer pra eles o que eles poderiam fazer na rede social, sabe. Hoje eu dei aula e chamei um jornalista pra conversar com eles pra ele falar qual é o papel do jornalismo, onde o jornalismo se encaixa na sociedade, porque é chamado de quarto poder. De onde que surge o jornalismo e ele foi falando, e como eu o conheço há muitos anos e ele é uma pessoa muito curiosa e isso é uma característica muito legal nele, eu também tive essa coisa de perguntar quem era ele e como ele chegou a ser jornalista, e ele foi contando dessa relação com a informação, e que é uma relação que se ele deixasse a informação vir até ele, ele teria muito pouco acesso a ela, que é mais uma busca. E ele falando essas coisas e eu pensando, meu Deus, eu tenho que dizer pros alunos, você tem um mundo conectado, o mundo inteiro com o Google Chrome então, você traduz site chinês, eu tô lendo

noticias do COVID de jornais internacionais, não dos nossos aqui só, e você traduz tudo isso. Eu acho que é papel nosso dizer pra eles “olha, façam bom uso dessa ferramenta, olha a potência que ela tem”.

S – Mas acho que é isso mesmo, eu acho que você tocou numa parte essencial. É que nem eu te falei, a gente tá ali e a gente às vezes se desconecta, a gente está ali no Face, só que a gente tá no automático, isso que eu estava te falando. Então, saber diferenciar quando eu tô no automático só pra ver as imagens que eu tô descendo pra ver as redes sociais, o feed das pessoas e saber quando eu quero realmente olhar para aquela imagem ali e quero interpretar aquele (inaudível) multimodal, interpretar aquela foto denúncia ali. Porque os alunos não conseguiam ver a foto denúncia como, eu estava discutindo com eles no grupo é como (inaudível) crítica. Eu falei, “porque vocês não conseguem ver”? É um documento tem data que alguém relatando sobre isso. Porque pra eles parece que está tão distante que eu decidi fazer essa análise mais detida. Então eu acho que aí que entra a função do professor tentar fazer ele perceber que ele também tem que parar pra analisar, não é instantâneo. Eu não olhei e entendi, não foi a primeira leitura, às vezes uma imagem precisa de mais de uma leitura, tem que interpretar as expressões daquelas famílias, qual é o fundo, qual é o contexto (inaudível), como essa foto foi tirada, quem foi o jornalista que tirou essa foto, tem tanta coisa, mas parece que na nossa visão superficial passou tudo e não tem nada, fundo é só isso, e não é. É muito mais. Eu acho que é esse equilíbrio que a gente tem, que eu tô tentando buscar ainda, não encontrei, não tenho uma resposta exata.

K – É que é um movimento que a gente também tem que fazer, Sofia,

S – É.

K – Eu acho que a gente, por mais que a gente... (falam ao mesmo tempo)

S – É nossa responsabilidade.

K – Sejamos leitores, sejamos educadores, a gente tem uma atenção maior que eles, a gente procura sempre respirar, refletir sobre aquilo, mas é algo que a gente, professor está aprendendo.

S – Concordo.

K – Na utilização do Facebook aponte quais foram as implicações/dificuldades no processo de utilização.

S – Minha querida, então, a gente escolheu o Facebook porque em 2017 estava bombando o Facebook, eu não tinha Instagram na época, o Instagram, sim eu me bato pra usar, só que eu ainda não tinha. Eu fiz em 2108 o Instagram. Mas o Facebook, que eu tenho desde 2012 era mais tranquilo de usar, e os alunos também, era o que todos eles tinham, a maioria não tinha outras contas, não tinha registro de e-mail, nada, então foi pela praticidade mesmo. O único lugar que a gente podia se encontrar todo mundo era o Facebook naquela época. Hoje em dia eu já diria que seria o Instagram, mas naquela época era realmente o Facebook. E por ser uma coisa da turma secreta, a gente já tinha o grupo da turma e daí se utilizou com outra finalidade mesmo. Assim, implicação, o que eu poderia dizer? Acho que foi bem útil, na verdade, por não, a gente não gastava tanto pra conversar sobre coisas que às vezes a gente podia resolver rapidamente. Por exemplo, a gente ia comprar umas espadas, a gente ia lá e

resolvia como a gente ia fazer isso, ou o que faltava de figurino pra alguém, a gente ia lá e votava, conversava, então era mais tranquilo. Eu achei até que foi melhor, mesmo. Beijo!

K - Você observou dificuldades para utilizar a rede social? os alunos já conheciam? tinham a rede social, já haviam utilizado? Ou você teve que contextualizar alguma coisa para utilizar o Facebook? Outra coisa, você observou alguma dificuldade de sua parte? sentiu dificuldades ou foi intuitivo mesmo?

S – Nenhuma dificuldade, nenhuma. Foi fácil sim, normal.

K – Sofia, deixa eu te perguntar uma outra coisa, você fez uma página no Facebook, você fez uma fanpage, você fez um grupo fechado ou foi na tua postagem pública?

S – Foi um grupo fechado da turma, foi no ano de 2017 ainda, porque era dos 9º anos meus, do Colégio Arthur Ribeiro Macedo, que fica ali no Seminário, sabe. Eu tenho fotos da peça apresentada, acho, acho que devo ter algumas fotos, eu tenho que dar uma procurada pra ver se tem o grupo ainda ativo, mas não tenho certeza. Mas foi tipo aqueles grupinho que só quem é convidado consegue ver.

K – Sofia, uma outra coisa que eu gostaria que você comentasse, no áudio do Whats mesmo, você falou que você fez com que eles entendessem a briga de ódio ali que era infundada, de onde tinha vindo isso. Você acha que isso foi um espaço de debate pra uma coisa contextual? Você buscou um assunto do momento?

S - Sim... cheguei a falar disso, porque primeiro eu levei o livro Romeu de Julieta, contei de William Shakspeare, porque foi meu TCC do curso de Letras quando eu fiz, não foi esse livro mas sou muito fã de Shakspeare. Então eu tentei trazer primeiro essa paixão deles pelo tema, pra você ter uma ideia, e daí a gente fez uma transposição do texto dramático, que não é tão longo, a gente acabou comprando acervo pra ler, a gente leu vários trechos na sala, porque cinco aulas por semana em Português. O que a gente fez? A gente transpôs e escrevi junto com eles uma peça, vou até procurar pra ver se eu acho que é de 2017; mas a gente fez, por exemplo, 12 atos e colocamos cenas diferentes, as cenas mais importantes como a briga de Mercúcio e Teobaldo, quando a cena do balcão, eu vou procurar umas fotos também. E o que a gente fez? Eu gosto muito de trabalhar a questão de bullying, a convivência na escola, que tem a ver com as minhas pesquisas. Para você ter uma ideia a gente apresentou essa peça no dia 2º de novembro, que é o dia da Consciência Negra, não diretamente ligado ao tema da Consciência Negra, mas a questão, o ódio nessa história não tem fundamento nenhum porque a família Capuleto e Montague se odeiam, não tem sentido. E a gente trabalhou que o ódio sem sentido leva a que, menos de três dias seis mortes, que é o desfecho da história. E daí, depois parece que as pessoas precisam passar por tudo isso pra refletirem, e foi legal porque a gente até comprou espadas de plástico pros meninos fazerem as cenas de lutas, ensaiou várias vezes, a gente ensaiou tanto lá, que a gente gostava dar *feedback* do que podia melhorar pro dia. Eu vou dar uma procurada pra ver se eu acho algumas fotos aqui.

ENTREVISTA PROFESSORA 2

Juliana

K - Olá Juliana, tudo bem? Você respondeu o questionário da minha pesquisa de mestrado apontando que havia trabalhado com o Facebook e com *fake news*. Você se lembra dessa prática para descrever para mim? Meu objetivo é compreender o processo pedagógico nas aulas de língua portuguesa quando se utiliza a Rede Social na Internet Facebook.

J – Oi Keila, tudo bem? Está sendo mais corrido o dia do que eu planejava inicialmente. Então assim, não sei se exatamente esse tipo de informação que você quer e que você precisa, mas é que assim, o que a gente fez no ano passado lá na escola em que eu trabalho, uma proposta de redação que eu trabalho, sou professora, trabalho só com produção de texto, sou professora exclusivamente na escola pela qual eu sou contratada, e a gente quase todo ano a gente faz uma redação sobre *fake news*, ou uma redação cujo gênero seja o debate virtual ou fórum virtual e daí se aproveitou e conciliou meio que as duas coisas.

Teve uma postagem, acho que no ano passado, ano passado? Acho que foi isso, ano passado sobre o lançamento da 3ª temporada do seriado “La Casa de Papel”, então a gente pegou um tema que a gente achou que eles fossem gostar que a gente achou que poderia ter um grande número de alunos que se interessassem pelo caso do seriado que é bem popular, digamos assim, não foi nada de tema polêmico ligado a política ou que pudesse gerar muita controvérsia, controvérsia na sala de aula, mas a publicação trazia uma notícia falsa de quando seria o lançamento do seriado.

E daí o que foi solicitado, foi explicado a questão das *fake news*, que nem sempre quem publica a *fake news* tem essa intenção de publicar, às vezes acaba sendo uma inocência, ou o meio de comunicação que veicula uma notícia que não é comprovada às vezes acaba fazendo pela ânsia de querer ser os primeiros a divulgar, noticiar alguma coisa e tal, mesmo que aquilo não tenha tido essa comprovação necessária. E com isso as notícias falsas se espalham mais ainda, porque daí a pessoa vê lá um site ou uma página no Facebook ou Instagram que está noticiando toda uma série que tem um apelo grande assim, pessoas que assistem.

E daí você pensa, pô, se vocês que são especialistas nisso, em seriados, em esse viés do entretenimento tão divulgando informação errada, imagina que desserviço você está fazendo para a sociedade e tal, eles tinham que fazer meio que o um comentário de Blog, estava dentro de gênero a postagem deles. Claro que, opa, pêra aí, essa produção de texto não foi feita na página em que foi veiculado esse texto. Eu vou até achar a proposta pra te mandar, foi feita no papel só, mas foi usada como base a rede social que aquilo foi veiculado, que aquela matéria foi veiculada; não sei se isso ajudaria, se seria mais ou menos isso que você estava esperando que eu dissesse até que fosse essa situação que vai te ajudar.

Em relação a rede social, que não é necessariamente Facebook, Instagram e tal, mas desde o ano passado, antes dessa questão de pandemia e de distanciamento social, ano passado eu já usava o Google Classroom como meio dos alunos mandarem as produções de textos, encaminharem trabalhos, então não sei se tem alguma coisa a

ver também com isso o seu trabalho do mestrado, se isso pode contribuir de alguma maneira.

Em relação à obrigatoriedade de trabalhar com redes sociais ou coisas assim, não existe nenhuma. A gente faz, tipo eu e os outros professores a gente faz, juntamente com a nossa assessora, a gente faz o planejamento com bastante antecedência do que a gente quer abordar no bimestre, então o bimestre só começa quando está tudo pronto basicamente e a gente discute entre nós assim o que achou de interessante e que poderia aproveitar nas produções de texto. Então na verdade a escola não interfere nisso. Nós temos, claro, alguns gêneros que precisam ser trabalhados, mas, por exemplo, lá dentro do gênero de textos de opinião a gente pode trabalhar várias propostas, pode trabalhar carta, pode trabalhar daí comentário de blog, pode sei lá, fazer debate virtual, então isso a escola não delimita, tá. Ela só prevê logicamente alguns tipos de texto que têm que ser trabalhados.

K – Juliana, na utilização do Facebook aponte quais foram as contribuições que você percebeu no uso da rede social?

J – Os alunos gostaram, assim, eles ficaram surpresos na verdade, com a questão da mentira do lançamento da 3ª temporada porque parecia muito verdade, então a gente aproveitou essa questão assim para mostrar pra eles o quanto é importante não acreditar em tudo que está na internet, parece meio bobeira, eles até brincam com isso, ah, se tá na internet é verdade e isso vira piada, mas eles não percebem o quanto tantas vezes eles caem nisso, de não verificar outras fontes, de não perceber às vezes alguma inconsistência na própria postagem ou nas imagens. No caso da Casa de Papel, tava, a notícia tava junto com uma imagem de um cartaz assim do lançamento da 3ª temporada, mas esse cartaz na verdade era uma montagem que alguém fez, colocou na rede e daí esse site IGM, que é um site específico de games e entretenimento caiu, tipo acabou pegando aquilo e quis publicar, sem verificar se era verdade ou não. Vou te mandar o cartaz inclusive.

Então esse cartaz é que estava vinculado ao lançamento, digamos assim da 3ª temporada. Mas ele, olhando rápido parece que não tem nada de errado com ele, mas numa análise mais aprofundada, pelo menos de um site que é especialista em divulgar informações de entretenimento, jogos, etc., como foi do caso da proposta deveria ter percebido que a moeda que está ali é uma moeda de R\$1,00 (um real), que não tem, é cadê ali a parte do 3ª temporada, a 1ª e a 2ª, na verdade não foi nomeada de temporada, foi parte 1, parte 2, e daí seguindo a lógica deveria ser parte 3 e não 3ª temporada, e outras questões assim que deveriam ter sido analisadas pra não cair nessa informação e não acabar criando aí uma falsa expectativa do lançamento. E eles escreveram a respeito disso e eles gostaram bastante porque daí eles passaram a perceber coisas que eles não estavam percebendo nas postagens.

K – Na utilização do Facebook aponte: quais foram as implicações/dificuldades no processo de utilização?

J – Como é uma rede social conhecida de todos os alunos, por mais que a atividade não tenha sido desenvolvida na plataforma (apenas usada como contexto), serviu para que eles percebessem que as *fake news* podem realmente aparecer em qualquer lugar e não apenas nos grupos de WhatsApp. Então não houve dificuldade.

Ah, sim! Então, como foi uma *fake* (não proposital) de uma *fanpage* voltada a jogos e a entretenimento em geral, muitos alunos já conheciam e seguiam inclusive. Alguns que não conheciam quiseram entrar pra ver se era verdade que a página existia e era séria (e é, tanto que houve retratação em relação à notícia). Então foi questionado em sala de aula o quanto essa retratação era válida, já que pela internet tudo se dissemina muito rápido e nem todos que tiveram acesso à notícia viram a retratação posteriormente. Isso serviu pra fazê-los perceber a importância de verificação de qualquer informação. Senti que ficaram bem "de cara" ao ver a postagem e eles mesmos concluíram que daquela vez era só uma data errada de lançamento de série, mas que outros assuntos sérios poderiam não ser corrigidos só com uma retratação

APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

Autor responsável: Keila Vieira de Lima Pieralisi

Você está convidada a participar voluntariamente do trabalho de pesquisa respondendo um questionário semiestruturado e entrevista.

Antes de concordar, faça as perguntas que julgar necessárias ao seu esclarecimento pelo endereço: kekavl@gmail.com.

1. A pesquisa tem por objetivo explorar como se mostra o processo pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa quando se utiliza o Facebook.
2. Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo, que informam sobre o procedimento: as suas informações são fundamentais para a obtenção dos dados para esta pesquisa; o questionário será realizado por formulário online e a entrevista será pelo WhatsApp e aplicativo de vídeo. Você receberá este termo de consentimento livre e esclarecido por email e pelo WhatsApp de forma que preciso que você preencha e me devolva com os dados.
3. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que porventura lhe causar algum constrangimento.
4. A sua participação como voluntária não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza.
5. Caso você participe da pesquisa não haverá qualquer problema institucional, risco ao seu emprego e à sua profissão, uma vez que todos os dados que possibilitem sua identificação serão mantidos confidenciais, como regula a resolução 196/96.
6. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.
7. Essas informações poderão ser utilizadas como dados de pesquisa e em produções acadêmicas realizadas pelo Grupo de pesquisa GEPPETE/UFPR e seus membros. Para tanto, preservaremos sua identidade e só divulgaremos os dados com a sua autorização.
8. A assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido será virtual e, portanto, autenticada pelo nome completo do participante e seu endereço de e-mail.

Eu _____, confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Email: _____.

Cidade: _____, _____ de _____ de 2020.

Participante: _____.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Teoria do romance I: a estilística**. Equipe de tradução do russo: Paulo Bezerra, et al. São Paulo: Editora 34, 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 287-301, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200007&lng=en&nrm=iso Acesso em 09 ago. 2020.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, NILZA GODOY. **Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração**. Revista Educação e Sociedade. v.29, n.104. Campinas, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf> Acesso em: 01 de ago 2020.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x> Acesso em: 17 out. 2019.

BOYD, Danah M.; Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. PAPACHARISSI, Zizi. In: **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**, Ed. Zizi Papacharissi, p. 39-58, 2010. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/2010/SNSasNetworkedPublics.pdf> Acesso em 17 out. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, MEC, Brasília 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 01 out. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, MEC, Brasília 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 01 out. 2019.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, p. 15-30, 2009.

BUENO, Natalia de Lima. **O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 1999.

BRITO, Glaucia da Silva; SIMONIAN, Michele. Conceitos de Tecnologias e Currículo: em busca de uma integração. In: HAGEMEYER, Regina Céli; SÁ, Ricardo Antunes de; GABARDO, Cleuza Valério (Org.). **Diálogos Epistemológico e Culturais**. Coleção Pesquisa em Cultura e Escola. Editora W.A, Curitiba, Paraná, p. 181-202, 2016.

BRITO, Glaucia da Silva.; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um re-pensar. 2. ed. Curitiba: lbpex, 2008.

BRITO, Glaucia da S.; KNOLL, Ariana Chagas Gerson; SIMONIAN, Michele. Grupos de Pesquisa: o acolhimento aos habitantes, visitantes e transeuntes de um ambiente virtual. **Kur'yt'yba**, v. 2, n. 1, p. 139-156, 2013.

BRITO, Glaucia da S. O uso de tecnologias digitais e o ensino de Língua Portuguesa. In: Scherer, Suely (org.). **Tecnologias Digitais no Currículo dos Anos Iniciais**: relatos de práticas em uma escola. Campo Grande, MS: Life Editora, 2019.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução Ricardo Giasseti. São Paulo: Aleph, 2009.

BUCHOLTZ, Mary. **The politics of transcription**. Journal of Pragmatics, 32, 2000. p. 1439–1465. Disponível em:
http://icar.cnrs.fr/ecole_thematique/tranal_i/documents/Buscholz_Transcription.pdf
 Acesso em: 12 ago. 2020. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00094-6](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00094-6).

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. A literacia da informação na formação de professores. TONUS, Mirna; CAMAS, Nuria Pons Vilardell. **Tecendo fios na educação: da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor**. Curitiba: CRV, p. 47-68, 2012.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell; MENGALLI, Neli Maria; BUENO, Maysa Brum; RIBEIRO, Renata Aquino, & MANDAJI, Monica. Facebook and Moodle as Classroom Extensions: Integrating Digital Technologies in the Curriculum. In: BENSON, Vladlena; MORGAN, Stephanie. (Orgs.) **Implications of Social Media use in Personal and Professional Settings**. IGI Global, p. 155-173, 2015.

CASTRO, Gilberto de. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, p. 175-202, 2010a.

_____. Bakhtin e a Análise do Discurso. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**: Três épocas histórico-analíticas. Uberlândia, MG: EDUFU, p. 88-118, 2010b.

_____. **Discurso citado e memória**. Ensaio Bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo. Chapecó: Argos, 2014.

CASTRO, Gilberto de; DO NASCIMENTO, Bruna Silva. O círculo de Bakhtin e suas possíveis contribuições aos debates teóricos no campo da Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 25, p. 01-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e66383> Acesso em: 22 jan. 2020.

CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil** - TIC Kids Online Brasil, 2018.

DREVEZ, Aleta Tereza; BRITO, Glaucia da Silva. **A prática Docente na Disciplina de Introdução à Fotografia com o uso das Tecnologias Digitais e Educacionais**, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0058-1.pdf> Acesso em 3 fev. 2020.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: Uma Introdução. São Paulo: Unesp, Boitempo, 1997.

Facebook Guide for Educators. Disponível em: <https://www.ednfoundation.org/wp-content/uploads/Facebookguideforeducators.pdf> Acesso em: 22 fev. 2020.

Facebook Guide for Educators. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/facebook-safety/introducing-a-facebook-guide-for-educators-and-community-leaders/625839830770136/> Acesso em: 22 fev. 2020.

FERREIRA, Jacques de Lima, CORRÊA, Barbara Raquel do Prado Gimenez; TORRES, Patrícia Lupion. **O uso pedagógico da rede social Facebook**. Colabor@-A Revista Digital da Cva-Ricesu 7, nº. 28, 2013.

FERREIRA, Jacques de Lima; MACHADO, Mércia Freire Rocha Cordeiro; ROMANOWSKI, Joana Paulin. A rede social facebook na formação continuada de professores: uma possibilidade concreta. **Atos de pesquisa em educação**, v. 8, n. 2, p. 550-567, 2013.

FRAGOSO, Suely. **Eu odeio quem odeia**: Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na tomada do Orkut. In: E-Compós, 2006. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/89> Acesso em 10 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, Gilberto. **Pela Internet 2**. Rio de Janeiro: Gege Produções Artísticas, Music, 2018. Faixa 1. Extended Play.

Guía de Facebook para educadores. **Una herramienta para enseñar y aprender**, The Education Foundation, 2014. (e-book)

ITO, Mimi., **A New Set of Social Rules for a Newly Wireless Society**, 2003. Disponível em: <http://mizukoito.com/blog/a-new-set-of-social-rules-for-a-newly-wireless-society/> Acesso em 10 jul. 2020.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Editora Intrínseca, 2011. (e-book)

KNOLL, Ariana Chagas Gerzson; BRITO, Gláucia da Silva. **Tecnologia e Educação: Vamos ouvir o professor?** Educere, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6368_3591.pdf Acesso em 10 Jan. 2020.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: Lemos, André e Cunha, Paulo (orgs.) **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, p. 12-23, 2003.

_____. **Ciber-cultura-remix**, 2005.

_____. **Cibercultura como território recombinate**. São Paulo: ABCiber, p. 38-46, 2009. Disponível em: <https://edumidiascomunidadesurda.files.wordpress.com/2016/05/andrc3a9-lemos-cibercultura-como-territc3b3rio-recombinate.pdf> Acesso em 25 jul. 2020.

_____. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. André Lemos: entrevista **Educar na Cultura Digital** [30 de nov. 2010]. Entrevista cedida na Bienal de São Paulo, São Paulo, 2010b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hCFXsKels0w> Acesso em: 12 set. 2019.

_____. **Realidad aumentada. Narrativa y medios de georreferencia**. In Sanchez, Amaranta (org). Mobile. Reflexion y experimentation en torno a los médios locativos en el arte contemporaneo en México., Consejo Nacional para La Cultura y las Artes / Centro Multimedia. CENART, México, DF, 2013, pp. 85-103.

_____. **Cibercultura e mobilidade**: uma era de conexão. Razão e Palavra, v. 22, n. 1-100, p. 107-133, 2018.

_____. **Os Desafios Atuais da Cibercultura**, LAB 404: Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaços, 2019. Disponível em: <http://www.lab404.ufba.br/os-desafios-atuais-da-cibercultura/> Acesso em 04 jan. 2020.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. **Experiência algorítmica**: ação e prática de dado na plataforma Instagram. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/40472/pdf> Acesso em: 07 agosto 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo no século XXI: O Modelo# mídiaNINJA**, e-book galaxia. 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. **Tecnologias e Ensino Presencial e à Distância: Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Papirus, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; FERREIRA, Jacques de Lima. A utilização da rede social Facebook no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira dos. (Orgs.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, p. 387-402, 2014.

MAZIERO, Stela Maris Britto. BRITO, Glaucia da Silva. **Conceitos de Tecnologia e Cultura Digital: Implicações no cotidiano das escolas do Paraná**. Educere, 2015.

PAVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. Facebook: um estado atrator na Internet. In: LEFFA, Vilson; ARAÚJO, Júlio. **Redes sociais e ensino de línguas**. Rio de Janeiro: Parábola, 2016.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PIERRO, Bruno de. O mundo mediado por algoritmos. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 266, p. 18-25, 2018.

PINHEIRO, Petrilson Alan; FELÍCIO, Rosane de Paiva. **Copiar-colar e remix: o que a escola tem a ver com isso?**. Calidoscópio, v. 14, n. 1, p. 59-69, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.141.05> Acesso em 11 out. 2019.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre. **Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons** [online]. Salvador-Ilhéus: EDUFBA EDITUS, 2017. <https://doi.org/10.7476/9788523220204>

QUAN-HAASE, Anabel; WELLMAN, Barry. **Physical Space and Cyberspace**. In: Community in the Digital Age, p.436 - 455, 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais no Ciberespaço: Uma proposta de Estudo**. Rio de Janeiro: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005a. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0096-1.pdf> Acesso em 12 julho 2020

_____. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005b. Disponível em:

<<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/57>>. Acessado em 16 nov. 2019.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009a.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Raquel_Recuero2/publication/259328435_Redes_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf Acesso em 09 mai. 2020.

_____. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009b. Disponível em:

<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> Acesso em 12 jul. 2020.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar**: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso, XXVIII (68):114-124, maio-agosto 2014. Disponível em:

<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acessado em: 11 jul. 2019.

_____. Rede Social. In: AVORIO, A.; SPYTER, J. (Org.). **Para Entender a Internet**: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Livro colaborativo gerado em paraentender.com. E-livro: Nãozero, 2015. Disponível em:

<http://paraentender.com/sites/paraentender.com/static/pdf/livro.pdf> Acessado em: 11 jul. 2018.

_____. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, Raquel. GRUZD, Anatoly II. **Cascatas de Fake News Políticas**: um estudo de caso no Twitter. *Líbero* – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 31-47, mai-ago. de 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf> Acessado em: 11 set. 2019.

RECUERO, Raquel. SOARES, Felipe B. **O discurso da desinformação sobre a cura do COVID-19 no Twitter**: um estudo de caso, 2020. Disponível em:

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/84/101>. Acesso em: 20/04/2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROMANELLI, Geraldo. **A entrevista antropológica: troca e alteridade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, p. 119-133, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 02 julho 2020.

SANCHO, Juana Maria. A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: SANCHO, J. M. (org.) **Para uma tecnologia educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 23-49.

DOS SANTOS, Daniel. **O Facebook como recurso na formação contínua de professores de português língua estrangeira**: Uma abordagem ecológica. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS, v. 22, n. 43, p. 189-209, 2018.

SANTOS, Rosemary; SANTOS, Edméa Oliveira. **Cibercultura**: redes educativas e práticas cotidianas. Revista Eletrônica PesquisEduca, v. 4, n. 7, p. 159-183, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/226> Acesso em: 16 ago. 2018.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf Acesso em 16 set. 2020.

SANTOS, Edméa O. Articulação de saberes na EAD on-line: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (Org.). **Educação on-line**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 219-232.

SANTAELLA, Lúcia. **Desafios da ubiquidade para a educação**: novas mídias e o ensino superior. Revista Ensino Superior UNICAMP, Campinas v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf Acesso em: 02 mar. 2018.

SILVA, Marco. Paulo Freire, Vygotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira usariam WhatsApp! In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (orgs.) **WhatsApp e educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador-BA, EDUFBA, 2017. <https://doi.org/10.7476/9788523220204>

SILVA, Claudiene Diniz da. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-AX2J6S/1/1707d.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

VOLOSHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WESTMINSTER, Hub. **Facebook Guide for Educators**. London: The Education Foundation, 2013.

WELLMAN, Barry. Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. In: Digital Cities II: **Computational and Sociological Approaches**, edited by Makoto Tanabe, Peter van den Besselaar and Toru Ishida, Springer, Berlin, p. 10-25, 2002. Lecture Notes in Computer Science, vol 2362. Springer, Berlin, Heidelberg. https://doi.org/10.1007/3-540-45636-8_2

WRITERS, Staff. **30 Regras importantes para Professores no Facebook**, 2011. Disponível em: <http://tempxyp2440ym0wn.blogspot.com/2011/06/30-important-rules-for-professors-on.html> Acesso em: 28 mar. 2014.